Ed. Nº 2224

2 h - 182 pags 1 lámina

Albano Bellino

INSCRIPÇÕES E LETTREIROS

DA

Cidade de Braga

E

ALGUMAS FREGUEZIAS RURAES

D.FR.BRTHOLONE'A.MARTYRIB'.ÆCHP'.BRAC.HISPANIÆ.RIMAS.ORDI
NIS.PRÆDIC:EX DECRETO.CÕCILII TRI.SVB PAPA PIO IIII ANO DNI.1563.
VLT°.CELEBRATI.SEMINARIV.HOC EX QVO.BONIS.TVM MORIB.TVM DIS
CIPLINIS.INFORMATI.SACERDOTES.PARIECIIS.PRÆFVTVRI.PRONE
RENTVR.EX ÆDIFICARI.IVSSIT IDQVE.DIVO.PETR°.APOSTOL°
DICATVM.VOLVIT.ANNO.SALVTIS.NOSTRÆ.1572.

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
80, Rua da Fabrica, 80

1895

Ao Ex.mo Snr.

Dr. Emilio Hübner

Off.

m.to respeitosamente

O auctor

INSCRIPÇÕES E LETTREIROS



C. Albano Bellino



Entrou no prélo em principios de Novembro de 1894,
e concluiu a impressão em Julho de 1895.



Albano Bellino

INSCRIPÇÕES E LETTREIROS

DA

Cidade de Braga

E

ALGUMAS FREGUEZIAS RURAES

D.FR.BRTHOLOMẼ A MARTYRIB. ARCHP. BRAC.HISPANIÆ.PRIMAS.ORDI
NIS.PRÆDIC:EX DECRETO.CÕCILII TRI.SVB PAPA PIO IIII ANO DNI.1563.
VLT^o CELEBRATI.SEMINARIV.HOC EX QVO.BONIS.TVM MORIB.TVM DIS
CIPLINIS.INFORMATI.SACERDOTES.PARIECIIS.PRÆFVTVRI.PRONE
RENTVR.EXÆDIFICARI.IVSSIT IDQVE.DIVO.PETRo APOSTOLo
DICATVM.VOLVIT.ANNO.SALVTIS.NOSTRÆ.1572.

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
80, Rua da Fabrica, 80

1895

Á

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Á

Sociedade de Geographia de Lisboa

Á

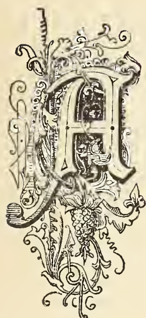
Associação Patriotica Primeiro de Dezembro

O. D. C.

Em testimunho de respeitosa consideração

O SOCIO

Albano Bellino.



CIDADE de Braga presta-se amplamente, como poucas localidades, ao estudo geral da epigraphia, por se haver distinguido entre as mais antigas atravez de dominações estranhas.

O seu Convento Juridico, (Chancellaria Romana), prova evidentemente a importancia que tivera n'esses tempos remotos.

A existencia de numerosas inscripções romanas, ainda sobterradas, confirma-se pela facilidade com que em pequenas escavações casuaes tem sido encontradas, muito principalmente na parte sul da cidade, desde Maximinos ao Hospital de S. Marcos, e alinhando depois com a egreja da Sé.

Temos no Campo das Carvalheiras, expostos á acção do tempo e ao vandalismo destruidor, alguns cippos milliarios de reconhecido apreço,

ignorando-se infelizmente os sitios onde foram encontrados.

Ao lado d'elles vê-se esta columna memorativa do avivamento das inscripções, e da sua remoção para aquelle local, no tempo do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles:

ILLUSTRISSIMUS ET EXCELLENTISSIMUS DD
ROTHERICIUS DE MOURA TELLES HISPANIARUM
PRIMAS MAIESTATIS REGIÆ ASTATUS CONSILIO
BRACHARÆ AUGUSTÆ DYNASTES ET AMPLIATOR
ROMANORUM IMPERATORUM COLUMNAS OB
TEMPORIS INJURIAM VETUSTATE COLLAPSAS
AB IMIS ERUTAS FUNDAMENTIS DE NUO EREXIT
AC RESTITUIT CHARACTERISTICA INSCRIPTIONUM
ELEMENTA OBSCURITATE IN VOLVTA ET PENE
ILLISAPROR SUS ELVCIDAVIT: ETAD CLARIO
REM POSTERIS NOTITIAM TRASFUNDENDAM
NOVIS CHARACTERIBUS MARMORE FIDELITER
INCIS IS JUXTA BASILICAM B. V. MATRI DICATAM
HOC MONUMENTUM PERPETUO DURATURUM
INSTAURARI ET SERVARI PRÆCEPIT. PONTIFI
CATUS SUI ANNO XXI. SALUTIS HUMANÆ

*

As restantes inscripções, votivas e funerarias, acham-se dispersas pela cidade, em muros, quintaes e edificios, e todas sujeitas a um completo desapparecimento.

E' que em Portugal, bem ao contrario das outras nações civilisadas, apenas cabem louvores á iniciativa particular, pelo que faz em favor das descobertas d'esses monumentos archeologicos, e da sua conservação.

O museu archeologico do Carmo, em Lisboa, (para lembrarmos um dos primeiros exemplos no assumpto), só á iniciativa particular é devedor da existencia que tem.

Como é sabido, a actividade dos nossos governos absorve-se, por completo, no que diz respeito aos interesses da politica; e difficilmente se consegue obter d'elles qualquer verba destinada a um fim tão patriotico!

*

E' por isso um acto de justiça louvar a vereação bracarense de 1857, que, em officio de 14 de Julho d'esse anno, pedira á Confraria de Nossa Senhora-a-Branca auctorisação para collocar no adro da sua egreja 14 cruzes de *via sacra,* que estavam levantadas desde o antigo Campo da Vinha (hoje de D. Luiz I) até ao amplo Campo de Santa Anna.

São simples, mas curiosas, nos seus dizeres seguintes:

I.ª	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª
AQVI	AQVI	AQVI	AQVI	AQVI
ASO	PVZ-	CAH	ENC-	ALVG-
VTA	ERAO	IO O	ONT	ARAO
RAO	A CR	S.or Co	ROV	A SIM
AO S-	VS. A	A CRV	A SR.ª	A.õ C-
NOR	S COS	S E. T	A SEV	IRIN
E O C-	TAS	ERR	AMA-	EO.
ORO-	O S.or	A P.ra	DO F.o	
ARAO		VES		
DE ES-				
PIN-				
HOS				

6.ª	7.ª	8.ª	IX
AQVI	POR	AQVI	AQVI
LIM-	TA IV	FALOV	CAHI
POV	DIC-	O S.or	O OS
VER-	IAR-	AS F	ENHO
ONI	IA ON	As DE	R 3.ª V
CA O-	DE O	HIE	ES EM
ROS	S.or CA	RVS	TERRA
TO. D	HIO	ALE	
O S.or	Ē Tra	M.	
	A 2.ª		
	VES		

X	XI	XII	XIII	XIV
AQVI	AQVI		ONDE	HEO
DES	PREG		DESCE	SEPVL
PIRAM	ARAO		DO O-	CHRO
AO S.OR	AO S.OR		CORPO	ONDE
P.A OC-	NA CR		DE NOS	FOI DE
RVCIF	VS		SO SAL-	POSSI-
ICARE			VADO.R	TADO
			DA	O COR
			CRVS	PO DE
			FOI	CHRIS
			POSTO	TO A
			NOS	TE A
			BRA	RESSV
			ÇOS DA	REIÇÃ
			VIRGẼ	
			NOSSA	
			SENHO	
			RA	

*

Depois dos estudos da epigraphia romana, relativos a Braga, e desenvolvidos pelos mais notaveis archeologos da Europa, tornava-se indispensavel preencher uma lacuna paleographica, colleccionando as Inscripções e Lettreiros da cidade e suas immediações, posteriores a essa epocha do povo romano: e é o que procurámos levar a cabo, com escrupulosa exactidão, copiando fiel-

mente o que encontrámos gravado em edificios publicos, muros, egrejas, e outros locaes.

Bastante mais agradavel ao estudioso, que a versão de todas as inscripções, devem ser esses apontamentos, que as acompanham, colhidos por nós em archivos publicos, e não poucos d'elles ainda ineditos.

De tudo possuimos copias exactas com as respectivas indicações.

*

Ha mais de um anno, que nos entregámos á colleccionação de apontamentos para a historia do Convento de S. Francisco de Guimarães, cujo archivo se desfizera em 1834; vendo-nos forçados por isso a interromper esse trabalho, até que obtenhamos copias de documentos importantes, existentes no Porto e em Lisboa.

D'essa interrupção nasceu a ideia do presente livro, que logo a principio merecêra os applausos d'alguns amigos.

N'este numero está o snr. dr. Martins Sarmento, archeologo distinctissimo, que em uma das cartas com que nos costuma honrar, dizia o seguinte:

«Acho muito interessante o trabalho de que me falla».

«Não será essa a opinião commum, que mal comprehende que se gaste tempo com o que chama inutilidades: para o commum do publico só é

util o que rende, e por isso nos vamos cretinisando d'um modo vertiginoso».

«Persista na sua tentativa, e deixe prègar os utilitarios».

*

Em Janeiro do corrente anno principiára a sua publicação, em Lisboa, a interessantissima revista intitulada — ARTE PORTUGUEZA, inserindo no seu primeiro numero o valioso artigo *Inscripções Portuguezas*, de que é auctor o muito esclarecido secretario perpetuo da Sociedade de Geographia, o snr. Conselheiro Luciano Cordeiro.

Excerptamos do referido artigo os periodos que se seguem, para que se conheça o interesse d'este trabalho novo no genero:

«E' claro que os seguintes apontamentos, desordenadamente recolhidos e reunidos, não têm a menor pretenção a iniciar um *Corpo de inscripções Portuguezas*, que, aliás, era tempo de começar-se».

«Estas notas dispersas, que a piedade domestica, a prosapia genealogica, a vaidade individual, o culto civico, escreveu na pedra ou no bronze dos monumentos ou das campas, tem, sob varios aspectos, um irrecusavel interesse critico; alem de que são, frequentemente, verdadeiras revelações historicas».

«Parecerá até impertinencia querer demonstrar ainda a utilidade da sua colheita e registro».

«Ora, todos os dias ruem os monumentos; e vão-se apagando e desapparecendo as legendas tumulares, por esse paiz fóra».

«É, com tudo, tão facil, tão agradavel passatempo até, conserval-as!».

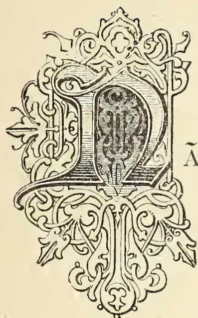
Terminaremos, deixando consignado aqui o nosso agradecimento a todos os cavalheiros, que nos permittiram busca franca de documentos em varios archivos da cidade; cumprindo-nos especialisar os ex.mos snrs. Arcebispo Primaz D. Antonio José de Freitas Honorato, e D. Manuel Martins Alves Novaes, assim como os snrs. Manuel Antonio da Silva Ramos, illustrado official da repartição de fazenda districtal, Antonio Alves Pinheiro, intelligente escrivão do Registro Geral, e os Reverendos José do Egypto Vieira, sympathico abbade de S. João do Souto, e dr. João Nepomoceno Pimenta, bondosissimo vice-reitor do Seminario Archidiocesano.

Braga, 10 de Julho de 1895.

Albano Bellino.

*

Damos agora logar á Carta-Prefacial seguinte, repleta de conselhos e indicações, que nunca deixaremos d'aproveitar em nossos estudos predilectos:



ÃO deixa de ser prestimoso o trabalho a que o *Albano Bellino* se déra — n'esta nossa Braga adoptiva e nos suburbios d'ella — em colleccionar em volume as INSCRIPÇÕES E LETTREIROS com que n'uma e n'outra parte deparára, posteriores aos inicios da independencia patria.

Mostra n'isso que fez — com testimunhos inconcussos — que o *Albano Bellino* tem simultaneamente *amor patrio* e *patriotismo:*

Amor patrio — no intenso affecto natural, que sagra d'alma e coração ao solo residencial, como se fôra o solo natalicio, em que vivêra e convivêra com os progenitores e os amigos; acalentando no espirito — em affagos indeleveis — as inclinações e propensões da vida inicial.

Patriotismo — no desejo fervoroso e empenho indefesso de contribuir para o renome patrio, galvanisando-lhe os progressos na maxima plenitude, e concorrendo assim para a illustração, para a moralidade, e para a independencia nacional.

*

Nephelibatas achará, meu *Albano Bellino,* que nem sequer sonhem differenças entre *amor patrio* e *patriotismo.*

Achal-as-hiam forçosamente, se elles estudassem como o *Albano Bellino* estuda — não a rendilhar *phrases hybridas* de sonoreidade bombastica, mas a soletrar em reliquias do *passado,* com vigilias e vigilias, os testimunhos do viver e crêr dos que nos precederam a nós.

Faça por isso a esmola de lembrar ao menos a esses *nephelibatas* — famintos de sciencia — os SINÓNIMOS CASTELLANOS de *Don Jeseph Lopez de La Huerta:* e aponte-lhe o trecho LXIII, pag. 94 a 96, onde elles acharão o seguinte:

«El *amor á la patria* es un afecto natural; el *patriotismo* es una virtud».

«... el *amor á la patria* és al patriotismo, como le *ceguedad* de un amante al *zelo* de un buen amigo: *aquel* cree que no hay cosa mejor que lo que ama; *este* procura que no haya cosa mejor que lo que estima».

*

Prosiga por tanto, meu *Albano Bellino,* estudando como estuda — robustecendo-se practicamente na arena paleographica, á luz e ao calor dos mestres na especialidade.

Continue a folhear, com mão diurna e nocturna, a PALEOGRAFIA ESPAÑOLA do *Padre Estevan de Terreros y Pando,* antigo preceptor de mathematica no collegio Imperial da Companhia de Jesus em Madrid.

Não se adstrinja comtudo a este só mestre paleographo, que na pag. 11 se lembrára garbosamente do CAMÕES nos LUSIADAS — embora até hoje nenhuma MONOGRAPHIA CAMONIANA o tenha lembrado n'esta parte.

Manuseie pausadamente o *Padre Andres Merino de Jesu Christo,* religioso professo das Escholas Pias da provincia de Castella: e achará n'elle subsidios amplissimos na sua ESCUELA DE LEER LETRAS CURSIVAS, *antiguas y modernas, desde la entrada de los Godos en España.*

E não deixe de folhear ainda a BIBLIOTHECA UNIVERSAL *de la* POLYGRAPHIA ESPAÑOLA, composta e coordenada por *Don Christoval Rodriguez,* e por ordem magestatica publicada em Madrid pelo bibliothecario-mór da côrte *D. Blas Antonio Nassarre y Ferriz:* embora ahi depare ás vezes com *assertos* insustentaveis, e em mais d'um ponto de vista infelizmente.

Pois não deixam de ser uteis a quem estuda — e só tem por mira a verdade — os *lapsos* de *mestres* assim abalisados, para nos pôrmos d'atalaia contra *copistas* sem auctoridade paleographica, e ainda por fatalidade á testa d'archivos publicos.



Com os auxilios bibliographicos por mim lembrados, não ultrapassa o *Albano Bellino* os dominios da PALEOGRAPHIA — embora acercando-se já um pouco dos dominios da EPIGRAPHIA, de que achará os principios capitaes em *Francisco Antonio Zaccaria* na INSTITUZIONE ANTIQUARIO-LAPIDARIA, *ossia* INTRODUZIONE *allo studio delle Antiche Latine Inscrizioni.*

E em logar d'esta edição romana de 1770, poderá preferir a versão hispanhola de *Casto Gonzalez* — INSTITUCIONES ANTIQUARIO-LAPIDARIAS — impressa por ordem superior em Madrid, em 1794.

Com o estudo pausado d'esta obra prestimosa — e tão indispensavel ainda hoje ao *epigraphista* consciencioso, como o VOCABULARIO PORTUGUEZ e LATINO do *Padre D. Raphael Bluteau* ao aquilatador esmerilhoso das *dicções patrias* — entranhar-se-ha o *Albano Bellino,* com subsidios animadores, nas vastidões embrenhadas da EPIGRAPHIA ROMANA — predilecto estudo seu.

Não o demovam nunca dos seus trabalhos — com brilho auspiciados no seu *tentamen paleographico* das INSCRIPÇÕES E LETTREIROS — nem as lisonjas dos thuribularios louvaminheiros, cujos encomios nauseantes esterilisam os talentos, nem as criticas aluadas da philaucia invejosa, que tem a peito desgostar do estudo os trabalhadores cons-

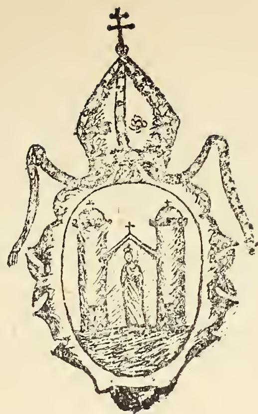
cienciosos, por não poder egualal-os, nem imitar-lhes as pègadas sequer.

Nem uns nem outros, meu *Albano Bellino*, evangelisam á imitação dos *apostolos* da verdade: lamuriam e babujam apenas como *após-tôlos* da lettra redonda.

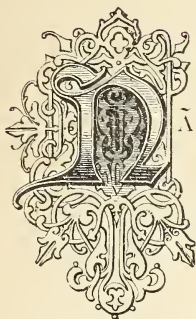
Braga, 1 de Outubro de 1894.

O DECANO DO LYCEU

Pereira Caldas.



INSIGNIA FIDELIS & ANTIQVÆ BRACARÆ



ÃO se póde saber ao certo de que epocha date a fundação de Braga.

Os historiadores que d'ella se tem occupado, divergem nas suas opiniões, porque nenhum tem documentos a que se reporte com segurança.

Esta confusão, porém, é a prova mais cabal da sua muita antiguidade.

Braga foi chancellaria romana, *(Convento juridico),* como ainda o attesta uma lapide dedicada á deusa Isis, esposa de Jupiter Osiris, que para os gentios representava a castidade.

Diz Plutarco que lhe dedicam o pecegueiro, por a folha se assimilhar á lingua e o fructo ao coração; significando-se com isto que os seus de-

votos deviam ser castos por obras, e não só por palavras.

Nas inscripções antigas de Justo Lipsio, e nas notas de Garcia de Loaysa ao Concilio III Bracarense, diz-se que a alludida lapide constava de duas partes: do que o Sanctuario Marianno não destôa no tom. IV, (e Deus sabe como e porque).

A primeira encontra-se nas costas da capella de S. Geraldo, muito copiada já por nacionaes e estrangeiros. E' a seguinte:

ISIDI AVG SACRVM
LVCRETIA FIDA SACERD.PERP
ROM.ET AVG.
CONVENTVVS.BRACARAVGVD.

A segunda, cujo paradeiro tem sido por vezes ignorado, acha-se sobre um cippo romano, junto á capella do campo das Carvalheiras, e resa assim:

T.CAELICVS.TRIPES.
FRONTO.ET.M.ET LVCIVS.
TITI.F.PRONEPOTES.CAELICI.
FRONTONIS.RENOVARVAT

«A Chancellaria Augusta de Braga dedicou este templo á deusa Isis, sendo sacerdotisa Lucrecia Fida, pelo povo Romano, e pelos Aug.: Tito Celico Tripes Fronto.... o renovaram».

A esta traducção accrescentou alguem muito depois os dois disticos seguintes:

«Aspicé quam subito marcet quot floruit anté!
Aspice quam subito, quot stetit ante, cadit!
Nascentes morimur finisque ab origine pendet, ipsaque vita suae semina mortis habet».

Quer dizer:

«Vê, ó mortal, quam depressa se secca o que d'antes floreceu!
Quam depressa cae o que d'antes esteve em pé!
Nascendo morremos, porque o fim pende do nosso principio e a mesma vida tem em si as occasiões da morte».

*

O primeiro bispo de Braga S. Pedro de Rates, conforme a tradicção local, governou desde o anno de 37 a 44, ordenando de *sacerdotes e*

clerigos os que elle convertia com suas prégações.

Segundo o crédulo *Fr. Bernardo de Brito*, os barbaros do Norte, «Wandalos, Alanos, e Suevos», invadiram as Hespanhas no anno de 412.

Ficou Braga então sob o reinado do rei Suevo Hermenerico, de que fôra segundo successor Theodomiro, e Miro o terceiro, se é que não são os dois um só e o mesmo personagem.

No Concilio de Lugo, a que assistira o bispo S. Martinho, no anno 569, determinaram-se os limites do bispado de Braga; e em 835 fez El-Rei de Leão, D. Affonso III o Magno, a divisão da cidade.

Nas côrtes celebradas em Guimarães, no anno 878, mandou El-Rei de Leão e Oviedo, D. Affonso III, que o termo de Braga se demarcasse pelo conde de Guimarães e pelo bispo bracarense Fredesindo.

Depois, na era de 1063, uns moradores do territorio de Braga fizeram um *instrumento d'agnação e reconhecimento* de dominio á egreja de Santa Maria, e ao bispo de Lugo D. Pedro, por composição no pleito que com elles trazia o alludido bispo; provando este «que sendo Braga destruida pelos mouros, e estando havia muitos annos despovoada, a povoára Odario bispo de Lugo, com povoadores da familia da sua egreja».

Estes se conservaram sempre sob o seu dominio, e de seus successores Adulfo, Gladiano,

Frogiano, Froilano, Recaredo, Eronio, Gonçalo, e Ermegildo.

Por morte d'este ultimo isentaram-se os referidos moradores d'este dominio da egreja, até que no tempo d'El-Rei de Leão e Oviedo, Affonso II, filho d'El-Rei Vermudo, os sujeitára de novo ao mesmo dominio o bispo D. Pelagio. Mas tornaram-se a levantar, no acto do seu fallecimento, para se entregarem ao governo d'um conde.

No anno de 1112, doaram, o conde D. Henrique e a rainha D. Thereza, ao arcebispo D. Mauricio Bordino, o Couto e termo de Braga; e em 1199 dizia o Papa Innocencio III, em bulla dirigida ao arcebispo D. Martinho Pires, que decidira as duvidas entre elle e o arcebispo de Compostella, sobre os bispados sufraganeos; ficando a Compostella os bispados de Lamego e Guarda, e a Braga os de Coimbra, Vizeu, Tuy, Ourense, Mondonhedo, Lugo, e Astorga; dos quaes desistira o arcebispo de Compostella, desistindo tambem das egrejas de S. Victor e de S. Fructuoso, e de ametade da cidade de Braga.

No anno de 1128, doou D. Affonso Henriques ao prelado D. Payo Mendes, e a seus successores, o castello de Penafiel e a jurisdicção temporal de Braga.

Por conselho de D. Affonso Henriques, ordenou o Papa Alexandre III ao arcebispo D. João Peculiar, no anno de 1165, que determinasse em Provisão, que os conegos de Braga não fossem mais de quarenta; que vivessem em communida-

de; e que não fossem bastardos, nem infames, nem soberbos.

Gaspar Estaço — Ant. de Port. c. 24 n.º 6 — diz que D. João Pires, em seu testamento, no anno de 1230, deixára um copo de prata ao Cabido dos Conegos da Collegiada de Guimarães, *para seu filho beber por elle no refeitorio.*

Vê-se, por isso, que ainda n'este anno viviam em communidade.

O Papa Alexandre IV, em 1265, prohibiu que na Sé de Braga houvesse mais de vinte conegos; e que para isso ficassem os quatro, que primeiro foram admittidos além do dito numero, sendo os restantes expulsos.

Por Breve do Papa Benedicto XIV, em 1746, concedeu elle ás dignidades e conegos de Braga o uso de solideo, inclusivamente nas missas.

Em 1258 dirigiu o Papa Alexandre IV uma Bulla ao arcebispo de Braga D. Martinho Geraldes, e aos restantes bispos de Portugal, confirmando o juramento que El-Rei D. Affonso III tinha prestado para mandar *fundir* nova moeda.

No anno de 1332 requereu o Cabido ao Alcaide de Braga, que expulsasse da *Quinta de Penso* a Ruy Vasco Barroso que n'ella se tinha introduzido; porém o Alcaide recusou-se a isso, declarando que não tinha gente para fazer aquella diligencia, por isso que o dito Ruy Vasco estava acompanhado de quarenta fidalgos.

El-Rei D. Affonso V, no anno de 1480, escreveu ao Cabido de Braga, recommendando-lhe

que não obrigasse os judeus a irem ás prégações; e estranhou-lhes o terem posto pena de excommunhão aos christãos que fallassem com os ditos judeus, não assistentes ás prégações alludidas.

Por ordem d'El-Rei D. João II foram seis conegos com a cruz primacial a Lisboa, em 1481, assistir no Mosteiro da Batalha ao sahimento do fallecido monarcha D. Affonso V.

El-Rei D. Manoel escreveu em 1502 ao Cabido Primaz, dizendo-lhe que desejava aposentadoria para alguns hospedes, por ter de passar pela cidade, pois julgava não iria isso de encontro aos privilegios de Braga, «*se é que os tinha.*»

Em 1691, mandou cortar El-Rei D. Pedro II, nas mattas do districto da cidade, a madeira necessaria para duas fragatas de guerra, que se haviam de construir na *Ribeira do Douro.*

O conego João da Silva Ferreira, vigario geral do arcebispado, prendeu em 1730 o abbade do Collegio de S. Bento de Coimbra, por se apresentar com cruz peitoral dentro da cidade de Braga.

No anno de 1642 escreveu El-Rei D. João IV ao Cabido Primaz, dizendo-lhe que, para evitar despezas aos moradores da cidade, em levarem o seu dinheiro ao cunho da casa da moeda no Porto, *mandava pôr casa de cunho em Braga;* e que nomeava para superintendente d'ella o conego Antonio Velho Gondim.

Por um contrato e escambo entre El-Rei D.

João I, e o arcebispo D. Martinho Affonso e Cabido, no anno de 1402, largaram estes ao monarcha a jurisdicção temporal de Braga, com as clausulas seguintes: — «Que os arcebispos poriam sempre Escrivães nos seus Auditorios, e dos seus Vigarios; e que nos mesmos Auditorios não escreveriam os Tabaliães Regios. — Que quando os arcebispos entrassem a primeira vez em Braga, lhe pagaria cada morador da cidade uma galinha, uma escutela, ou incisoria, e que teria por um anno sem preço ospitia, (aposentadoria) e litarios? (leitos) para os seus creados. — Que quando o arcebispo tivesse por hospede a El-Rei lhe pagasse cada morador da cidade uma galinha. — Que cada lavrador morador no Couto de Braga pagasse cada anno aos arcebispos um carro de lenha de carvalho e uma mostéa (feixe) de palha triga. — Que os lavradores, e officiaes do termo fossem obrigados a trabalhar nas obras do Palacio dos arcebispos. — Que os lavradores do mesmo termo de Braga trabalhariam nas vinhas e mais propriedades dos arcebispos. — Que os officiaes de El-Rei não dariam aposentadorias nas casas dos Dignidades, Conegos, Tercenarios, e clerigos de Braga, nem lhes tirariam carruagens, ou roupas sob pena de excommunhão reservada aos arcebispos, e de um marco de prata para a fabrica da Sé. — Que os arcebispos teriam toda a carne e peixe que lhes fosse necessaria, e que o Cabido teria o terço da dita carne e peixe que se cortasse e vendesse em Braga. — Que nenhuma pessoa

nobre ou poderosa habitaria em Braga contra vontade dos arcebispos, etc.».

Decorridos 71 annos (em 1473), confirmou em uma Bulla, o Papa Xisto IV, um contrato entre D. Affonso V e o arcebispo D. Luiz Pires, e Cabido, no qual o monarcha largou á Egreja bracarense a jurisdicção temporal de Braga com as declarações seguintes: — «Que nenhuma pessoa nobre poderia morar em Braga contra vontade dos arcebispos. — Que os ditos arcebispos ficassem com os mesmos direitos declarados no primeiro contrato de El-Rei D. João I de que já estavam de posse. — Que ficassem reservadas para El-Rei as aposentadorias para si, e para a Rainha, e para o filho primogenito, e para as pessoas que com elles viessem; não sendo nas casas dos Beneficiados da Sé, e da familia dos arcebispos, e que a tal aposentadoria se faria pelos officiaes dos arcebispos com os aposentadores de El-Rei. — Que ficasse em ser o privilegio dos moradores de Braga não pagarem portagem».

Assim como estes, muitos outros factos historicos poderiamos citar, comprovativos das regalias de Braga e sua antiguidade, e das attenções que ella em todos os tempos merecêra aos Pontifices e Monarchas.

Seria no entanto ultrapassar os limites d'um *tentamen* como este nosso, e que não póde, nem deve ser tido, senão como os primeiros vagidos de quem se affervora no amor e dedicação do estudo, para fructos no futuro condignos da cidade

augusta, que na actualidade é seu berço adoptivo.

SÉ CATHEDRAL

Data-lhe de tempos immemoriaes, como é de consenso historicc, a fundação primitiva.

Nem é sabido tambem o sitio onde ella estivera a principio, por isso que no anno de 714 destruiram os mouros a cidade toda, sendo depois *salgada* por ignominia.

O amplo templo actual não revela antiguidade no interior, que passe além dos principios do seculo XVI. O que elle outr'ora seria, não se vê.

As grandes columnas das naves, todas de pedra, pintadas e douradas, com capiteis gothicos de differentes fórmas, estão cobertas de cal; e substituidos esses capiteis por outros de madeira dourada!

Já o venerando templo da Collegiada de Guimarães foi victima d'uma d'essas administrações ignaras, que as leis deixam passar impunes; e até se diz trabalhára ahi *furiosamente* o picão, para poder firmar-se o estuque da abobada!

Não ha pois, no interior da Sé de Braga, cousas que prendam os amadores em geral, que não sejam os preciosissimos objectos do seu thesouro, os orgãos, o côro, e pouco mais.

A porta lateral, a norte, entre a egreja da

Misericordia e a capella de D. Gonçalo Pereira, data certamente do seculo XII, em que se começára a passar do semicirculo para a ogiva, embora no alto da parede esteja cravado o brazão de D. Diogo de Sousa (1505 a 1532); pois é por isso provavel que a reparasse este grande prelado, proximamente ao remate onde está menos desgastada a cantaria. Esta porta recebeu um accrescimo de 0,90^{c} á altura quando em 1891 lhe tiraram os degraus do lado de dentro.

A porta, a sul, chamada do *Sol*, é tambem de grande merecimento archeologico. O estylo, especialmente dos capiteis, harmonisa-se com o velhissimo e primoroso arco sobranceiro ao portico principal. O friso, á sua esquerda, correndo d'aqui para o antigo *Rocio de Traz da Sé*, é todo sustentado por modilhões com figuras exquisitas, conhecidas do vulgo com o nome de cachorros figurados, e que caracterisam os fins do seculo XI.

No velho edificio, construido para habitação de S. Geraldo, tambem apparecem ornatos com estas figuras singulares.

A abobada da frente do templo, especie de galilé, foi mandada construir por D. Jorge da Costa II, e portanto entre 1488 e 1501.

Poucos annos depois, D. Diogo de Sousa collocou-lhe, sobre os tres arcos da frente, as imagens do Anjo da Guarda, de S. Pedro e S. Paulo, de S. Martinho e S. Fructuoso, de S. Geraldo e S. Pedro de Rates, todas ellas esculpturadas em pedra fina.

As duas fontes, alli existentes lateralmente, datam de 1737.

O crucifixo que fica ao centro, com duas imagens dos lados, tem a data de 1727.

Debaixo d'esta abobada, e aos lados do portico principal, que é obra de D. Diogo de Sousa (1505 a 1532), ha duas grandes inscripções: uma em granito, á direita, commemorando a sagração da Sé a 28 de julho de 1592, pelo arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus, por não apparecerem documentos da sagração anterior; e outra em marmore, á esquerda, referente á consagração da Archidiocese ao Sagrado Coração de Jesus em 1886.

Eis aqui as duas inscripções:

A primeira d'ellas é a seguinte:

ANNO DNI. 1592 DIE VERO 28 IVLII DNVS FRATER AVGVSTINVS DE IESV ORDINIS HEREMI-
TARS^TI. AVGVSTINI ARCHIEP. ET DNVS BRACHARÆ AVGVSTÆ HISPANIAR. PRIMAS HANC EC-
CLESIAM IN HONORE B^TÆ. M^Æ. SEMPER VIRGINIS CONSECRAVIT ET IN EIVS ALTARI MAIORI
HAS RELIQVIAS REPOSVID. DE LIGNO SANCTÆ CRVCIS DE SPINEA CORONA DNI
DE SVDONE EIVS. DE MAPPA VLTIMÆ CENÆ DE MIRRHA DNI DE FÆNO IN QVO NAT?
IACVIT DE CAPILLIS CAMISIA ET VESTE B^Æ. M^Æ. VIRGINIS ITEM RELIQVIAS SANCTOR APOSTO
LOR ANDRÆ IACOBI BARTHOLOMEI, MAT^HIÆ ET LVCÆ. ET SANCTOR MARTIRV STE STEPHANI
LAVRENTII VINCENTII, ANASTASII, CLEMENTIS, SEBASTIANI, DIONISII E BLASII-
VALENTINI, CHRISTOPHORI, MAVRITII, COSMÆ, ET DAMIANI, ET SANCTOR CONFES-
SOR GREGORII, AVGVSTINO, NICOLAI, MARTINI, ROCHI ET NICOLAI DE TOLENTINO ET SANCTO
RV VERGINII, ET MARTIR CATARINÆ, AGATÆ, APOLONIÆ ET SVSANÆ AC S^TÆ. M^Æ. MAGDALENÆ,
QVADRAGINTA ITEM DIES, IN FORMA ECCLESIÆ CONSVETA CVNCTIS FIDELIB' IPSA EC
CLESIA IN DIE ANNIVERSARIO DEVOTE VISITANTIB' DE VERA INDVLGENTIA CONCESSIT.

A segunda diz assim:

A. D. MDCCCLXXXVI, Postbi die Id. Mai., Quam Maxima Ac Splen-
didissima Solemnitate Dicata Est Ea Archidiœcesis SS. Cor Jesu
Sub Faustis Auspiciis Exc.mi Ac Revd.mi D. D. Antonii Josephi da
Freitas Honorato, Archiepiscopi Ac Dominatoris Bracaræ Augustæ,
Hispaniarum Primatis, Qui Ad Hoc Festum Peragendum Ardentis-
simum Studium Impensamque Operam Navavit.
Ad Publicam Ac Perpetuam Rei Memoriam Hujus Archidiœceseos
Catholici, Pergrati Ac Perlubentes, Hoc Monumentum Poni Curarunt

O frontispicio, com as respectivas torres, foi reconstruido desde 1723 a 1724: e o anterior era de D. Diogo de Sousa.

O sino do relogio, chamado usualmente o sino de S. Geraldo, por ser de tradição que tocára no tempo do Santo Arcebispo, tem á volta a inscripção seguinte:

MAGISTER MARTI VALENCIIS ME FECIT
ANNO DOMINI MILLESIMO

A versão, que d'esta inscripção se dá, é a seguinte:

«Mestre Martinho me fez no anno de mil do Senhor, em Valença: (*Contador d'Argote*), MEM. DE BRAGA, Livro 6.º, cap. 4, n.º 544, fl. 357.)

Na primeira capella do Claustro existe ainda um Crucifixo grande, que se diz ter sido muito da veneração de S. Geraldo, primeiro arcebispo de

Braga. E por isso tem ao lado as quadras seguintes, embora de versos pouquissimo poeticos:

LA NOS SEC'LOS DE OURO,
DE GIRALDO FOI ADORADO;
ORA NOS TEMPOS DE FERRO,
POR NÓS QUER SER INVOCADO.

MUITA FE Ó PORTUGUEZES,
NO SENHOR DOS DEZAMPARADOS:
JESUS CHRISTO VEM OUVIR,
OS AIS DOS DESGRAÇADOS.

A imagem de Nossa Senhora, que está no altar-mór, é de pedra de Ançãa, districto de Coimbra.

Antigamente, a devoção particular festejava aqui, com grande ruido, a Nossa Senhora da Assumpção; mas como os devotos fossem *arrefecendo*, resolveu o Cabido, em 1677, dispor da verba a isso consagrada, e que eram 80$000 reis, para por sua conta se fazerem festejos *com folias, e danças e armação*.

No alto dos ricos orgãos do côro, feitos desde 1737 a 1738 por *F. R. Simon Fontanus Gallencianus*, le-se o seguinte:

QVIS VIDIT HVIC SIMILE
QVIS AVDIVIT VNQVAM TALE

Eis aqui agora, em summa, o que deve em obras a Sé Bracarense a um dos Prelados mais engrandecedores da cidade:

D. Diogo de Sousa, reformou a capella mór, fez os pulpitos de pedra, anteriores aos actuaes, o retabulo de pedra dourada, os tumulos do Conde D. Henrique e D. Thereza, a porta principal que anteriormente era dividida ao centro por uma columna, as imagens de pedra na frente da abobada da entrada; lageou todo o pavimento da Sé, fez os arcos do cruzeiro, varios altares, quatro pias de agoa benta, orgãos, sacristia; reformou as torres, o relogio, a casa de Cabido; fez o antigo claustro, edificou a capella da Misericordia velha, deu muitas pratas, livros do côro, e fez outras obras dignas de menção, que alli se admiraram até aos grandes melhoramentos effectuados por D. Rodrigo de Moura Telles.

Sobre o altar da capella de Nossa Senhora da Rosa, vê-se um cofre de madeira com a inscripção seguinte:

S. MART. DVMIENS. ARCHIEP. BRACH.
SACRA OSSA

A sua trasladação effectuou-se em 1606. Na egreja parochial de Dume, freguezia suburbana da cidade, ficou, e ainda se conserva o tumulo d'este Santo Bispo, simultaneamente Bracarense e Dumiense, desde 570 a 580, em que fallecêra, sendo Miro rei dos Suevos.

É de marmore, e adornado d'um figurado tosco, em baixo relevo, muito caracteristico da epocha em que devia ser feito.

É obra de D. João de Sousa, (1696 a 1703), a sacristia da Sé, onde se mostra o thesouro. Tem ao centro a sepultura do mesmo arcebispo, mandada fazer por elle, com o seguinte epitaphio:

S. DE D. JOAM DE
SOUSA, X. DO NOME
E, CXI. EM N.º ARCEB.º
PRIMAS E SENHOR
DE BRAGA

Quando em 1834 se extinguiram as Ordens Religiosas, vieram do Convento de Tibães para a Sé as 2 grandes lampadas, que pendem do arco da capella mór, feitas em 1815; e a banqueta, e o pequeno orgam que defronta com o coreto nos segundos arcos da nave central.

Este orgão e coreto foram mudados d'entre os primeiros arcos, onde estavam suspensos cada um em 4 columnas, de que ainda ha signaes no pavimento, em tempo do arcebispo D. João Chrisostomo d'Amorim Pessoa, aproveitando-se para esse fim o plano do snr. Visconde do Castello, que então fazia parte da commissão d'obras.

—Estando em Evora o arcebispo de Braga Infante D. Henrique, em 1534, escreveu ao seu provisor João de Coimbra, ordenando-lhe que recebesse 308:611 reis, que estavam em poder do

Cabido e do obreiro da Sé dos rendimentos da obra, e que, deixando ao mesmo obreiro 3$000 réis para algumas despezas miudas, lhe remettesse o restante para mandar fazer paramentos para a egreja.

Em 1549 ainda se festejava na Sé, com mascaradas e outros divertimentos, a imagem de S. Thiago Apostolo. Como todavia n'esse anno estivesse ainda muito recente a morte do Arcebispo D. Manuel de Sousa, acontecida na cidade do Porto, estranhou El-Rei D. João III, que o Cabido fizesse as mascaradas do costume, em vez de tratar das exequias pelo seu Prelado.

El-Rei D. João IV escreveu ao Cabido de Braga em 1652, dizendo-lhe que visto estarem a findar os 20 annos pelos quaes por Bullas Apostolicas se havia concedido a pensão annual de mil cruzados nas rendas da Mitra, para a fabrica da Sé, lhe dava licença para se renovar o pedido.

* * *

CONDE D. HENRIQUE

A capella de S. Lucas no Claustro da Sé, primitivamente da invocação de S. Thomaz, foi fundada, segundo um codice do seculo XVII a que se refere Camillo Castello Branco na *Gazeta Litteraria do Porto* (n.º 7, pag. 59—anno de 1868), por D. Affonso Henriques n'aquelle sitio, que em

tempos muito affastados servira de cemiterio aos reis Suevos catholicos.

Por D. Affonso ter sepultado alli seus paes, passou a denominar-se capella dos Reis.

O Conde D. Henrique, fallecido em Astorga na Hespanha, em 1112, deixou recommendado que o sepultassem na Sé. E fallecendo em Coimbra sua esposa a rainha D. Thereza (chamada em hespanhol D. Tareja), no 1.º de Novembro de 1130, mandou o filho D. Affonso transportar para Braga o seu cadaver.

D. Diogo de Sousa, em 1531, trasladou-os para a capella-mór da Sé, por elle reedificada; e encerrou-os em dois tumulos que estiveram aos lados do altar-mór, até Maio de 1877, em que voltaram de novo para a antiga morada onde se acham, e não sem subtracção d'alguns ossos, que nunca deveriam ser subtraidos.

O jazigo do conde D. Henrique tem esta inscripção (*sic*):

DEO OPTIMO MAXIM

D. ENRICO VNGARORVM REGIS FILIO PORTUGALIÆ CO
MITI D. DIEGVS SOVSA ARCHIEP. VIRO CLARISSIMO AQVO
PORTUGALIÆ REGES ESSE REGNVNQUE ACCEPISSE CON
STAT DE REPVBLICA CHRISTIANA PATRIAQ̃ SVA OPTIME ME
RENTI POSVIT ANNO A CHRIST NAT. M. DXIII.

O jazigo da rainha D. Thereza tem a inscripção seguinte:

D. O. M.
REGINAE TARESIÆ ALFONSI CASTELLÆ ET LE
ONIS REGIS IMPERATORIS NVNCVPATI FILIÆ CO
MITIS HENRICI VXORI DIDACVS A SOVSA ARCHIEPIS
COPVS BRACO HISP PRIMAS. M. P. ANNO A CHRISTO NATO MDXIII

*
* *

INFANTE D. AFFONSO

Era filho d'El-Rei D. João I, e foi jurado solemnemente successor do reino.

Nasceu em Santarem a 30 de Julho de 1390, e falleceu em Braga a 22 de Dezembro de 1400, por occasião da estada de seu Augusto pae n'esta cidade.

Foi sepultado na Sé Primaz; e annos depois encerrado no tumulo de cobre dourado, que se acha ao lado direito da entrada da porta principal, e que fôra para Braga mandado de Borgonha pela infanta sua irmã, D. Isabel, casada em 1430 com D. Filippe o Bom, duque de Borgonha e conde de Flandres. (1)

A figura do Infante, em tamanho natural, está estendida sobre o tumulo; e conhece-se, pela posição dos braços, que se representava de mãos postas.

---

(1) MEMORIA DE EL-REI D. JOÃO I, por José Soares da Silva, T. I. C. 45, P. 234).

*

Falta-lhe actualmente uma perna, e ambas as mãos!

Talvez possam encontrar-se em algum museu estrangeiro, onde são estimadas com fervor estas especies, que nós costumamos deixar frequentes vezes ao abandono.

Lê-se na frente do tumulo, em caracteres gothicos o seguinte:

AQUI JAZ O INFANTE D. AFFONSO DE PORTUGAL, A QUEM DEUS PERDOE; FILHO DO NOBRE REY DOM JOÃO DE PORTUGAL O PRIMEIRO, E DA RAINHA DONA FILIPPA; FALLECEU AOS 22 DE DEZEMBRO DE 1400.

* * *

Capella de S. Pedro de Rates

Na sachristia d'esta capella, na Sé Primaz, existe a sepultura de Christovão Leão, arcediago de Vermoim, fundador da referida capella, sendo sempre administrada por um dos conegos.

Deixou, com obrigação d'uma missa quotidiana por sua alma, 100 medidas de pão e vinho, 2 marrãs, e 6 gallinhas, e mais ainda, como a custo se lê na inscripção seguinte:

ESTA SEPVLTVRA H. D
XIVOA LIAO ARCDIAGO
DE VERMOIM QVE FOI.
SECRETAREO D SOR.
ARCEBPO FVNDADOR
DESTA. CAPELA.
SAO OBRIGADOS OS
CAPELAES. DIA ADIZER
CAD DIA. MISA PSVALMA
PELO. QVE DEIXOV 100
MEDIDS D PÃO E VINHO. 2 MA
RAS 6 GALINHAS 2 CRO....
.... PISCOS

A data desappareceu completamente; e não nos foi possivel descobril-a nos archivos que revolvemos.

Apenas sabemos que o alludido fundador vivia em 1591; porque, a 27 de Maio d'este anno, fizeram uma doação á Misericordia.

A 15 de Junho de 1590 havia dado, á mesma Santa Casa, 480$000 réis *para compra de juros,* que seriam applicados em esmolas de 5$000 réis a cada uma de 28 orphãs, *moças pobres e de legitimo matrimonio,* que se quizessem casar.

O restante, bem como o importe das esmolas das que não casassem, destinar-se-hia á fabrica de egrejas pobres.

O capellão da Misericordia vae todos os an-

nos, no mez de Novembro, resar-lhe um responso junto da sepultura.

Por baixo das imagens de S. Pedro e S. Thiago, está um cofre que tem na frente o seguinte:

BEATI
PETRI DE RATES
CORPUS

Ha tambem ao centro da capella uma sepultura de marmore com a seguinte inscripção:

DOM.
PETRUS PAULUS DE BA
RROS PEREIRA
BRACHARENSIS DIÆCE
SEOS. DESIDES ALTISSIMUS
VICARIVS
VIR PRUDENS
OMNIBUS CHARUS
NEMINI. NISI. MORIENS
MOLESTUS
SIBI. NEC. MORIENS
VIXIT. ANNOS LXXVII
MENSIS VI DIES XXI
OBIIT
DIE XIX MENSIS. JANUARII
MDCCLXXXXVIII
REQUIESCAT IN PACE



CAPELLA DO SENHOR DA PIEDADE

Ao lado da capella de Santo Antonio, no Claustro de S. Geraldo (Sé Primaz), está outra com a invocação do Senhor da Piedade, por se venerar alli, em pintura, uma cruz com a imagem de Christo, que estivera na antiga porta da cidade, denominada de S. Francisco, até que foi demolida.

Pendentes da parede fronteira, vêem-se quadros e offertas em grande numero, o que attesta a devoção do povo com a referida cruz, cuja pintura não póde sequer ser considerada de mediana correcção.

Segue-se-lhe a porta que dá para o cruzeiro da Cathedral.

Esta capella era anteriormente dedicada a S. Pedro Martyr.

Acha-se no alto d'ella a inscripção seguinte:

DIOGO MONTEIRO. FAMILIAR DO SANTO. OFFICIO. CIDADAM DSTA $CID.^{E}$ ESVA M^{ER}. M^{A}. BAYTISTA INSTITVIRÃO ESTA CAPELA DE MISSA QUOTIDIANA PER PETUA. ANNO. 1646.

Ao lado da capella de Santo Antonio, contigua a esta, acha-se a seguinte inscripção:

AQVI SE HAM DE DIZER OS RESPON
SOS PERPETVOS POLLA ALMA D ANNA FRZ
QVE DEV DES MIL RS DE IVRO E HV PRATO
DE 23 MIL RS A' CONFRARIA D SANTIS
SIMO SACRAMENTO E CINCO MIL
RS D IVRO A' D NOSA SNRA D ROSARIO
D STA SANTA SE E D QVAES SAM OBRIGA
DAS A MANDAR DIZER AS MESMAS CON-
FRARIAS NO FIM D CADA M DAS MISSAS. CO FOR
ME AS DOACOENS. ANNO 1625

Tambem na capella das Almas, que lhe fica em frente, existia a inscripção seguinte:

ESTA CAPELLA FOI FEITA E SEU RETABULO REEDIFICADO A EXPENSAS DA NOSSA BEMFEI TORA FINADA A EXM.ª D. FRANCISCA EMILIA MA CHADO E VASCONCELLOS. ANNO. 1865.

* * *

PAÇO ARCHIEPISCOPAL

Em todos os tempos tem sido a residencia prelaticia da Egreja bracarense onde ainda agora se vê. Primitivamente occupava um pequenissimo

espaço no fundo do edificio d'hoje, conservando-se ainda a habitação de São Geraldo com toda a simplicidade da epocha, mas d'uma solidez admiravel.

D. Fernando da Guerra, (1418 a 1467), foi o primeiro prelado que fizera augmentar o velho Paço. Seguiu-se-lhe D. Manuel de Sousa, (1544 a 1549), que obtivera a cedencia d'umas moradas de casas, para em seu logar construir a parte do nascente que se alinha com a rua do Souto. N'este edificio, ao rez do chão, instituiu elle o Auditorio e Relação do Arcebispado, que, transformado, embora, em quartel de bombeiros na actualidade, ainda conserva trinta cadeiras em volta, e ao centro a presidencial, com as armas do mesmo Arcebispo.

Sobre a porta da entrada acha-se a inscripção seguinte:

ILLUSTRANDÆ VRBIS. CAVSA. SIT. VE VNDE PETANTVR
IVRA. NEC. INSTABILI DENTVR. UT ANTE LOCO
SOVSA. PATER DÑS QVE VRBIS MAGNVS Q̃ SACERDOS
IVSTITIÆ. EMANVEL NVBILE STRVXIT. OPVS.

A' entrada para a sala das sessões achava-se o seguinte:

ILLE VOS DOCEBET OMNIA, ET SVGGERIT VOBIS OMNIA
JOANN, XIV

Seguia-se-lhe tambem esta legenda:

DOMVS AREOPAGI — 1713.

D. Frei Agostinho de Jezus, mandou construir em 1593, sobre 14 grossas columnas de frente, a parte do poente, onde se acha, no meio da fachada, a inscripção seguinte:

ANNO. DOMINI. MD.
XCIII. SUB. D. F. AVG.
DE JESV. HISPANIA
RVM PRIMATE.

D. Rodrigo da Cunha (1627 a 1635), ligou então aquelles dois corpos isolados; e D. Rodrigo de Moura Telles, em 1709, poz todo o edificio em communicação, mandando demolir a escada exterior da entrada, e substituil-a interiormente por outra muito commoda, illuminada á noite por uma serpentina que uma estatueta de mouro sustenta na mão direita, tendo no alto do nicho o seguinte:

QVIS QVIS ES EN MARVS.
SPARCO TIBI LVMINA:
CÆCVM
TAM CLARA, VT VIDEAS.
DVCERE POSSE
VIA
1709

Na padieira da porta principal mandou o Arcebispo gravar o seguinte texto de Cicero (De Officiis Lib. 1.°), que D. Frei Bartholomeu dos Mar-

tires repetira modestamente na sua entrada aqui no Paço em 4 de Outubro de 1559:

O DOMVS AMTIQVA
QVAM DISPARI DOMINO
DOMINARIS

ANNO D 1709

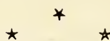
E' obra do mesmo Prelado o salão dos retratos dos antistites da Egreja Primaz.

No terreiro ajardinado agora, e sito no local chamado da Galeria, ao fim da rua do Souto, e começo da rua Nova de Sousa, admira-se um chafariz curiosissimo, rematado pela figura da Fama, e que elle D. Rodrigo mandára construir.

Na columna inferior á taça lê-se o seguinte:

D. ROD. MAVR. TELL. FECIT. ANNO. 1723.

Ao Infante Arcebispo D. José de Bragança (1741 a 1756) deve-se a construcção da parte do edificio, que dava para o Campo dos Touros outrora, e Praça Municipal hoje, devorado por pavoroso incendio, na noite de 15 de Abril de 1866, ateado na parte occupada então pelas Repartições publicas do districto.



ARCEBISPO S. GERALDO

Foi o primeiro primaz de Braga, com a categoria d'Arcebispo, desde 1095 a 5 de Dezembro de 1108, em que fallecêra no logar de Bornes na provincia de Traz-os-Montes: e com estas datas comprovadas com documentos officiaes, devem ser emendadas as da *Serie Chronologica* dos Arcebispos de Braga.

Nascera em França, e era monge da Ordem de S. Bento, assim como fôra Chantre da Sé de Toledo, na Hespanha. Por fallecimento do Bispo D. Pedro (o primeiro com tratamento de Dom), o clero e o povo o elegeu para prelado com consentimento do Arcebispo de Toledo, de El-Rei D. Affonso de Castella, e do Conde D. Henrique, pae do fundador da nossa monarchia.

Aquelle D. Pedro fôra nomeado Bispo de Braga por D. Sancho II de Castella, depois que a cidade fôra convertida pelos mouros n'um perfeito montão de ruinas. E póde-se assim dizer, por isso que não consta que os moradores de São Thiago, a quem depois fôra dada pelo Rei dos Suevos D. Ordonho, se esforçassem pela sua restauração, como fizera o Rei D. Garcia, que cedo fôra expulso do reino de Galliza por seu irmão.

O Bispo D. Pedro, tomando o governo da

cidade, adquiriu grandissimo numero de propriedades, por doações que lhe fizeram, e sagrou a Sé a 28 de Agosto de 1089, conforme o testimunho da *Monarchia Lusitana* (Tom. 3.º, c. 12, fl. 13).

Os catholicos fervorosos d'esse tempo, beneficiavam quasi sempre, com propriedades, as egrejas e instituições religiosas; porque o dinheiro, a avaliar por compras e vendas então effectuadas, era effectivamente rarissimo.

Entre os documentos que possuimos, comprovativos da falta do dinheiro, damos o seguinte, em resumo, por curiosidade:

«Carta de compra d'uma herdade no logar de Egicam, que comprou Eiriga Citas a Dono Gonçalves em preço de uma vacca, um porco, cinco lenços, uma manta, uma camisa, duas ovelhas com filhos, duas cabras, uma marram e um sayal. (Anno de 1026).

Como iamos dizendo, S. Geraldo falleceu em Traz-os-Montes, sendo conduzido para a Sé e sepultado em um velho sepulchro de grande merecimento, que tinha vindo de Tibães para a capella de S. Nicolau (hoje de S. Geraldo), e que o Santo prelado edificára. (1)

O Deão de Braga Domingos Dominici (Dominguez) ordenou em seu testamento, com data da era de 1329, que o seu cadaver fosse sepultado n'esta capella, *que elle tinha ajudado a reedificar;*

(1) *Benedictina Lusitana*, tom. 2.º, pag. 300.

e que se collocasse uma lampada em frente do altar do Santo.

Diz D. Rodrigo da Cunha, na sua *Hist. Eccles. de Braga,* que jazem n'esta capella os restos mortaes do famigerado Alcaide Mór do Castello de Coimbra *D. Martim de Freitas.*—Com o louvavel intuito de procurar esta sepultura, já em 30 de Setembro de 1861, se reuniram, pelas 10 horas da manhã, na referida capella, o Conego Fabriqueiro Barbosa, o P.e Antonio Thomaz dos Reis, o fallecido Commendador Senna Freitas, e algumas pessoas mais; e procedendo-se ao levantamento do sobrado, examinaram as sepulturas, não encontrando indicação alguma de quem as occupava.

Tambem aqui foi sepultado o Arcebispo *D. Fernando da Guerra,* (neto de El-Rei D. Pedro I por bastardia), como segundo reedificador da capella, tendo fallecido a 26 de Setembro de 1467.

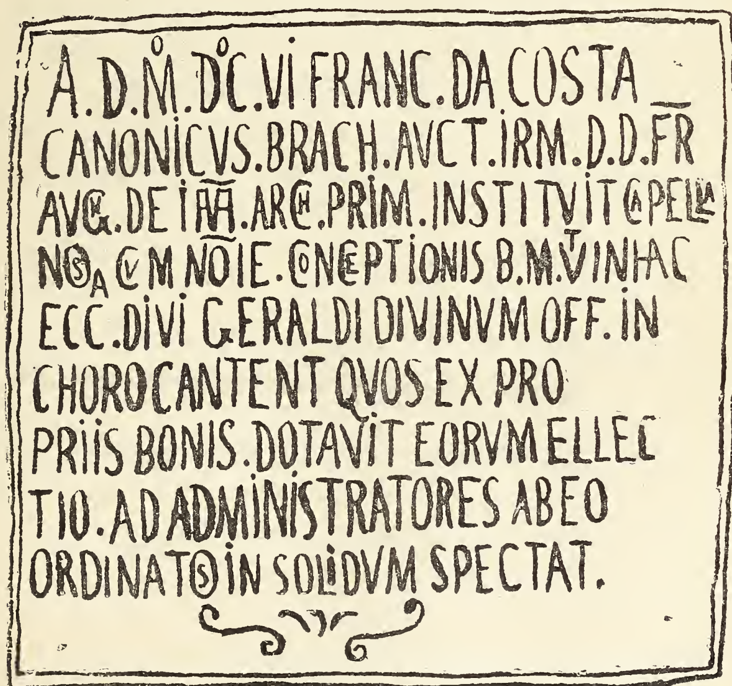
A pedra tumular mostrava em meio relevo o seu vulto de pontifical, ladeado d'uma inscripção em caracteres gothicos.

Reedificando-se pela terceira vez esta capella em 1712, foi a dita pedra destinada a capear o altar que era de granito: e demolido este em Dezembro de 1780, para ser substituido por outro de madeira, foi logo em principios do anno seguinte servir de soleira da porta que se abrira junto á pia baptismal da Sé, em cujo logar já havia uma outra porta d'arco pequena, que dava passagem

para o claustro. Lá está com a figura mettida na terra!

D. Diogo de Sousa, decretou em 1508 que não se enterrasse pessoa alguma na capella de S. Geraldo, excepto Arcebispos ou Bispos; mas a execução d'esse decreto não chegou ao anno de 1678, como o attesta a sepultura d'um *advogado* no corpo da referida capella.

Ao lado direito da porta da entrada acha-se embutida na parede a inscripção seguinte:


A.D.M.DC.VI FRANC.DA COSTA
CANONICVS.BRACH.AVCT.IRM.D.D.FR
AVG.DE IHA.ARCH.PRIM.INSTITVIT CAPELLA
NOSA CVM NOIE.CONEPTIONIS B.M.V.IN HAC
ECC.DIVI GERALDI DIVINVM OFF.IN
CHORO CANTENT QVOS EX PRO
PRIIS BONIS.DOTAVIT EORVM ELLEC
TIO.AD ADMINISTRATORES AB EO
ORDINATOS IN SOLIDVM SPECTAT.

No thesouro da Sé existe o calix e a patena com que o Santo celebrava missa. E' de prata

dourada, assim como de prata é tambem a respectiva cruz prelaticia.

O governo de S. Geraldo foi mais livre de embaraços que em tempos anteriores: até o Papa Paschoal II se propoz coadjuval-o, recommendando-o á veneração do Conde D. Henrique, além de expedir uma Bulla para que D. Ordonho, Arcebispo de Compostella, lhe restituisse ametade de Braga, com as egrejas de S. Victor e S. Fructuoso; e recommendando-lhe que o não inquietasse nos direitos episcopaes.

Por um escambo datado de 1113, recebeu o Arcebispo S. Geraldo *uma terra em Urjaes,* no logar de Parede, junto do rio Aleste, e dos MUROS DE BRAGA, cedendo-lh'a D. Nuno, Abbade de Tibães, em troca d'uma herdade em Barbudo.

*
* *

Arcebispo D. Gonçalo Pereira

Foi Arcebispo de Braga desde 1325, até os annos de 1348, este progenitor memoravel da Casa de Bragança, como avô do Conde de Barcellos, condestavel 2.º do reino, D. Nuno Alvares Pereira; pois o Condestavel 1.º, no reinado de D. Fernando, foi D. Alvaro Pires de Castro.

No 5.º anno do seu pontificado (1330), tinha dado principio á construcção d'uma capella, que denominára de Nossa Senhora da Gloria, cons-

truindo-lhe um castello ao lado, encostado tudo á capella de S. Geraldo.

Obteve para isto um Breve do Papa João XXII, e o consentimento do Cabido para se unirem á obra da nova capella umas casas que lhe ficavam contiguas, pertencentes á Egreja de Braga, e chamadas então *do conselho*.

Concluiu-se a obra a 27 de Abril de 1334. Entregou depois a administração aos Deões da Sé, *com tanto que fossem portuguezes e filhos de portuguezes;* declarando solemnemente, que a referida administração passasse para o Chantre, no caso contrario da *nacionalidade* alludida.

No pavimento ladrilhado da capella conserva-se ainda mesmo de verão alguma humidade, por lhe passar por baixo o cano da agua que abastece o chafariz da casa nobre de Bretiandos.

D. Gonçalo Pereira, varão querido d'El-Rei D. Affonso IV, pelo muito que o protegêra na batalha do Salado, mostrou sempre e em tudo uma inergia extrema. Para punir o conselho de Braga, que em 1341 se revoltára contra elle a ponto de mandar fazer sello com as armas da cidade e do rei, ordenou que se publicasse, *com candeias apagadas* e *toques de sinos,* uma carta de excomunhão contra as pessoas do dito conselho.

El-Rei D. Affonso IV chegou a perturbar-lhe inteiramente a jurisdição temporal e espiritual, mas elle com o Cabido moveram tal opposição ao monarcha, que dentro em poucos mezes era-lhe restituida a usurpada jurisdicção, n'uma Provisão

de que fôra portador o Corregedor Affonso Domingues.

Decorridos 7 annos (1348), tambem um Corregedor de Guimarães teve occasião de conhecer a vehemencia dos seus protestos, por mandar notificar ecclesiasticos e leigos brecarenses para irem á patria de Affonso Henriques jurar em uma devassa.

O tumulo d'este Primaz que se acha no centro da capella, é de trabalho curiosissimo, pelo figurado que o exorna, e foi principiado em 1336, (2 annos depois de concluir a capella) fazendo o respectivo contrato com os mestres pedreiros por um preço modicissimo, em relação ao que agora se dispende com os mais simples trabalhos; motivo porque os monumentos d'arte em Portugal vão rareando consideravelmente; e não tardará que, pela nossa incuria, se vejam desmoronados os que ainda attestam as prosperidades d'outr'ora.

N'aquelle tempo 1 alqueire de trigo custava apenas 5 reis!

Já seu neto D. Nuno Alvares Pereira, quando em 1389 celebrou uma escriptura com os 4 melhores canteiros para a construcção da egreja e convento dos Carmelitas, em Lisboa, estipulou os preços dos jornaes a «30 reis ao mestre de toda a obra, 13 reis aos outros mestres, e 10 reis aos mais serventes».

O tumulo de D. Gonçalo Pereira tem a sua figura de pontifical em relevo, e em volta a inscripção seguinte:

1348
AQUI JAZ O ARCEBISPO D. GONÇALO PER.ª AVO DO CONDE ESTABEL DE PORTUGAL D. NUNO ALVARES PEREIRA, DO QUAL PROCEDE O IMPERADOR CARLOS QUINTO, E EM TODOS OS REINOS DE CHRISTAONS DA EUROPA OU OS REIS, OU RAINHAS DELLES, OU AMBOS &. REFORMADA PELO DEÃO ADMINISTRADOR D. LUIZ NO ANNO DE 1789.

*
* *

Arcebispo D. Lourenço

Foi nomeado em 1371, e falleceu em 1397, tendo sido amigo valioso, e protector dedicado de El-Rei D. João I.

Aos seus esforços deveu em parte o monarcha a successão á coroa de Portugal.

D. Lourenço obrou prodigios heroicos na memoravel batalha de Aljubarrota, saindo d'ella ferido no rosto por uma cutilada, o que elle muito presava ter soffrido como o manifestára por occasião de ser convidado pelo esculptor a examinar o seu vulto sobre a tampa do tumulo que mandára construir (logo que findára a batalha), ao centro da Capella dos Reis, no Claustro da Sé; pois mostrando-se descontente á vista da obra, por notar que alguma cousa lhe faltava, lançou mão d'uma espada e vibrou com ella um golpe na face do vulto, dizendo ao esculptor: — o retrato está agora

á minha vontade, com o gilvaz que eu acabo de fazer.

A titulo de curiosidade, e para prova do seu nunca desmentido patriotismo, trasladamos para aqui, da *Chronica de El-Rei D. João I, por Fernão Lopes*, a carta que elle escrevera ao D. Abbade de Alcobaça, D. Frei João de Ornellas, posteriormente á batalha:

«Dom Abbade, senhor, & amigo... Aproue a Deus, & a santa Maria, que as ribeiradas do sangue do meo giluás seiom ia vedadas; & eu o sinto bem em mim; *cá quem esta pespegou, cá nom a leuou enxebres, nem irá contar em Castella ó soalheiro o cruzamento da minha cara...*

Iam Vaz d'Almada, & Antom Vasques seo irmão, siuerão aqui Domingo, em sembra com Mem Rodrigues, & siuom a Lisboa pera auer algum geito de empecer aos Castellãos, que iazem na frota; mes eu lhe dixe, *que non hiom elles de qá enxotados de geito, q̃ esperassẽ outro ruxóxó*».

Foi trasladado o seu cadaver incorrupto, do centro da capella para o lado da Epistola, onde anteriormenteá mesma capella houvera uma porta, que do cemiterio real dava passagem para a Sé. Infelizmente, um cadeireiro da rua do Anjo, appellidado Francisco Andilheiro, converteu em mulato anegrado uma *mumia veneranda*, envernisando-a com verniz da sua industria sem previamente lhe tirar todo o pó, na occasião de ser in-

cumbido de a limpar convenientemente por ordem do fabriqueiro da Sé Primaz, o bondoso conego Barbosa.

D. Lourenço celebrou Synodo em Braga, nos annos de 1383, 1391, 1392, e 1394; e em Guimarães no anno de 1387.

Na frente do tumulo tem gravada a inscripção seguinte:

D. LAVRENTIVS ARCHIEPISCOP. BRACHAR. HISPANIORVM PRIMAZ LXXXVI. SEPVLTVS ANNO DNI. MCCCLXXXXVII. TRANSLATVS E MEDIO SACELLI INTEGER, ET INCOR RVPTVS. DIE QVARTO IVNII 1663.

*
* *

ARCEBISPO D. DIOGO DE SOUSA

Até os fins do seculo XV conservou-se Braga nos seus estreitos limites, estendendo-se de preferencia ao lado Sul da actual cidade: e por aqui tem sido achadas modernamente, em abundancia, inscripções e moedas da epocha romana, a poucos palmos da profundidade do solo.

Ao contrario d'isto, para a parte norte, nada se acha com indices de antiguidade, a não ser a distancia, na circumvisinha povoação de Dume, onde tiveram habitação os Suevos até 586 em que findára a sua dominação.

Frei Antonio da Purificação, na *Chronologia Monastica*, Livro 6.°, refere entrar para frade do mosteiro de Dume, em 593, o ultimo herdeiro dos reis Suevos.

Deve-se a D. Diogo de Sousa o ampliamento nos pregressos da cidade, de que são numerosissimos os testimunhos de generosidade, em praças, ruas, fontes, templos, e edificios seculares, assim como tudo que elle julgára indispensavel ao engrandecimento de Braga, e commodidade dos habitantes.

Os successores d'este Prelado imitaram-lhe o exemplo, tornando-se digno de especial mensão, entre elles, D. Rodrigo de Moura Telles.

Se algum dia o patriotismo de Braga quizer prestar homenagem de gratidão aos seus Prelados, erigindo-lhes em duradouro monumento esse testimunho, caberá aos referidos Antistetes o logar mais proeminente.

D. Diogo de Sousa mandou construir em 1513, junto ao Claustro da Sé, a capella de Jezus, chamada tambem de Nossa Senhora da Piedade, como o indica a inscripção seguinte:

ESTA CAPELA MANDOV FAZER
O ARCEBPO DO D^O^I DE SOVSA PERA
SVA SEPVLTVRA E DE SEVS IRMÃOS
AS PESSOAS CAPITULARES DESTA E
GREIA QVE SE NELA QVISERE LAN-
ÇAR. FOI FEITA NA ERA DE 1513.

Ordenou que os seus capellães cantassem ás quartas-feiras uma missa pelos confrades e bemfeitores da irmandade. E como esta corporação désse 30 reis aos clerigos que cantavam a referida missa, exigiu o mesmo Prelado que os capellães a cantassem para evitar esta despeza!

No tumulo d'este Primaz, collocado em arco aberto na parede do lado da Epistola, acha-se gravada esta inscripção:

AQVI IAZ DOM DIOGVO DE SOVSA. ARCEBISPO. DE BRAGA. FILHO DE IOAº
ROIZ DE VASCOCELOS. SOR. DE FIGVEIRO. E DO PEDROGÃO.
E DE DONA BRANCA DA SILVA. SVA MOLHER O QVAL ELREI. DOM
JOÃO. SEGVNDO MANDOV. PUR EBAIXADOR A ALEXADRE. PAPA.
SEXTO A LHE DAR SVA OBEDIENCIA E ELREI. DOM MANOEL. TENDO
O. FEITO CAPELÃO MOR DA RAINHA. DONA MARIA. SVA MOLHER
O MADOV. DAR SVA OBEDIĒCIA AO PAPA IVLIO. SEGVDO, E EI REI.
DOM JOÃO. TERCEIRO O FEZ CAPELÃO. MOR DA RAINHA DONA
CATERINA SVA MOLHER. O QVL FEZ ESTA CAPELA. PERA
SVA. SEPVLTVRA VIVEO LXXE. II. ANNOS E FALECEO A
XVIIII. DIAS DO MES DE IVNHO DA ERA DE 1532.
E TRESLADADO DO MEIO DA CAPELLA AOS XXII. DE FEVRº DO
ANNO DE 1812 ANNOS SENDO ADMINOR O THEZRO MOR MANOEL
ICNº. DE MATTOS SZA CARDOZO

Do lado do Evangelho, em logar correspondente, acha-se tambem o tumulo de D. Frei Caetano Brandão, com a inscripção seguinte:

AQUI JAZ

D. Frei Caetano Brandão, filho legitimo de Thomé Pacheco da Cunha, Sargento mór de Ordenanças, e de D. Maria Josefa da Cruz. Foi Religioso da Terceira Ordem de S. Francisco, depois Bispo do Pará no Brazil, e ultimamente Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas.

Prelado exemplar e muito distincto pela sua sabedoria e virtudes, tornou-se notavel pela fundação de importantes estabelecimentos de beneficencia e caridade n'este Arcebispado.

Nasceu em 11 de Setembro de 1740 no logar e freguezia de Loureiro, Bispado do Porto, e falleceu em 15 de Dezembro de 1805 nesta cidade de Braga, sendo sepultado na Capella mór d'esta Sé Primacial, e transferido para este tumulo em 15 de Dezembro de 1890.

Hoje é mais conhecida esta capella como *Misericordia Velha*, por ser alli que fôra fundada esta santa instituição de Frei Miguel de Contreiras, denominando-se *confraria* até o anno de 1558, em que se inscreveram todos como irmãos, sujeitos aos novos Estatutos.

Conhecendo El-Rei D. João III os grandes beneficios que a *confraria* prestava aos indigentes, recommendou em 1544, ao Cabido *Sede Vacante*, que pelas rendas da Mitra desse de esmola cada anno, á Mizericordia de Braga, 500 alqueires de pão, alem de 15:000 reis em dinheiro, como lhe era dado em tempo do Arcebispo D. Duarte (1541).

Annos depois mudou-se esta irmandade para a capella de Santa Anna, no Campo do mes-

mo nome; e em 1560, por accordam da mesa em 2 de Janeiro de 1558, sendo provedor Balthazar Paes, e com o consentimento da Camara e do Arcebispo, por provisão de 12 de Março do dito anno, deu-se principio á actual egreja, no sitio em que havia umas casas de Branca d'Azevedo, viuva de Diogo Lopes Homen com outras da Mitra, que D. Diogo de Sousa lhe offerecera pela cedencia da Capella de Jezus: concluiu-se a obra em 1562, vendo-se por isso gravada esta data no alto do frontespicio. Mudaram-se para a nova egreja no tempo de D. Frei Bartholomeu dos Martyres, a 22 de Maio de 1571.

A primeira tribuna d'esta egreja era toda de pedra fina, pintada e dourada, e muito elegante: agora está encoberta com a que tem de talha.



Arcebispo D. Frei Aleixo de Menezes

Era filho de D. Aleixo de Menezes ayo de El-rei D. Sebastião e de D. Luiza de Noronha, parentes muito proximos dos Condes de Cantanhede.

Sendo grande protector da pobresa, applicava todas as economias no soccorro dos necessitados; e foi por esse motivo que elle se dirigira a Madrid, a 13 de Fevereiro de 1613, para pedir a El-Rei Dom Filippe, que lhe augmentasse a renda prelaticia ou o depozesse da cadeira bracarense.

Querendo Dom Filippe que elle se conservasse na Egreja primacial de Braga, attendeu-o, nomeando-o Capellão-mór de Portugal, Prior do Crato, e da Collegiada de Guimarães.

De Madrid escreveu ao Cabido de Braga, em 1614, dizendo-lhe que mandára pedir ao Collegio dos Padres da Companhia, de Salamanca, o braço de S. Lucas, que o Arcebispo D. Frei Agostinho de Jezus havia tirado da Sé para metter em relicario, e que por seu fallecimento levára Valeriano de Frias, creado do Paço, para o dito Collegio onde fôra admittido como jesuita.

Estando n'esse mesmo anno em Lisboa, tambem lhe escreveu affirmando que na Corte de Madrid conservára publicamente os privilegios de Primaz, e que o mesmo estava fazendo na Sé de Lisboa, não uzando cruz porque El-Rei exigia que fosse tratado como Viso-Rei, saindo por isso com um acompanhamento que não teria levando cruz, mas que estava disposto a acceitar o protesto que o conego Gonçalo da Costa queria fazer, por ordem do Cabido, para a manutenção dos direitos da egreja bracarense.

Falleceu em Madrid a 3 de Maio de 1617, e lá se conservou sepultado no convento de S. Filippe, até 10 de Março de 1621, em que o seu cadaver, incorrupto (1), mas falto de dois dedos na mão esquerda, ambos os pés, e a cabeça, foi con-

(1) MEM. DE BRAGA, pelo Commendador Senna Freitas, tom. IV, pag. 276.

duzido respeitosamente para Braga onde se acha encerrado em tumulo condigno, no arco cruzeiro da egreja do antigo convento do Populo, hoje quartel militar do regimento d'infanteria n.º 8, em frente do tumulo de D. Frei Agostinho de Jezus.

Tem a inscripção seguinte:

D. FR. ALEIXO DE MENEZES,
EREMITA DE S.TO AGOSTINHO,
ARCEBISPO PRIMAZ DE GOA E DE
BRAGA
FALLECEO EM 3 DE MAIO
DE 1617

* * *

Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles

O brazão d'este Primaz (1704 a 1728), assim como o de D. Diogo de Souza (1505 a 1532), são ambos bem conhecidos aqui na cidade, e ainda, em toda a Archidiocese por isso que um e outro marcaram com elles numerosas construcções, a que patrioticamente mandaram proceder.

Tinha D. Rodrigo uma alma grande n'um pequeno corpo, e tão pequeno em verdade, que se guarda ainda no thezouro da Sé, como singularidade em pequenez, um dos sapatos bordados

que elle usava nas solemnidades religiosas; e apenas tem de comprimento dezenove centimetros, e dez de altura no tacão! O calix com que celebrava é de prata dourada e mede de altura onze centimetros!

Deu principio D. Rodrigo á reedificação da capella de S. Geraldo em 3 de Dezembro de 1707, concluindo-a em 1712; e dispendeu com esta obra 3:200$000 réis.

A 19 de Dezembro do mesmo anno, trasladou com grande luzimento, para a tribuna o corpo do Santo primeiro Arcebispo Primaz, mandando-lhe gravar na frente do tumulo o seguinte:

BEATI
GERALDI
CORPUS

Tambem reedificou as torres da Cathedral e mandou-lhe collocar mais trez sinos, fez a Casa do Cabido e grandes melhoramentos no interior do templo, reedificou a capella de Guadalupe e de S. Sebastião, o castello da cidade, fez os Aljubes de Braga, de Valença do Minho, da Torre de Moncorvo, e muitos outros melhoramentos que aqui omittimos.

Está sepultado, D. Rodrigo, em campa rasa, proximo do altar-mór, com a inscripção seguinte:

JAZ AQUI O ILL.mo S.or
D. RODRIGO DE MOU
RA TELLES, ARCEB.o
QUE FOI DE BRAGA PRI
MAZ DAS HESPA
NHAS, E GOVERNOV
COM INTEIREZA
24 ANNOS ESTA
DIECESE. DE Q̄ TO
MOU POSSE A 5. DE
JUNHO DE 1704. E
FALECEO A 4 DE SE
TEMBRO DE 1728
REQUIĒ ÆTERNĀ DONA EI,
DOMINE

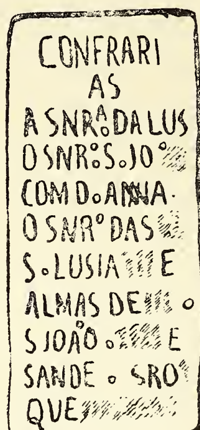
Em 1722 deu começo á reedificação do Sanctuario do Bom Jezus do Monte, a 4 kilometros da cidade, em que dispendera 60 mil cruzados.

* * *

Rua de S. João do Souto

Na casa onde encostava o arco da *Porta Oriental,* e que hoje é propriedade da parochia de S. João

do Souto, estava uma lapide com a inscripção seguinte, já muito detriorada:



Nas trazeiras da capella de S. Geraldo, para a antiga rua das *Ossias, Ussias* ou *Adussias,* hoje de Nossa Senhora do Leite, acham-se á altura de 2,^{m}75 centimetros, duas pequenas lapides de jaspe, ou cousa semelhante, unidas uma á outra, bastante prejudicada a primeira, e já partida e mutilada a segunda.

Copiamos fielmente o que n'ellas se encontra, sem prejuizo d'um unico traço.

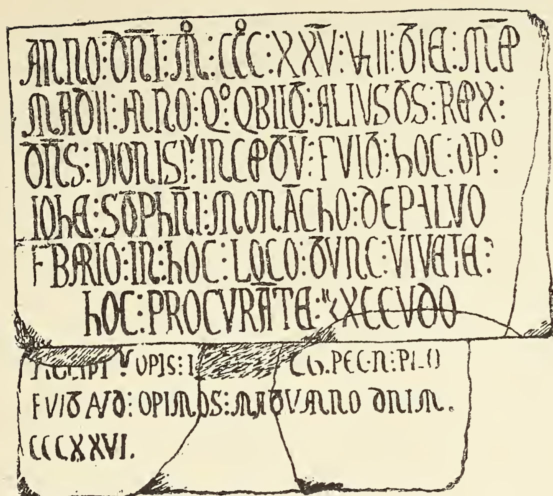
As lettras da lapide superior, medem de altura 3 centimetros, por 1 e meio de largura.

São ambas de muito difficil traducção.

Referem-se aos annos de 1325 e 1326.

El-Rei D. Diniz falleceu a 7 de janeiro de 1325.

São as seguintes:



* * *

Egreja Parochial de S. João do Souto

Affirma o P.e Luiz Cardoso no Diccionario Geographico, e outros historiadores o affirmam tambem, que a egreja parochial de S. João do Souto fôra fundada pelo Arcebispo D. Diogo de Souza, (1505 a 1532); e que anteriormente estivera no castello da cidade, quando apenas ha tradição de lá ter principio a *Confraria*, n'uma capella que ainda se conservava em 1877.

Aproximar-nos-hemos todavia mais da sua origem, firmando-nos em documentos com que deparamos em nossas investigações historicas.

E' sabido que a denominação de *Souto* proviera dos *soutos* de castanheiros que nas immediações havia, e que D. Diogo de Souza mandára devastar para aformoseamento da cidade.

E natural era que esses *soutos* circumdassem o castello, e se estendessem d'alli para cima, e ainda para os lados, alcançando o largo onde se acha a egreja parochial de que tratamos.

Que o Primaz D. Diogo não abriu a *Rua do Souto*, nem tampouco a *Rua Nova*, como geralmente se tem asseverado, pelo facto de lhe ser dado o seu nome, e talvez ainda porque n'uma lapide, que estava no arco anterior se via a palavra FECIT, prova-o incontestavelmente um documento de compra que se guarda no Archivo do Arcebispado sob o n.º 24, com outro documento mais do *Livro 1.º*, de *Testamentis n.º 9*.

Diz o primeiro dos documentos:

«Carta de compra de ametade de huâ casa na *Rua do Souto*, que comprou o Cabido de Braga, a Estefanea, mulher de João Pedro, no anno de 1192».

O segundo documento é um testamento do Presbytero D. Roberto, conego de Braga, com data de 1237, em que elle «deixa á egreja de S. Fructuoso uma casa na *Rua Nova*; e aos clerigos da egreja de S. Victor a erdade de Barrios, por um anniversario».

Sobre serem n'aquelle tempo RUA DO SOUTO e RUA NOVA as que são hoje assim denominadas, é ponto incontroverso quanto á primeira; porque

temos, além d'esta prova, outras que omittimos, para não fatigar a paciencia do leitor n'este nosso tentamen historico; e quanto á segunda, bastará reflectirmos que a Rua do Souto não existiria sem seguimento n'esses tempos, em que já no seu *terminus* havia o Paço Arcebispal de S. Geraldo; a não ser que a capella de D. Gonçalo Pereira, e a Sé Primaz, muito anteriormente, tivessem a sua communicação por campos de cultura ou por terrenos agrestes!

Por isso com bons fundamentos nos inclinamos a crêr, que a actual *Rua Nova de Sousa* seja coeva da *Rua do Souto,* embora então fosse lateral ao norte da cidade, como se deprehende da compra que fizera o Arcebispo D. Martinho Pires, em 1201, d'uma *vinha junto da Rua Nova,* a Estefanea Pelagio e a seu marido Pedro Petri.

Do que é natural inferir que certamente a *inscripção* do arco anterior alludiria ao *alargamento* da Rua, e não á *abertura* d'ella.

E assim tambem a egreja de S. João do Souto foi apenas reedificada, e não fundada realmente, pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa.

Existia n'aquelle mesmo sitio, desde os principios do seculo XII, uma Ermida que foi doada ao Cabido, para lá se estabelecer a parochia de S. João que funccionava na Sé.

Eis aqui o referido documento: (1)

---

(1) Liber Fidei, n.º 486, Arch. do Arceb.

«Doação da egreja de S. João do Souto, de Braga, e das suas pertenças e padroado, feita por Pedro Aurifice e por sua mulher Gelvira Midis, que a fundaram, ao Arcebispo de Braga D. João Peculiar, no anno de 1131».

A este Pedro Aurifice fez doação o mesmo Arcebispo e o Cabido, em 1142, da pensão que se pagava á egreja de Braga pela Agra e Casal das Lages, com seus moinhos no Rio Aleste, abaixo do monte Custodia, em recompensa dos serviços que tinha prestado á mesma egreja nas obras de ouro e prata que lhe fizera.

Em 1317, emprasou o Cabido uma casa atraz da Albergaria, junto da *egreja de S. João do Souto,* a Domingos João, filho de João Dominici, em sua vida sómente, com pensão de um maravedi.

Mas temos ainda outro documento mais, e é o seguinte: «Doação que fez João Pedro, conego de Braga, ao Cabido, de cem aureos, para o dito Cabido *desempenhar o forno que tem junto de S. João do Souto,* o qual tinha empenhado pela dita quantia em tempo de grande carestia, com obrigação de um anniversario pela sua alma. Anno de 1176».

Em 1318 estendia-se esta parochia até Infias, como o declara o final d'um velho documento: «... largou ao Cabido o campo do Enxido *em Infias,* freguezia de São João do Souto».

Do *Livro das Lembranças* consta ainda que em 1373 se fizeram doações á *Confraria.*

Encontramos tambem no Archivo respectivo uma sentença, do anno de 1540, da qual transcrevemos fielmente o seguinte, em abono ainda das nossas asserções:

«Sncã de S. Joaõm — O lecemceado pero marques connyguo na see desta cidade deviseu provisor e viguairo geral no spritual e temporal nella e todo seu bpado pellos m.tos magnificos e m.to R.dos Sñres daeão dignidades connyguos e cabido damesma see de bacamte etc. Juiz appostolico e comisario da causa e negocio de que adiante fara memção. A quantos esta semtemça tirada dos autos e proceso virem saude em noso Sñor Jhũ xpõ faço saber q̃ aos vimte e seis dias do mez daguosto do anno de mil e quinhemtos e cimcoemta e outo annos nesta cidade deviseu em mynhas pousadas pareceo peramte miin ambrosio d'araujo morador na cidade de bragua procurador dos freigeses da igreja de sam Joam de souto da dita cidade de bragua e ennome dos dictos freigeses me apresemtou hum Rescripto seu breve appostollico sub anullo piscatoris do noso mui sancto padre paullo papa quarto, etc., o qual abri e aceptei....., pera cujo efecto mandei passar e decernir carta cittatoria Inhibitorea em forma per viguor da qual foram cittados os snõres do cabido da see de bragua partes adversas na dicta causa,..... primeiramente procesados na dita cidade e corte de bragua aos vinte e hum dias do mes dabrill de mill e quynhentos e coremta anos

*

diamte o doutor sebastiaom glz viguairo gerall na dicta corte pello Iffamte dom amriq. Autores hos dictos freigueses da Igreja de sam Joam do souto, appellamtes e Reos da outra os snres do cabido da dicta see de bragua appellados por Resão de os dictos autores diserem q̃ visitando ho doutor manuel de samctos visitador a adicta Igreja de sam João do souto mamdar ao abbade d'ella q̃ mandase faser uma samcristia na parte do norte e outras cousas e a elles freigueses q̃ pusessem huma cruz de latão como ja lhe fora mandado nas visitaçoems passadas e q̃ mamdasem comcertar a pia de bautisar de modo q̃ se não derramasse a agoa e pusesem huma alva e amitto e cordão pera ho mamto preto e humas galhetas e huma pedra dara e dous lemçoes pera hos altares de fora e duas stamtes e e em cada fresta hua rede de fio como milhor se comthem na visitação.... disendo q̃ ha *dicta igreja era hérmida e capella e q̃ ha sua propria orriginal estava na see da dicta cidade* pollo q̃ a adicta Igreja sempre fora fabricada pollo cabido da dicta see dignidades e connyguos della por ha orriginal ser na dicta see como hera ha de sam tiaguo...... A qual visitação se fizera sem berdadeira informação da callidade da dicta hermida e lliberdade de seus freigueses e *posse immemoriall*...... Os ditos auctores appellamtes vieram com um libello em escripto articullado contra os ditos dignidades e connyguos e cabido Reos disendo q̃ provariam q̃ elles auctores e seus amtecessores de *dez, vinte, trinta,*

coremta, sesemta, cemto, dusemtos e mais annos a esta parte, e por tamto e tam grande tempo q̃ ha memoria dos homems não hera em comtrario.... disiam (os do Cabido) que a dita egreja de sam Joam do Souto da comtemda hera igreja m.to homrada de tẽpo immomorial e q̃ tinha muy grande coro de igreja separada da see como era claro e nottoreo e q̃ tinha adro, campanairo, sinos, pia de bautisar e freiguezes, e no dito adro e igreja se emterabão e tinha freiguesia e llimitte sobresi he abbade sempre ho qual colhia as dizimas q̃ rendião bem vimte ou trimta mil reis. Hera muito grande e nella avia muita gemte de freigueses, mais de tresemtas pessoas. He costume geral neste arcebpado usado e praticado nas Igrejas parochiaes hos freigueses serem hobriguados a repairação da fabrica e do mais necesario aos corpos das igrejas do arco do cruseiro pera fora.

... seis dias depois de notificados (os conegos) dem e pagem aos dictos freiguezes impetrantes setecentos e coremta reis de sallario do seu precurador, e os dictos impetrantes por elles pagaram nesta cidade que lhe foram comtados per Jom delloureiro comtador dellas, allias passado ho dicto termo e não comprindo todo a si imteiramente procederei comtra os inmobediemtes com mais graves pennas procedimentos pera hos quaes ho citto e chamo, sob ha dicta penna dexcominhão e cimcoemta cruzados pera a camera appostollica appllicados, etc.».

Em 1745 foi juiz da Confraria, João Lobo da Gama, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Alcaide Mór da Villa e Couto de Ervededo, Estribeiro e Mordomo Mór de S. A. Serenissima o Snr. Arcebispo Primaz.

Era filho da casa de Olivença que deu Marechaes ao exercito, Almirantes a armada, e Vice-Reis á India, salientando-se d'entre elles D. Vasco da Gama.

Como Juiz fez importantes melhoramentos na egreja e alfaias, tudo á sua custa: o que lhe valeu ficar exarado n'um livro da Confraria o seguinte:

O Snr. S. João Baptista
hé o mayor sancto, entre os sanctos.
O Snr. João Lobo da Gama
hé o mayor Juiz entre os Juizes ([1]).

O Arcebispo D. Sebastião de Mattos de Noronha ordenou que se tapasse o adro da egreja, para evitar que n'elle se lançassem cousas immundas, e que os animaes abrissem as sepulturas.

D. Rodrigo de Moura Telles, em 1706, mandou abrir uns fojes *nas bocas das serventias* do mesmo adro, que occupassem duas das portas, mettendo-lhes umas grades de ferro, para que os

([1]) *Livro das visitações.*

animaes não continuassem a saltar dentro. E ordenou na visita seguinte, que se fizesse uma parede desde a capella-mór até ao muro das casas que foram de Theotonio Soares, com porta para a passagem das procissões; ficando assim fechada aquella parte do adro, que segue para a de Santo Antonio Esquecido, onde tambem se levantára um muro com sua porta para egual fim.

Esta obra concluiu-se em 1714.

O adro terminava n'esta segunda porta, que ficava atraz da capella de Nossa Senhora da Conceição, onde se construira posteriormente o escadorio de Santo Antonio Esquecido.

Julgamos opportuno fazer alguma luz sobre a origem ignorada d'esta capella e milagrosa imagem, com documentos que possuimos colhidos nos archivos.

Tendo-se concluido a capella *do Senhor Morto* e collocado em volta d'ella as estatuetas de santos em marmore, que ainda lá se admiram, coube ao nosso thaumaturgo um logar no exterior das costas da referida capella, principiando desde logo o povo a veneral-o tão fervorosamente, que se tornou necessario retiral-o d'ali e collocal-o dentro da capella do morgado, até que o Doutor Provisor Francisco de Torres concluisse a que lhe mandou construir onde agora se vê, que é junto ao nicho primitivo.

Por um exame directo concluimos que a imagem é realmente de marmore, e mede de altura 1^{m},10 como as demais estatuetas.

O retabullo da capella, que accusa o estylo dos principios do seculo passado é todo de granito toscamente pintado, e com esculpturas allusivas á vida do thaumaturgo.

O mesmo D. Rodrigo de Moura Telles ordenou, a 16 de Outubro de 1724, que o cemiterio do claustro da Sé se desfizesse, e passassem as ossadas para o adro de S. João do Souto, servindo-se d'estas palavras:

«Porque o cemiterio do meio do Claustro da nossa see pella antiguidade estreitesa d'elle, e muitos defuntos que n'elle se haviam enterrado, mostrar a esperiencia que não servira ja (além d'outras cousas dignas da nossa attenção) para este ministerio e nos parecer mais proprio para elle o adro d'esta egreja para ficar servindo de cemiterio, mandamos ja, para elle trasladar os muitos ossos que n'aquelle se acharão.

«E porque ha de ficar d'aqui em diante ser cemiterio na falta d'aquelle: Havemos por alliviados os fregueses d'esta igreja dos reparos e concertos que havia no dito adro, correndo d'aqui em diante por conta da Meza da Mizericordia, a qual terá uma chave d'elle».

No tempo do Arcebispo D. Gaspar de Bragança, (1758 a 1789), tratou-se da *reedificação* da egreja, celebrando-se uma escriptura de contrato com o Administrador do Morgado dos Coimbras, para se accrescentar a egreja até o alinhamento da capella respectiva.

Capella da Senhora da Conceição

Em virtude d'este accrescentamento da egreja de S. João do Souto até á capella do Morgado dos Coimbras, ficou vedada a entrada que dava serventia para a sala do archivo por uma escada orbicular, que póde ser percorrida ainda, de cima até ao 41.º degrau.

Em substituição d'esta serventia abriu-se uma pequena porta na torre, á altura da capella de Santo Antonio Esquecido, para onde se sobe pelo elegante escadorio do lado da Rua de São João. Na parede interior d'esta *sala do archivo* acha-se a curiosa inscripção seguinte:

ESTA.CAPELA.MADOU.FAS.ODOCTOR IM DE CO
IMBRA.DNISO E STE.ARBDDO E ADOTOU.REDAIRONIAI
GIA.E.TDODO PADA.CLEMETE.7.E DELREI.DO.IM.3.EDO
ARBDO.DO.D.º D.SOUSA.TODO.SEIA.EM LOUUOR
D.NOSO.SHOR E DE.SUA.MADRE NOSA.SHRA.1529.

Como nas *Memorias de Braga* se julgue intraduzivel esta inscripção, vamos dal-a, sem exemplo:

«Esta capella mandou fazer o Doutor João de Coimbra Provisor em este Arcebispado, e a dotou. Repairou a igreja em tempo do Papa Clemente 7.º e de El-Rei Dom João 3.º e do Arcebispo Dom Diogo de Sousa. Tudo seja em louvor de Nosso Senhor e de sua Madre Nossa Senhora. 1525.»

Esta capella, em forma quadrangular, foi fundada em 1525, conforme à inscripção respectiva, pelo Dr. João de Coimbra, provisor do Arcebispo D. Diogo de Sousa; e n'ella instituiu morgado aos 16 de Fevereiro de 1530, documentado pelo escrivão e tabellião d'esta cidade, Thomé Diz.

Na instituição disse, entre outras cousas, o seguinte: «... tenho licença de El Rei D. João III, Nosso Senhor, datada de Lisboa a 12 de Março de 1527, para poder comprar bens de raiz para dotar uma capella que tenho feita na egreja de S. João do Souto.

«E em ella ordeno, instituo, crio e faço uma capella em louvor de Deus Nosso Senhor e de sua Madre Santa Maria da Conceição em a qual se dirá cada dia para todo o sempre, missa do modo seguinte: Ao sabbado, missa da Conceição; ao domingo, missa da Dominga ou do santo de que se rezar; á Segunda, dos Fieis de Deus; á Terça, de S. Sebastião; á Quarta, de S. João Baptista; á Quinta, do Espirito Santo; á Sexta, missa de cruz com commemoração de finados.

«Os capellães haverão de esmola por cada

missa 24 reis e dous ceitis e quarto da moeda corrente que é a dozena parte de uma onça de prata, segundo o qual preço agora vale o real de prata a que communmmente chamam vintem, vinte reis, de seis ceitis o real, e mudando-se esta moeda, ou diminuindo-se, pagar-se-hão as ditas, missas a respeito do valor que pelost empos for de prata. Os capellães serão sempre 2 e servirão ás semanas».

«Deixo aos confrades de São João duzentos reis com tal condição que tenhão carrego de em cada hum anno por dia de S. João Baptista saberem e se informarem como se dizem as missas e repaira a dita capella segundo a ordenança da dita instituição, e se alguma cousa fallecer o dirão ao Snr. Arcebispo».

Chama-lhe o povo *Capella do Senhor Morto*, pela veneração em que tem uma imagem de Christo no sepulchro, ladeado do respectivo figurado, tudo de pedra fina, e em tamanho natural, no lado da Epistola.

As imagens do altar são tambem de pedra fina e bellamente esculpturadas. Mas o que sobretudo desperta a attenção dos apreciadores, n'esta capella, são as estatuetas de marmore, que estão collocadas exteriormente em volta da torre, e a meia altura d'ella, bem como um Satyro e um Fauno sobre a especie de galilé, onde tambem avultam os eremitas S. Paulo e Santo Antão, com um magestoso leão em descanço. N'uma extremidade do friso lê-se :

CORVVS;

em outra:

PAVLVS PRIMVS HEREMITA

Esta capella abobadada, e com um grande arco rendilhado que dá passagem para a egreja adjunta, nunca teve outra entrada que não fosse por dentro da referida egreja de S. João, pois é certo que a galilé, toda gradeada na frente, foi mandada rasgar ao centro pelo seu administrador, em fins do seculo XVII; estabelecendo então por alli a entrada.

Tem a um lado a inscripção seguinte: (sic)

DEIPÆRAE VIRGINI
SACRVM*JOANNES
CONNIMBRICENSIS.
ANNO CHRISTI MD
XXVIII*DICAVIT.

D. Rodrigo de Moura Telles, visitando-a em 1706, deixou no Livro competente, a fls. 49, o seguinte:

«Constando-nos que a capella de Nossa Senhora da Conceição, de que é administrador Joseph de Coimbra de Andrade, só de annos a esta parte tem porta para a Rua, como actualmente tem hoje,

porque aonde hoje tem a dita porta tinha uma *jinella com peitoril e grades de ferro que o tempo consumiu,* e da jinella fez porta com serventia para a Rua o dito administrador, *servindo-se até ahi a dita capella pellas portas da egreja* na occasião em que estavam abertas; e porque da igreja principalmente em que está o Santissimo Sacramento mal se pode entregar alguem tendo duas chaves em diferentes mãos, e devemos obviar todo o perigo premeditado em semelhante caso, por tanto mandamos que o dito Joseph de Coimbra de Andrade, ou mande pôr, a jinella de peitoril como estava ou se feche por dentro a porta da capella, que vae para a Rua, de maneira que se não possa esta abrir sem primeiro se desfechar por dentro, porque em nenhum tempo o R.do Abbade d'esta egreja possa dar por desculpa de algum caso que succeda nella não dever guardar casa que tem duas portas; e esta se executará logo, e advertimos ao administrador mande fazer logo as obras que se lhe ordenarão a visita passada».

Em frente a esta capella conserva-se ainda a casa nobre dos Coimbras, condemnada a desaparecer em breve para o seguimento da Rua Nova de El-Rei, aberta com mais largura em nossos dias, para aformoseamento do antigo Bairro das Travessas.

Bom será que por essa occasião se mandem ao menos para o Campo das Carvalheiras (visto não haver em Braga um museu apropriado para resguardo das suas numerosas e valiosas anti-

gualhas) as duas curiosissimas janellas que já por diversos estrangeiros teem sido photographadas.

Em 1876 instou o sabio professor decano do Lyceu de Braga com o Primaz d'então, e seu contemporaneo da Universidade de Coimbra, o snr. D. João Chrisostomo d'Amorim Pessoa, para á sombra d'elle, sem resquicios alguns de politica militante, ser creado aqui um INSTITUTO ARCHEOLOGICO, que tomasse a seu cargo a conservação dos monumentos antigos do districto, e da cidade especialmente, recolhendo-os em muzeu para isso apropriado.

Inaugurou-se effectivamente o INSTITUTO com os melhores auspicios; mas a poucos passos depois, e quando o mesmo professor decano tinha estabelecido relações litterarias fóra do paiz com as principaes associações congeneres, começou o já fallecido Prelado a abrir conflicto com o governo, sustentado tenazmente por uma e outra parte, resultando d'ahi o não ir ávante uma instituição de tam elevado alcance para esta capital do Minho.

Durante a gerencia da administração superior do districto pelo ex.mo snr. conselheiro José Novaes, a quem por mais d'uma vez mereci a honra de ser attendido cavalheirosamente, convidei o meu respeitavel amigo snr. Dr. Pereira Caldas, a acompanhar-me ao palacete do governo civil para interceder commigo perante o illustre magistrado civil, afim de se revivescer o alludido INSTITUTO ARCHEOLOGICO.

Escutou-nos sua ex.ª com toda a affabilidade, que o caracterisa, e prometteu-nos interceder perante os poderes publicos em favor da nossa iniciativa.

Quando porém tudo se nos augurava com os melhores auspicios, é sua ex.ª transferido d'aqui para o governo civil do Porto; e fica-nos outra vez em desejos a suspirada revivescencia do instituto.

Fiquem ao menos aqui estas linhas desataviadas, em memoria da nossa boa vontade, e da promessa embora não realisada do illustrado governador civil que deixou Braga.

Capella da Senhora da Abbadia

Anteriormente á Capella que hoje existe, houve outra no mesmo sitio, que D. Diogo de Sousa mandára edificar.

No *Sanctuario Marianno,* tomo IV, diz-se que estava encostada aos muros da cidade, pelo lado de dentro, na praça que então se chamava do Castello, e que tinha de comprimento 15 palmos (3 metros, e 30 centimetros); e de largura, pouco mais de 12 (2 metros e 64 centimetros).

Era construida sobre 3 arcos, lateraes e fronteiro, fechados com grades de ferro.

No remate do arco envidraçado, le-se o seguinte:

ASSVMPTA
EST MARIAM
CÆLVM GAV
DENT ANGELI
ANNO 1738

Os moradores das immediações promoveram uma Representação, em 15 de abril de 1853, para que a Camara mandasse demolir as casas fronteiras, afim de se endireitar a rua do Souto.

Castello da Cidade

Desconhece-se a data primitiva da sua construcção; sabemos todavia que depois das grandes obras que El-Rei Dom Fernando lhe mandára faser entre 1375 e 1380, tivera successivos reparos até ao anno de 1717, em que o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles lhe reconstruira a muralha, á qual D. Diogo de Sousa, reinando D. Manoel, accrescentára em reforço do Castello dois baluartes circulares, que deitavam sobre o campo de Sanct'Anna, e de que restam ainda vestigios nas duas casas redondas da Arcada da Lapa — *rendez-vous* quotidiano da *elite* bracarense.

Em 1533 escreveu D. João III ao Cabido de Braga, *Sede Vacante,* recommendando-lhe que mandasse tomar conta a Roque da Costa, Alcaide Mór da fortaleza da cidade, das *cousas pertencentes á mesma fortaleza;* pois lhe constava que elle havia vendido por ferro velho a artilheria, assim como outros objectos do *almazem.*

D. João IV mandou-o reparar em 1642; e passados 20 annos foi inspeccionado por um engenheiro, á ordem de D. Affonso VI: e provavelmente allude a isso a padieira d'uma janella interior, que tem gravado o seguinte:

EL-REI
D. AFFONSO 6

Ha ainda do lado direito outra inscripção, que commemora sem duvida algum feito do seu reinado, dizendo assim:

O CAPITÃO JOÃO DE
OLIVEIRA DELGADO.
PRODIGIO 1675

No arcebispado de D. João de Sousa, (1696 a 1703), reedificou este prelado a fronteira do Castello, por se achar desmoronada em parte, como consta dos registros officiaes do archivo municipal.

Esta torre de *menagem,* onde agora são recolhidos os presos de mais urgente resguardo, des-

tinou-se em 1698 a corrigir pequenas faltas pessoaes, como fizera o mesmo Arcebispo D. João de Sousa, mandando encerrar ahi, a 23 de novembro do referido anno, duas Beatas do Recolhimento da Penha de França, que desdobraram largamente a lingua.

N'esta mesma torre de *menagem*, conforme o testimunho de D. Rodrigo da Cunha, mandou-se gravar em 1375 (era de 1413) a inscripção seguinte:

O MOI NOBRE REY D. FER-
NANDO MANDOV FAZER ESTE CASTELLO.
ERA MCCCCXIII.

Quando a 29 de Agosto de 1861 D. Pedro V visitára o Aljube, lembrou a abertura d'algumas janellas nas costas do edificio para o terreiro do castello.

Este bondoso monarcha deixou de existir pouco depois, fallecendo ás 7 horas da noite de 11 de novembro do mesmo anno, lamentado e pranteado pela nação inteira sem divergencia de partidos politicos.

Da epocha romana ainda hoje se vêem restos de circumvallação nos campos d'Urjaes, pertencentes á Quinta dos Avellares, quasi ao fundo da rua dos Pellames, onde parece ter havido algum edificio memoravel na epocha romana; pois alli foram achadas outr'ora columnas com capiteis, assim como uma sepultura de tijolo e cal, con-

tendo um caixão de chumbo com um disco de vidro dentro, grosso e ornado, cheio de cinza, figurando tudo isto sepulchro de pessoa grada.

E' crivel continuarem-se estas muralhas, mais ou menos modificadas, não só até os lineamentos da autonomia patria, senão ainda egualmente atravez dos primeiros tempos da monarchia portugueza.

Antes de D. Fernando, talvez merecesse as attenções de D. Diniz a circumvallação de Braga, assim como as do conde D. Henrique ao iniciar a autonomia portugueza. Não passa isto no entanto de tradicção assaz vaga.

Ainda que os arabes destruiram a cidade de Braga sem deixarem pedra sobre pedra em todo o ambito d'ella, e *salgando-a* em testimunho de castigo ignominioso; certo é que não destruiram algumas egrejas d'então, (como a de Maximinos, a de S. Victor, a de S. Fructuoso, e a do mosteiro de S. Martinho de Dume), nem ainda o castello de Maximinos, de que nos tempos proximos ao Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, (1627 a 1635), existiam ruinas tão venerandas, como as das muralhas circumvallares do povo romano — *res populum late regem* em phraseologia Vergiliana.

Principiando-se esta circumvallação desde a Porta-Nova, e decorrendo-a pela Rua dos Biscainhos, Campo da Vinha, Rua da Fonte da Carcova, alpendres da Porta do Souto, Rua de S. Marcos, Rua do Anjo, Campo de S. Thiago, Rua do Alcaide, Campo de S. Sebastião, Rua de S. Mi-

guel o Anjo, até findar-se ao sul na mesma Porta Nova; abrange-se uma circumferencia de 1:627 varas (1:679 metros e 70 centimetros).

Egreja dos Terceiros

Residindo o Commissario Geral da Ordem Franciscana em Castella, foi alli procurado por alguns piedosos bracarenses, que lhe supplicaram a creação da Ordem Terceira da Penitencia; e indigitaram-lhe, para a fundarem e dirigirem, os religiosos do convento de S. Fructuoso nos suburbios da cidade primaz.

Annuiu á supplica o Commissario, encarregando promptamente, não os frades de S. Fructuoso, mas os Menores Regulares da então villa de Guimarães; para o que veio logo a Braga Frei Francisco do Salvador, na qualidade de primeiro Commissario, lançando as bases para a referida fundação, e retirando-se dias depois ao seu convento.

No anno de 1669 conseguiram os novos Terceiros installar-se na capella de S. Francisco das Chagas, na Sé, instituida por Domingos Vermudes e sua mulher Maria Miguel, que, sobrevivendo áquelle seu marido, fez testamento em 1366, e deixou umas casas para hospicio de Frades Me-

nores, e ao Capellão da sua capella, para seu salario, duas casas na Rua de Maximinos, com outra casa e tapada ahi tambem, além d'oito maravedis por outras.

Esta capella foi doada ao Cabido pelo seu administrador João da Fonte, em 1429, com a obrigação de satisfazer os seus encargos.

Estava instituida no terceiro altar da nave de S. Pedro de Rates (contando de baixo para cima), hoje dedicado a Nossa Senhora do Loreto, cuja pintura, bem como as dos outros altares, é devida ao inspirado pincel de João Glamma Stroberle, fallecido em Lisboa no anno de 1792, com 84 de edade.

Aos 14 de Janeiro de 1674, mudaram-se os irmãos Terceiros para a capella do Espirito Santo, no Hospital de S. Marcos; mas como lhe fossem doadas duas casas na Rua da Fonte da Carcova, hoje Rua dos Capellistas, resolveram erigir um templo n'aquelle logar, comprando e demolindo tres casas mais, que ficavam contiguas ás doadas, e lhes custaram 94:000 reis.

Foi benzida em 1712 a egreja, que é templo magestoso, começada em 1690; e só em 1733 se concluiu a torre, começada em 1722 conjunctamente com a capella-mór.

A sacristia, assim como a casa do definitorio, teve principio em 1758.

N'um e n'outro lado da porta principal estão as duas inscripções seguintes:

TEMPLO DA SAGRADA ORDEM TERCEIRA DA PENITENCIA Q̃ INSTI TVIO O SERAFICO P. S. FRANCISCO PRINCIPI ADO A 7 DE MAYO 1690	FEITO Á CVSTA DOS FI LHOS SECVLARES DA MESMA ORDEM AIVDA DOS DA PIEDADE DOS FIEIS Q̃ CONCORRERAO COM SVAS ESMOLAS.

Casa da Portagem

Era um velho edificio de construcção singella, onde ainda ha poucos annos se recolhiam os carros americanos, achando-se agora em seu logar um elegante predio.

Estava ao lado da egreja dos Terceiros Franciscanos, e tinha na parede exterior o lettreiro seguinte:

CAZA DA PORTAJE: NESTA ASSISTIRÁ O REN
DEIRO DĒS AS 8 ½ HORAS DA MANHAM
ATÉ AS OITO DA TARDE NO TEM-
PO DO INVERNO: E NO BERAM
EM THÉ AS NOVE DA NOITE, COM
PENA DE NÃO PODER VEXAR
AOS QVE DEVEREM. ANNO
DE 1715 ANNOS

*

A poucos passos de distancia, levantava-se um Cruzeiro que a Camara mandára apear em 15 de setembro de 1868, com o fim de deixar amplo o largo do Eirado, a que o povo estropiava o nome em largo do Ourado, e com o povo ainda muita gente, que se arvorava em superior a elle.

Nas quatro faces da base, estavam as legendas seguintes:

ORD.º ABB.E FR.co SARAIVA DE BRAGA, POR SE CRIAR NESTE REXIO MANDOV NELLE FAZER ESTE CRV ZEIRO, PERA LOVVOR DO SENHOR I. H. S. ANNO 1633.

NOS AVTEM GLORIARI OPP ORTET IN C. RVCE DNI NRI JES. XPI, IN QVO EST SALVS, VITA ET RE SVRRECTIO NOSTRA

ATTENDITE ET VIDETE SI EST DOLOR SICVT DOLOR MEVS

FACTVS EST PRO NOBIS OBEDIENS VSQVE MORTEM ARTE CRVCIS

FONTE DA CARCOVA

Na Rua da Carcova outr'ora, e hoje dos Capellistas, ha uma fonte d'agua potavel, conhecida pelo primitivo nome da Rua.

E' obra do Arcebispo D. Diogo de Sousa: lá tem o seu nome com o anno em que fôra construida.

·D. SOVSA.
.ARCHIEPQ.
. 1.5.2.0

* * *

Capella de Santa Anna

Em frente á egreja dos Congregados, havia uma capella dedicada a Santa Anna, que principiou a ser demolida no dia 6 de Agosto de 1769, em volta da qual estavam collocadas as inscripções romanas milliarias.

Tinha sido mandada construir em 1506 por D. Diogo de Sousa, conforme a inscripção seguin-

te, que na actualidade se encontra sobre um cippo romano, no Campo das Carvalheiras:

SACELLUM.HOC.SIMVL.ET.PLATEAM.IN.QVA.ARBORES.
VETERESQ̄E.VINEAE.ANTEA.ERANT.FECIT.VIDALVS.DE.
SOVSA.ARCHIEPISCOPVS.ATQ3.DOMINUS.BRACAREN.
HISPANIA℞.PMĀS.IDQ3.MONVMĒTA.ROMANORV̄.QVAE
STARE.VIDES.DISPERSI.REPERTA.OB.BRACARAE.AVGVS
TAE.MEMORIA.ERIGI.IMPERAVIT.ANNO.DNI.1906

Capella de Santo Antonio

O Arcebispo D. Manoel de Sousa (1544 a 1549) mandou construir uma capella de Nossa Senhora da Nazareth, no anno de 1546, (1) tomando a dita capella o nome de Santo Antonio, por ficar encostada á muralha, e junto da porta da cidade, que tinha no alto um nicho com a imagem do thaumaturgo portuguez, e que era muito venerada dos fieis, que para alli subiam por uma escada, mettida na sobredita muralha.

(1) N'este mesmo anno lançou por todo o Arcebispado um subsidio de que pretendeu izentar-se o D. Prior de Guimarães, Gomes Affonso, sustentando que os Arcebispos não tinham jurisdição na Collegiada, o que de nada valeu, por proferir sentença desfavoravel o Tribunal da Legacia.

Esta servidão foi inutilisada por D. Frei Bartholomeu dos Martyres (1559 a 1590), quando fundára o Seminario de S. Pedro no então *Campo da Vinha*, hoje Campo de D. Luiz I; pois querendo o virtuoso Primaz visital-o diariamente, estabeleceu para isso uma communicação entre o Paço e o mesmo Seminario, por cima da muralha, em fórma de alpendrada, como ainda se póde vêr na actualidade, embora obstruida, em virtude da passagem recente do alludido Seminario a propriedades particulares.

Da velha capellinha resta apenas parte do fundo, com uma pequena janella quadrilonga e algumas pedras, taes como: a pia da agua benta, fragmentos d'um arco simples, e poucas cousas mais.

Projectando D. Frei Agostinho de Jesus (1587 a 1609) fazer no Paço um accrescentamento para o lado do Campo dos Touros então, e Praça do Mercado hoje, realisado depois pelo infante Arcebispo D. José de Bragança (1741 a 1756) e destruido por violento incendio, irrompido alli ás 11 horas da noite de 15 de abril de 1866, mandou murar o espaço destinado áquelle fim, ficando da parte de dentro a alludida capellinha.

D. Rodrigo da Cunha (1627 a 1635), pezaroso por vêr o publico privado d'aquella casa de oração, demoliu-a e reedificou-a no sitio onde se vê, collocando-lhe sobre a janella a primitiva padieira da porta principal, e que resa assim:

ANNO. XXV. IMPERII. DIVI. JOANNIS. III. LVSITAN
REGIS. D. EMANVEL. DE. SOVSA. ARCHIEPS. BRACH
HISPAN. PRIMAS. EIVS DE REGIS. FACTVRA. HOC.
SACELLV. POSVIT. IN HONORE. MARIE. VIRGINIS.

* * *

CONVENTO DO POPULO

E' bem certo o dictado popular, de que ha males que vêm por bem.

A construcção do convento do Populo deve-se ás divergencias entre D. Frei Agostinho de Jesus e o Cabido da Sé, por este lhe não consentir a fundação d'uma capella para jazigo d'elle na Cathedral.

O Prelado Primaz, ferido na sua dignidade, escolhe a *vinha de Santa Eufemia,* (Campo da Vinha depois, e actualmente Campo de D. Luiz I), e funda alli um convento da ordem de Santo Agostinho, lançando-lhe a primeira pedra aos 3 de julho de 1596.

Não é a actual fachada do templo a da sua edificação; porque essa antiga, d'um gosto simples e sem torres, levantava-se um pouco mais atraz, sobre a porta que fórma agora o anteparo.

A torre antiga vê-se ainda inutilisada nas costas da egreja, faltando-lhe a elegante cupula que um raio destruira.

Desde a suppressão dos conventos (1834), foi destinado este para quartel militar, profanando-se durante bastante tempo a egreja, que fôra transformada em paiol da polvora.

O fundador do convento, fallecido em 25 de novembro de 1609, foi sepultado na egreja velha, e os seus restos mortaes trasladados em 1628 para a capella-mór da egreja nova, junto do arco cruzeiro, no lado do Evangelho.

Estão n'um tumulo alto; ficando-lhe fronteiro o do caritativo successor D. Frei Aleixo de Menezes.

Tem a inscripção seguinte:

D. FR. AGOSTINHO DE JESUS,
EREMITA DE S.TO AGOSTINHO
ARCEBISPO PRIMAZ DE BRAGA
FVNDADOR DESTE CONVENTO
FALLECEV EM 25 DE NOVEMBRO
DE 1609

Em 1610 havia muito poucos frades no convento; e o Cabido, attendendo a essa circumstancia, deu-lhes licença para não acompanharem a procissão do Corpus Christi, mas por aquella vez unicamente.

Uma das capellas do lado do Evangelho, onde agora está o Sacramento, foi fundada por Salva-

dor de Magalhães Machado, em 1647, como o indica a inscripção alli existente:

ESTA CAPELA HE DE
SALVADOR. DE MA
GALHAES. MACHADO
E SEVS. ERDEIROS.
COM OBRIGAÇÃO
DE DUAS MISSAS CO
TEDIANAS. 1647

* * *

FONTE DE S. THIAGO

Está na Rua da Boa-Vista, outr'ora Rua das Conegas.

E' assim denominada esta fonte, porque tem ao centro um nicho com a imagem do Santo Apostolo.

Foi tambem mandada construir por D. Diogo de Sousa, e tem esta legenda:

D. SOVSA ARCHIEP?
ANNO SALVTIS 1531



CAPELLA DO SENHOR DAS ANCIAS

Está situada ao lado sul da mesma Rua da Boa-Vista. No alto da tribuna tem uma imagem de Christo na cruz, bellamente esculpturada, a qual faz salientar a incorrecção d'outra que se acha na sacristia em cruzeiro de pedra.

Foi feita a expensas dos devotos, conforme se lê no friso da frontaria:

ANNO 1735
ESTA CAPELLA FOI FEITA A CUSTA DOS DEUOTOS

E' administrada por uma confraria, mas as chaves encontram-se em poder do snr. Antonio José Gonçalves, visinho proximo, que muito concorre para a sua veneração.



CONVENTO DO SALVADOR

D. Frei Agostinho de Jesus (appellidado Castro) que regera a cadeira Primaz desde 1587 a 1609, aproveitou-se do então Campo da Vinha,

desprovido de vides em virtude da troca e emprazamento feito a 3 de dezembro de 1508 pelo seu proprietario o Alcaide-Mór de Braga, Affonso da Costa, ao Arcebispo D. Diogo de Sousa, por diversos foros e propriedades na Veiga de Penso, com o fim de ser transformado n'um grande largo, e mandou alli construir um mosteiro denominado do Salvador, para n'elle recolher as Religiosas Benedictinas do denominado *Victorino das Donas,* proximo a Ponte do Lima, transferidas para alli do seu convento no monte Bulhente, junto ao rio Ancora, e edificado por D. Nuno Soares Velloso, passando para este convento os frades que habitavam esse outro.

O antigo edificio é a parte que corre ao poente da egreja, e foi fundado em 1602.

No anno de 1734 concluiu-se o novo dormitorio, e a casa para os capellães, que fica entre a capella-mór, e o actual edificio do Collegio Inglez de educação feminina intitulado agora do *Sagrado Coração de Maria.*

Havia n'este sitio duas moradas de casas, com quintaes, que as religiosas compraram para este fim. A egreja é toda apainellada no tecto; e tem um pulpito de rica talha dourada, de muito merecimento.

Sobre a porta de entrada lê-se o seguinte:

SALVA NOS SALVATOR MVNDI.
DE VICTORINO AVGVSTINVS TRANSTVLIT OLIM. 1602
STRVXIT AB ALMEYDA DOMNA MARIA MODO. 1616.

No claustro do convento existia a capella de Jesus, mandada fazer pela religiosa D. Joanna Pereira, como o indica a inscripção seguinte:

CAP.ᴬ D IHS Q̃ FS̃: D. JOANNA PR.ᴬ
1662

Fallecendo a ultima Abbadessa D. Thereza Maxima do Espirito Santo, a 7 de fevereiro de 1893, sepultada no cemiterio publico, na campa 382, passou todo o edificio para a posse da Fazenda Nacional, que o concedeu depois ao Azylo de Mendicidade, actual possuidor.

E' notavel o facto de encontrarmos em quasi todos os Mosteiros de Religiosas, nas differentes terras do paiz, uma senhora Pereira!...

Ou temos em Portugal, crescido numero de Pereiras, ou então não se dão mal com a clausura das freiras.

* * *

RECOLHIMENTO DA CARIDADE

Foi fundado este Recolhimento por Antonio Pinto, morador na rua dos Chãos de Baixo, em umas casas que elle comprára para este fim na

rua do Carmo, e terminaram as obras da capella em 1768.

Celebrou-se alli a primeira missa a 23 de janeiro do anno seguinte (1769), e em 1785 já occupavam as Recolhidas umas casas que pertenceram ao Dr. Manoel da Silveira, cavalleiro fidalgo da Casa Real. Resa d'isto o que no alto do cunhal se acha ainda, e diz assim:

MANOEL DA
SILVEIRA FIDALGO
DA CASA DE SUA
MAGESTADE
O FES

*
* *

CONVENTO DO CARMO

No dia 1.º de fevereiro de 1635, foi fundado este convento, pelo seu primeiro Prelado Frei José do Espirito Santo, natural de Braga, n'umas casas do Largo de S. Sebastião das Carvalheiras, onde agora se acha estabelecido o matadouro municipal.

Este veneravel religioso jaz em Madrid no Convento dos Carmelitas Descalços.

A obra do Convento Bracarense teve principio a 4 de maio de 1654, lançando-se todavia a primeira pedra 17 dias depois, começando os preparos da edificação em 1653.

N'este mesmo anno de 1654 largaram os Religiosos ao Cabido o Campo do Carvalhido em S. Martinho de Dume, e o Campo da Deveza em Urjaes a sul de Braga, largando-lhe o Cabido, em troca, o Campo de Santa Eufemia na Rua do Carvalhal, assim como umas casas terreas em que se fizera o convento.

A 22 de outubro de 1655 trasladaram-se os religiosos, processionalmente, para este seu novo convento.

Em 1740 cedeu o Cabido aos Carmelitas um pedaço de terra, pertença do Praso da Torre Velha; e os Religiosos cederam ao Cabido o Campo Novo, junto da dita Quinta da Torre.

Um anno antes do fallecimento da mystica doutora Santa Thereza, a quem é devida a reforma da Ordem Carmelitana, approvada pelo Papa Pio IV, expediu ella da Hespanha, para a fundação em Portugal, o Padre Frei Ambrosio Marianno e o Padre Frei Gaspar de S. Pedro, que chegaram a Lisboa, com os companheiros, em 1 de outubro de 1581.

Na primeira capella do lado da Epistola existe a inscripção seguinte:

CAPELLA DO D.OR
MANOEL FREIRE
DE ANDRADE. ME.R D.
MARGARIDA FREIRE
HERD.OS E SVCESSORES.
COM IIJ MISSAS QVO
TIDIANAS. ANNO 1693.

N'esta egreja é notavel a *Capella do Santuario*, conhecida pelo nome de *Relicario* por conter mais de mil preciosas reliquias de Santos, distribuidas pelas quatro paredes interiores, desde o pavimento até á extremidade superior.

Póde considerar-se um museu de arte sacra, porque se admiram alli trabalhos irreprehensiveis de pintura em pergaminho, em vidro, em cobre, desenhos a matiz, e pequenas esculpturas de Santos. Esta capella, indulgenciada pelo Papa Pio VII, foi sempre tida pelos frades em grandissima veneração.

Ao centro ha uma sepultura de marmore com a seguinte inscripção:

AQUI JAZ
SIMÃO DA COSTA PESSOA
1.º BARÃO, 1.º VISCONDE, 1.º CONDE DE VINHAES;
FIDALGO CAVALLEIRO DA CAZA REAL;
COMMENDADOR DAS ORDENS DE S. BENTO
D'AVIZ, E TORRE-ESPADA; CONDECORADO
COM A CRUZ N.º 3 DA GUERRA PENINSULAR;
E POR S. M. CATHOLICA, COM A CRUZ DE S.
FERNANDO DA 1.ª CLASSE, E COM A GRÃO-CRUZ
D'IZABEL A CATHOLICA; MARECHAL DE CAMPO
DOS REAES EXERCITOS, E COMMANDANTE
DA 4.ª DIVISAO MILITAR: & & & FILHO
PRIMOGENITO DE JOZE DA COSTA PESSOA
FIDALGO CAVALLEIRO DA CAZA REAL, E DE
SUA MULHER D. JOZEFA DE MORAES
SARMENTO BARRETO
NASCEU EM VINHAES AOS 25 DE MARÇO
DE 1790, MORREU EM BRAGA AOS 30 DE SEPTEMBRO
DE
1848
SEU SAUDOSO IRMÃO O BARÃO DE VINHAES
LHE VOTOU ESTA CAMPA

*

E' encimada pelas armas dos Pessoas, que tem seis luas d'ouro em campo azul e uma bordadura de preto; oito estrellas de prata com cinco pontas, e uma d'ellas por timbre sobre o elmo.



EGREJA DE S. VICENTE

No livro *Rerum Memorabilium*, existente no Archivo da Mitra, e mandado escrever pelo Arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus (appellido Castro), para colleccionar documentos relativos á historia ecclesiastica de Braga, lé-se que no seculo x se fizera o *Tombo dos limites do Bispado de Dume*, com a assistencia do Rei de Leão, Bispos, e outras pessoas gradas; e que do referido *Tombo* consta a existencia da egreja de S. Vicente no sitio de Infias.

O documento, a que o *Rerum Memorabilium* se refere, encontramol-o no Archivo do Arcebispado, e principia assim:

«Demarcação do Bispado de Dume, feita por mandado de El-Rei de Leão e Oviedo D. Ordonho 2.º á instancia do Bispo Savarico, no anno de 919».

N'uma das inscripções da frente do templo, lê-se que a capella fôra dedicada a S. Vicente no anno de 656.

Na parede interior da sachristia estão embebidas tres lapides de merecimento; referindo-se uma aos privilegios e indulgencias da Egreja de Latrão, em Roma, de que esta egreja gosa, outra á reedificação, e a ultima a um caso funebre da era de 656. Eil-as:

INSIGNIA DA
SE.LATERANENSE
CVIAS INDVLGEN
CIASGOZAESTACAPª.

OBRVTVS.ANT.QVÆ.LATVIT.PENETRALIB'Æ.DS,
ERVTVS.ECCE.NOVA.CERNITV'Æ.D'LAPIS
IN.LVCEM.REDIT;DATA.CVM.SACRARIA DVO
ET.NOVA PRO.VETERI.CV.FVIT.ARA.DMO
M.D.LX.V.

+HIC REQVIESCIT.REMISTVVERA
INMEMAIAS.ERA.D.C.QVINQVAGIS
VI DIE.SECVNDA.FERIA.INPACE.AMEN

Em 1783, uniu-se n'esta egreja, á irmandade de S. Vicente, a irmandade de S. Homem Bom, patrono dos alfaiates e mercadores de pannos, que outr'ora era venerada e muito festejada em um nicho proximamente ao Arco da Porta Nova, prégando-se alli sermões que foram impressos.

Em louvor d'este Santo Patrono escreveu o livreiro lisbonense Francisco Lopes um poema lyrico de muito extrema raridade, por isso que só é conhecido o unico exemplar que possue o snr. Dr. Pereira Caldas, e que nem Diogo Barbosa Machado indicára bem na *Bibliotheca Luzitana* por não chegar a vel-o, nem tampouco Innocencio da Silva no *Diccionario Bibliographico,* onde nota esta mesma circumstancia da sua raridade.

Aos lados da porta principal do templo achamse as inscripções seguintes:

MEMBRO DA SACROSANTA IGREIA LATERANENSE DE CUIOS PRIVILEGIOS GOZA COM OBRIGAÇAM DE DVAS LIBRAS DE CERA PAGAS EM ROMA CADA ANNO DESDE A ERA DE 1598	AQUI SE GANHAM COPI OSAS INDULGENCIAS VI SITANDO ESTA CAPELLA DEDICADA A S. VICENTE NA ERA DO SENHOR. DCLVI. REEDIFICADA EM. MDLXV. E TERCEIRA VEZ FUNDADA 1691



CAPELLA DE GUADELUPE

Está situada n'um local formoso, em fórma d'alameda, com amplas vistas sobre varios pontos das cercanias da cidade.

E' um local apropriado á meditação e ao estudo.

Diz a tradição que havia alli uma ermida antiga consagrada a Santa Margarida, a qual se reedificou no mesmo sitio em honra da Mãe de Deus.

Para esta obra concorreu com 100$000 réis o generoso Antistite D. Rodrigo de Moura Telles.

Sobre a porta lê-se o seguinte:

PROTEGAM
VRBEM ISTAM
42C.9V.20
1747



CAPELLA D'INFIAS

Na casa nobre d'Infias acima um pouco da egreja de S. Vicente, conhecida em tempos ante-

riores com o nome de Casa de Val-de-Flores, ha uma capella na orla da estrada publica para o logar do Areal, dividido parochialmente em Areal de Baixo e Areal de Cima, achando-se n'este ultimo a antiga casa de Granja dos jesuitas de Braga, hoje habitada por missionarios do Varatojo como propriedade sua.

Na alludida capella particular, venerada com a invocação de Nossa Senhora do Pilar, acha-se em uma pedra, no frontespicio, esta legenda:

DESTA CAPELLA DE NOSSA
SENHORA DO PILLAR HE PA
DROEYRO JOÃO BORGES PE
REYRA PACHECO FIDALGO DA
CAZA DE SVA MAGESTADE
CAVALEYRO PROFESSO DA
ORDE DE CHRISTO. 1687

A familia Borges Pacheco, possuidora d'esta capella, e em quem é *de jure* o fôro de fidalguia da Casa Real, é uma das mais antigas da capital da provincia do Minho, e uma das mais nobilitadas de Portugal; pois são d'origem romana os Pachecos, (Florez, Med. das Colon. T. II. p. 653).

Gira-lhe nas veias o sangue nobilissimo de D. Fernam Geremias, rico-homem do tempo d'El-Rei de Castella D. Affonso VI, e que de lá viera para Portugal com o Conde D. Henrique, pae do nosso primeiro Rei D. Affonso Henriques. E casou este D. Fernam com D. Mór Soares, filha

de Soeyro Viegas, fundador do mosteiro religioso de Ferreira d'Aves.

Foi seu 4.° neto João Fernandes Pacheco, rico-homem, senhor de Ferreira d'Aves, casado com D. Estevainha Lopes, filha de Lopo Roiz Paiva e D. Tareja Miz Xira: e d'elles são deduzidos nos seus NOBILIARIOS os muitos Pachecos, que nas armas e nas lettras, além das virtudes pessoaes, dão honra e gloria ao berço natalicio, assim como aos locaes estranhos onde se assignalaram.

D'estes Pachecos é oriundo Lopo Fernandes Pacheco, em 7.ª geração, senhor da villa de Monsão e vassalo de metade da villa dos Arcos de Val-de-Vez; e que foi um dos afamados *doze cavalleiros,* que de Portugal foram á Inglaterra em defeza das *Damas,* pelos seus offendidas de palavras.

Dos mesmos Pachecos é oriundo Diogo Lopes Pacheco, em 8.ª geração, a quem chamavam magnanimo, e que fôra reconhecido unico innocente entre os tres aulicos de D. Affonso IV, aconselhadores do assassinio de D. Ignez de Castro.

Depois do reconhecimento d'esta innocencia, regressou da Hespanha a Portugal Diogo Lopes Pacheco, sendo já de muita edade; e casou com D. Joanna Vasques Pereira, filha d'uma sobrinha do Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira (1325 a 1348), avô do Condestavel do reino D. Nuno

Alvares Pereira, e por isso mesmo um dos progenitores da serenissima casa de Bragança.

Na batalha memoravel d'Aljubarrota assistiu ao lado dos filhos á derrota do exercito hespanhol, prestando valiosos serviços a El-Rei D. João I de Boa-Memoria, sem que o pêzo dos annos lhe minguasse a intrepidez do animo e o vigor dos braços.

Do mesmo sangue dos Pachecos é finalmente oriundo Duarte Pacheco Pereira, cognominado antonomasticamente o *Grande* pelas heroicidades assombrosas que na India praticára, e para onde se passára no anno de 1500.

Sendo effectivamente *grande* nas armas, nem por isso deixára de ser *grande* nas lettras como auctor do precioso escripto ESMERALDO — DE SITU ORBIS, ainda ha pouco tornado pelo nosso governo d'inedito em publicado, como homenagem ás glorias nacionaes, na occasião do Centenario da descoberta da America por Christovão Colombo.

Representa aqui em Braga este appellido dos Pachecos, (de quem na sua immensa livraria o sr. dr. Pereira Caldas possue manuscriptos curiosos que por vezes tivemos em nosso poder), o considerado cavalheiro Duarte Borges Pacheco, irmão do estimavel funccionario no ministerio da fazenda, dr. José Borges Pacheco de Faria, senhor da antiga Casa Nobre das Hortas. Esta Casa Nobre, conta entre os seus ao honrado castellão patriota Nuno Gonçalves de Faria, defensor do castello do seu appellido em terras de Barcellos, e que el-rei

D. Fernando lhe confiára, contra o Adiantado da Galliza Pedro Rodrigues Sarmento.

* * *

FONTE NA RUA DO AREAL

Tem as duas inscripções que abaixo damos. A renovadora D. Maria Emilia Pimto (sic) pertencia decerto á familia do que mandou fazer a obra.

POR O
RDEM
DA CA
MARA.R
ENOVADA
A CUSTA DE D.
M.ª EMILIA PIMTO

1846

FEITA
A CUSTA
DE LUIS
PINTO
1778

Esta fonte, de construcção simplissima, está á margem da rua em logar um pouco fundo.

A sua agua é excellente.

Ainda não vão longe os tempos em que este local era um trajecto aldeão, sem regularidade alguma nos poucos edificios que tinha.

Hoje é uma rua suburbana alinhada, e de muita frequencia, não só para a Granja antiga dos jezuitas, hoje possuida pelos Religiosos Varatojanos, senão egualmente para a freguezia de Adaúfe e parochias circumvisinhas.

MARCO DA RUA DE SANTA MARGARIDA

No muro da antiga *Cangosta do Lopo* estava desde 1789 um marco de pedra, que a Camara fizera conservar no mesmo sitio, quando em 1869 se abrira a nova Rua de Santa Margarida, recuando-se apenas o indispensavel para o alinhamento d'aquelle lado em que actualmente se acha.

Vê-se embutido junto á hombreira da porta d'uma casa que encosta ao muro do Collegio do Espirito Santo.

No tempo em que primeiramente fôra alli collocado o dito marco, era aquelle ponto inteiramente despovoado, e por isso sujeito á abertura de minas que prejudicassem as aguas da cidade.

Do Archivo Municipal desappareceu um livro intitulado *Dos privilegios das aguas*, em que se prescreviam penas severas contra quem abrisse minas ou fizesse escavações dentro d'um determi-

nado espaço; e o *maganão* do livro ainda até hoje se não dignou regressar ao Archivo, nem ao menos por via desconhecida!

O marco reza assim:

CAMARA
ANNO
DE 1789
DEFENDE
ESTE MARCO
A AGOA DA CI
DADE E QUE
NINGUEM PO
SSA DAQUI P
DENTRO AB
RIR MINA OU
FAZER OUTRA
QUALQUER
EXCABAÇÃO

Egreja Parochial de S. Victor

E' de origem antiquissima esta egreja matriz.

Quando S. Martinho de Dume no anno de 565 fundara junto a Braga o mosteiro da Ordem de S. Bento, chamado de Santo Antão; doou-lhe o clerigo Vasco Mendes a sua *Quinta de S. Victouro*, nos aros da cidade, impondo-lhe a obriga-

ção de crear alli um mosteiro *com capellães de S. Victor*. Sabe-se que um Padre Nuno Forjaz a reedificára em 1031.

Pelo seu *padroeiro* Nuno Soares foi doado este mosteiro ao Arcebispo S. Geraldo em 1096, com a confirmação de El-Rei D. Affonso Henriques, fallecido aos 6 de Dezembro de 1185, com 76 annos e 4 mezes de edade.

Reedificou-o e sagrou-o D. Payo Mendes (1118 a 1137), que tomára então o titulo de *Abbade de S. Victor*, transmittido depois aos successores.

O magestoso templo actual foi fundado no sitio do antigo, por D. Luiz de Sousa, em 1686, como o indicam as seguintes inscripções lapidares aos lados da porta principal:

D. LVDOVICVS A SOUSA ARCHIEPIS COPVS AC DÑS BRA CHARENSIS HISPA NIARVM PRIMAS RE GLÆ MAIESTATIS AS TÁTVS CONSILIIS	TEMPLVM HOC VE TERI FERE COLLA BENTE AFVNDAMEN TIS EREXIT ET DI VO VICTORI DICA VIT ANNO INCARNA TIÔNIS DOMINI. 1686

Ao lado direito do arco da capella-mór, tambem se lê esta inscripção:

O ALTAR DO SENH.R
DAS NECECIDADES HE
PRIVILEGIADO PERPETU
AM.TE POR BREVE APOSTOL.CO
DE SUA SANTIDADE O SS. PADRE
PIO 8.º CONCE.DO AOS 13 DE M.CO DE 1830

Egreja da Senhora-a-Branca

O Arcebispo D. João Martins de Soalhães (1313 a 1325), no seu testamento feito em 1319, que se guarda no Real Archivo da Torre do Tombo, refere-se á irmandade de Nossa Senhora das Neves, instituida na capella da mesma invocação, em Braga, e que antes d'essa data se denominava de Nossa Senhora da Carreira, presentemente conhecida por Nossa Senhora-a-Branca.

Diz no seu testamento o Arcebispo D. João Affonso de Brito: «... *e 60 Livras para reFazimento da ermida de Nossa Senhora das Neves ABranca a par de S. Victouro*».

D. Diogo de Sousa (1505 a 1532), abrindo o grande largo que vae desde a entrada da rua do Souto até ao sitio da velha capellinha, ordenou a reedificação d'ella com o titulo porque hoje se conhece.

Pedro d'Aguiar e sua mulher Maria Vieira instituiram n'esta egreja côro de cinco capellães, com obrigação de uma missa quotidiana por suas almas. E' d'estes instituidores a capella do Nasci-

mento, que fica do lado do Evangelho, e alli estão sepultados.

Deixaram mais para dotar uma orphã da geração d'elles, um anno da parte do marido e outro da parte da mulher, a quantia de sessenta mil reis, com a obrigação de virem receber esse dote á mesma egreja.

Desde 1627 a 1635 foi novamente reedificada, e ampliou-se, fazendo-se-lhe um alpendre, o côro e o retabulo.

O frontespicio, tal como agora está, fez-se em 1771, no pontificado do primaz D. Gaspar de Bragança.

No alto acha-se gravada a inscripção seguinte:

NIVE
DEALBABUNTR
IN SELMON
MONS DEL
MONS INQUO
BENEPLACITUM
EST DEO
HABITARE IN EO
ANNO D. 1771

Asylo de Infancia Desvalida D. Pedro V

No espaço que occupa este estabelecimento de caridade, esteve o Recolhimento de Beatas da Penha de França, que, em 31 de Maio de 1652,

fundára Pedro d'Aguiar e sua mulher, instituidores da extincta Convalecença do Hospital de S. Marcos.

Determinaram os benemeritos fundadores que no Recolhimento não houvesse mais de 7 Beatas, e nomearam para sua primeira Regente Anna de Santa Maria, natural de Guimarães.

Em 1720 foi reconstruido e ampliado pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles.

Por fallecimento da ultima freira concedeu-o o governo ao Asylo de D. Pedro v, em 12 de Maio de 1879; e pela Direcção d'este Asylo foi mandado demolir para levantar alli o novo edificio actual, conservando apenas a egreja.

Sobre a porta da escada do Asylo vê-se o seguinte:

SINITE PARVULOS
VENIRE AD ME

*
* *

RECOLHIMENTO DAS CONVERTIDAS

Foi fundado pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, no anno de 1720, auctorisado por Breve do Summo Pontifice Clemente XI, dado em Santa Maria Maior, aos 14 de Agosto do referido anno, vigesimo do seu pontificado, assim como a

respectiva capella de S. Gonçalo onde havia outra, anteriormente, dedicada a S. Bartholomeu, e que fôra obra do Arcebispo D. Jorge da Costa (1487 a 1501).

Inaugurou-se festivamente o Recolhimento, em 1772.

Sobre a portaria acha-se o seguinte:

BONUM. ET SEQUATUR EAM DECLINET AMALO ET FACIAT.

*
* *

Convento dos Remedios

Foi este o primeiro convento que em Braga se fundára.

A nobreza d'aquelles tempos escolheu de preferencia a sua egreja para construcção de sepulturas perpetuas, vendo-se desde logo adornado o pavimento com variados brazões.

Tivemos occasião de notar isso ainda, quando em Setembro de 1893 se levantára o soalho, e se reformára convenientemente.

Principiou esta fundação em 1545, concluindo-se em 1549: e effectuou-a D. Frei André de Torquemada, Religioso da Terceira Ordem Franciscana, da Andaluzia, que falleceu em Braga a 2 de Agosto de 1552, sendo sepultado na mesma

egreja do convento que fundára. Tinha vindo para aqui chamado por D. Diogo de Sousa em 1523, que o nomeára coadjutor seu com o titulo de Bispo de Dume.

Egualmente o foi do Infante D. Henrique (1533 a 1540), de D. Diogo da Silva (1540 a 1541), do Infante D. Duarte (1543), de D. Manuel de Sousa (1544 a 1549), e de D. Balthazar Limpo (1550 a 1558).

A primeira Abbadessa D. Maria d'Abreu, de 28 annos de edade, confirmada por D. Manuel de Sousa em 22 de Janeiro de 1549, veiu para este convento com tres companheiras, Brites do Presepio, Antonia de S. Bento e Guiomar da Saudação, do convento de Santa Anna, de Vianna do Castello.

D. Frei André offereceu ao Cabido de Braga, em 1544, o fôro de 100 alqueires de pão para sempre, por umas casas com quintal em que elle desejava construir o mosteiro; e não obtendo prompta annuencia, conseguiu que El-Rei D. João III dirigisse ao Cabido uma carta, em que lhe recommendava que acceitasse o contracto.

O Cabido acceitou então, e na mesma occasião cedeu-lhe parte de umas casas no canto da rua de S. Marcos, para se fazer a portaria, em troca de um praso denominado o Campo do Pombal, em Prado, de que o dito Bispo era directo senhor.

N'uma provisão do Cabido, em 1610, ordenou-se que fossem levadas ao mosteiro de Santa Clara, de Guimarães, duas religiosas turbulentas,

*

prohibindo-as de fallar com pessoa alguma até a hora da partida.

O Nuncio Apostolico, tendo sido informado do que se passára dentro d'aquellas paredes, onde a paz devia reinar inalteravelmente, impôz pezada penitencia ás duas revoltosas, conseguindo estas isentar-se d'ella um anno depois, por pedido que dirigiram ao Cabido.

O Mosteiro de Santa Clara de Guimarães parecia destinado a corrigir desregramentos, por isso que não se descuravam as obras indispensaveis á sua segurança.

Em 1739 mandou El-Rei D. João v áquella então villa um ministro com seus officiaes, de Braga, para que juntamente com o Corregedor da comarca e uma *partida* de soldados, ordenassem que fosse tapada a pedra e cal a porta do carro, do referido Mosteiro, e a roda da sacristia, reformando-se ao mesmo tempo as grades, muros e janellas.

A egreja dos Remedios foi reedificada e augmentada em 1608, construindo-se-lhe a formosa frontaria em 1725.

Em 1618 reformou-se e augmentou-se o convento.

Em Junho de 1735 concluiu-se o mirante novo, do lado da rua de S. Marcos e Campo dos Remedios, que principiára a denominar-se assim desde 1718, em virtude da trasladação do venerando corpo de S. João Marcos para a egreja do Hospital.

Sobre a porta principal do templo tem o seguinte lettreiro:

ANNO. DOMINI. MDCCXXV

* * *

Fonte dos Granginhos

Deve-se ao magnanimo Prelado bracarense D. Diogo de Sousa, que a mandára construir em 1509.

Tem duas pequenas inscripções, uma das quaes muitissimo gasta do tempo, mas que provavelmente allude á restauração da fonte por D. Affonso Furtado de Mendonça.

São as seguintes:

DIDACVS DE SŌ SA ARCHIEPS. BRAC. FONTEM INST... AVIT ET VIAM APERVIT 1509	..........V.....CII ....X.......SIS BI..CIS...........S NSI.........TVS PLIATVS..VIT 1623



Hospital de S. Marcos

Nos primordios do seculo XII existia em Braga, onde hoje está o Hospital de S. Marcos, uma pequena Ermida com a frente para leste, em que estava depositado o corpo do Bispo Martyr S. João Marcos, tendo ao lado uma Albergaria.

Era situada, pouco mais ou menos, no local onde em 1788 fôra erecta a porta principal da egreja d'agora.

N'este sitio do Hospital, com a mesma capellinha, tiveram tambem os Templarios um convento até 1312, em que lhes fôra extincta a Ordem.

Tinha esta capella tão grandes rendimentos, que o Arcebispo D. Payo Mendes, em 1118 deu a administração d'ella em Commenda a seu sobrinho D. Gualdim Paes, Mestre da Ordem dos Templarios em Portugal, para que guardasse cuidadosamente o sepulchro de S. João Marcos.

Receiou D. Gualdim a entrada dos mouros e ordenou que o referido sepulchro fosse enterrado, conservando-se assim até ao seculo XV.

Com a denominação do bemaventurado S. João Marcos, principiou o conego Diogo Gonçalves a construcção d'um hospital, que D. Fernando

da Guerra contemplára no seu testamento feito aos 2 de Setembro de 1467, por estas palavras:— «*aos doentes do Hospital de S. Marcos outras dez Livras.*»

D. Diogo de Sousa ampliára-o em 1508, unindo-lhe as gafarias esparsas na cidade, com auctorisação da camara, como administradora dos bens e rendimentos.

Eram essas gafarias (hospitaes de gafos) a de S. Lourenço, a de Santa Margarida, a dos Lazaros onde agora se vê a egreja de S. Lazaro, a da Rua Nova, que era Albergaria para hospedagem de peregrinos; uniu-lhe tambem a confraria de Roque Amador e do Corpo de Deus que havia com a missão de distribuir remedios pela pobreza.

Sobre a porta principal tinha a inscripção seguinte:

DISCIPVLVS CHRISTI COGNOSCITVR ISTE IOANNES
MARCVS, ET ŒGROTOS EFFICIT ISTE BONVS.
SVNT CLAVDVS, CŒCVS TESTES, ET BRACARA TOTA
HIC VIDET ACCEDENS, AMBVLAT ILLE CELER.

Durou a administração camararia até que D. Frei Bartholomeu dos Martyres o entregára á irmandade da Misericordia.

El-Rei D. João III recommendou em 1544 ao Cabido, *Sede Vacante,* que désse annualmente, das rendas do Hospital, 3:000 réis ao hospitaleiro, além dos outros 3:000 réis que D. Diogo de Sousa lhe estipulára de ordenado.

As obras do novo Hospital, concluiram-se em 1780; concluindo-se em 1836 as do templo, que muitos annos estiveram incompletas, servindo já para a celebração do culto a capella-mór em 1805.

Deve-se ao afamado capitão de engenharia Carlos Amarante, da antiga familia Torres e Almeida, o desenho do elegante edificio, a que na execução acanharam todavia algumas proporções architectonicas.

Na frontaria da egreja, por baixo da estatua do orago, lê-se em caracteres romanos:

BEATUS JOANNES MARCUS CHRISTI.
DOMINI DISCIPULOS ANAGRAMA JS. IN
MUNDO PIUS. EST. MEDICUS. TUIS INCOLIS. BRACARA

No tumulo de S. João Marcos ao lado da Epistola:

SACRA OSSA
DIVI JOANNIS MARCI

E' de grande merecimento a urna funeraria que alli se vê, toda de marmore com embutidos de varias côres, tendo na frente as insignias prelaticias.

No centro da capella-mór está uma sepultura de marmore onde jaz o conego João de Meira da Silva Carrilho, que em 2 de Outubro de 1682, 39.º

anno do seu canonicato, instituira capella e côro de 6 capellães na anterior egreja do Hospital, denominada do Espirito Santo, como consta d'esta inscripção existente no cruzeiro do lado da Epistola:

João de Meira Carrilho, Conego que foi na S.ta See desta Cidade Comiss.o do S.to Off.o & da bulla da S.ta Cruzada Instituyo nesta Igr.a seis Capellaes, de reza aos quais deixou set.a e catro mil rs de juro, no almox.do de Villa Real, & quint.tas e sinc.ta med.as de pão, & duz.tos mil rs p.a andarem a juro, cõ obrigação da reza do Coro & nove missas cada semana, & hũ off.o cada anno, & v.te e sinco medidas de trigo. Pera o que deu ao Hospital pello uzo da Capella mayor coro & Sacris.ta oito c.tos mil rs em dr. & por seu fallecimento deixou ao Hospital oi.ta e sinco mil cento e oi.ta e dous rs de juros no Almoxd.q de Lamego & Alfandega do Porto & vinte e sinco medidas de trigo & quar.ta mil rs p.a cõ os juros delles se cõprar az.te p.a alampada & tres devezas & quatro mil cruzados p.a se despenderẽ os juros delles cõs doentes da Cõvalec.a & mil cruzados p.a os juros delles se aplicarẽ em fabrica, & ornam.tos da dita capella, cujo retabolo & sacristia & ornam.tos della fez por sua conta tudo p.n mayor gloria de Deos & ornato desta Igr.a onde está sepultado ao pé da escada do altar mayor, Faleceo aos 23 de janeiro do 1688.

declarão q̃ o uzo da Capella, coro & sacris.ta he so p.a os cap.es razarẽ e dizerẽ as missas & a sepult.a he p.a o instituidor som.te

Na parede do lado correspondente, junto á porta que dá para a sacristia, acha-se uma pedra

quadrilonga com uma cruz a toda a altura, em alto relevo, que dizem ter pertencido á antiquissima Ordem dos Templarios. A pedra está pintada e a cruz dourada.

A sepultura do Conego Carrilho tem gravado o seguinte epitaphio:

S.ª D IOÃO D MERA CARR
ILHO CONEGO Q̃ FOI NA S.ᵗᵃ
SE E DSTA CID.ᵉ DE BRAGA CO
MISSARIO DO SÃTO OFF.º
E DA BVLLA DA CRVZADA
FALECEO EM 23 D JAN.º
D. 1688. NESTE DIA EM
OFF.º TODOS OS ANOS.

Foi d'este mesmo Conego, que partira a ideia de se fundar em Braga a Congregação do Oratorio, insistindo n'isso tenazmente com o Padre Bartholomeu do Quental, instituidor d'esta Ordem em Portugal, até vêr a realisação dos seus fervorosos desejos.

Em Fevereiro de 1866, n'uma casa que os fundadores arrendaram em frente á porta lateral da Sé, (para o sul), fundou-se essa Congregação, que em 24 de Maio do anno seguinte fizera a sua mudança para o Campo de Sant'Anna, instaurando-se no elegante edificio onde hoje está o Lyceu e a bibliotheca publica.

Na varanda do claustro do Hospital, ao lado norte, ha a inscripção seguinte:

ESTA CAZA PERA OS CONVALECENTES
COM TODA FABRICA Q NELLA ESTÁ E ASIM
A CAZA PA A DSPENCA. MANDRAO. FAZER TV
DA SVA CVSTA. PEDRO DE AGVIAR. FAMILIAR
DO S.TO OFICIO E SVA M.ER MARIA VIEIRA E ALEM
DISTO DERAÕ MAIS. SEIS. SENTOS MIL REIS
P.A SE DAREM A IVRO PA OS RENDM.TOS SE DSPENDRE
NA FORMA DA SVA DOAÇAÕ TEM HVÃ MISA
CADA MES NES E ALTAR SEGVNDO D THE Z.RO DMIÃ 4 VEZES 1646

ESTA PEDRA SUPRA ESTAVA NA CO-
MVALECENÇIA, ANTIGUA E FOI TRE
SLADADA A ESTE LUGAR NO ANNO
DE 1764.

Consultando os antigos historiadores de Braga, além de procurar informações verbaes, nada conseguimos saber da existencia d'essa parte do Hospital, a que se dava o nome de *Convalecença.*

Dirigimo-nos então ao Archivo, e lá encontramos nos *Titulos do Hospital,* Tom. III, uma doa-

ção e contracto exarado nas notas do tabellião geral de Braga e seu termo, Matheus Gonçalves, do qual extratamos o seguinte:

«Aos 11 de fevereiro de 1643, na casa da Mizericordia, estando presente a Meza, e o Reverendo Dr. Manoel Alvares Pinto, desembargador da Relação d'esta côrte e Provedor da Mizericordia; e mais os irmãos dos treze do serviço d'ella, bem asi Christovão Correia Pereira fidalgo da casa de sua Magestade, senhor de Farellães e provedor do Hospital de S. Marcos, disse Pedro Aguiar sirgueiro e familiar do Santo officio, morador no Rexio do Castello, que por coanto elle e sua molher Maria Vieira conhecem as mercês que nosso Senhor lhe tem feito e fazia n'esta vida e sabem as poucas rendas que o dito Hospital de São Marcos tem, etc., faz pura e irrevogavel doação deste dia para todo sempre de mil cruzados que lhe trazem a razão de juro João Dias do Canto, morador á praça da porta do Souto, e Gaspar da Costa, mercador da Rua do Souto, para que os rendimentos d'elles se dispendam na convalecencia dos ditos doentes, e sobejando pelo tempo em diante, tudo o que cada anno sobejar se não empregará senão em roupa de linho, mantas ou cobertores, d'estas trez cousas o que melhor parecer ao Provedor. Outro si que os rendimentos dos ditos mil cruzados d'estes primeiros quatro annos sejam *pera se fazer lanço de casa* pera a convalecencia dos ditos doentes, e na cabeça da dita casa

se fará um altar com seu retabelo acomodado, nas ilhargas do qual estarão os Santos fizicos de huã são Cosme, e da outra são Damião, e no meo a imagem de vulto de são João de Deos, e a dita casa farão elles doadores da renda dos mil cruzados, e sendo caso que nosso Senhor seja servido levar pera si qualquer dos doadores, cessará a obra, e porque confio em Deos que a obra de casa e altar tenha effeito em menos tempo, quero que d'estes rendimentos se mandem dizer 12 missas cada anno no dito altar, que são seis testões, e pera que os pobres sejam com mais animo, diligencia, e amôr curados, ordeno que em cada hum anno se dê hua roupeta e calçõis de saragoça de covados ao infermeiro o qual vestido se lhe dará por dia de festa de todos os Santos, e no dito dia sairá com ella vestido pera o que se lhe dará dois mil reis fazendo com que lhe fique d'elles pera uns sapatos, e a si se dará mais a sua mulher duzentos reis pera huãs sapatas e outros duzentos pera outras da criada, e o restante gastará o Provedor em sustentar os convalecentes por espaço de 5 ou 6 dias, e se gastará com cada um dia até dois vintens, e querendo algum ir-se pera sua casa e não ir á Convalecencia, se lhe dará cem reis, e se dará aos convalecentes, dos ditos dois vintens, cada dia a cada um 2 paes e um arratel de carneiro, e os que não houverem de comer o carneiro se lhe dará outra cousa de modo que não passará dos dois vintens, etc.»



EGREJA DE SANTA CRUZ

Dos cruzeiros que o Arcebispo D. Diogo de Sousa mandára distribuir pela cidade, ficou um no largo que hoje se chama campo dos Remedios, e onde se construira depois a egreja de Santa Cruz.

O morador da Rua de S. Marcos, Jeronymo Portilo, professor de instrucção primaria, organisou em 1581, com os seus alumnos, uma confraria para a veneração do mesmo cruzeiro.

Muitas pessoas de representação social quizeram desde logo inscrever-se n'ella como confrades, estabelecendo-se na capella do Espirito Santo, no Hospital de S. Marcos.

No anno de 1625 lançou-se á terra a primeira pedra do templo, que hoje se levanta onde estava o cruzeiro, sendo este removido para proximo da ponte dos Pellames, onde ainda se acha.

E' encimada a fragil columna por um globo que tem d'um lado uma cavidade, e era outr'ora tapada com uma pequena pedra quadrada, onde talvez se guardassem algumas reliquias ou pergaminho.

Aquelle cruzeiro que além da sua elegancia, recorda um dos mais eminentes prelados da

Egreja bracarense, nos principios do seculo XVI, era digno de ser collocado em qualquer largo da cidade, removendo-o de fóra de barreiras, onde se levanta exposto a numerosos perigos.

O templo concluiu-se em 1637, tendo-se começado em 1625: e em 1736 mandou-se demolir, escapando apenas a formosissima frontaria onde está gravado o que segue:

ANNO

MDCCXXXVI

IPSE LIGNVM TVNC NOTAVIT
ANNO

REGNAVIT ALIGNO DE
MDCXXXXII

VEXILLA REGIS. PRODEVNT
FVLGET. CRVCIS. MYSTERIVM

ECCE ASCENDIMVS
JEROSOLYMAM.

TRADETVR AD. CRV-
CIFIGENDVM.

ET. FILIVS HOMINIS

As torres foram substituidas pelas que tem agora.

A mesa *sapientissima* da occasião do alteamento das portas de communicação entre as capellas lateraes, extrahiu *duas pedras feias* que estavam embutidas nas primeiras d'ellas, ao lado direito, e mandou chumbar n'uma d'essas pedras,

na face das letras, uma argola de ferro, applicando-a ao capeamento d'um rego d'agoa!

A outra suppõe-se que fôra britada para cascalho.

Pois, caro leitor, havia duas inscripções n'essas pedras, e ambas referentes á instituição dos 12 capellães que rezam em côro por João Lopes Quartos e D. Natalia da Silva, irmã do Bispo de Elvas D. Alexandre da Silva!

Um vandalismo inqualificavel, que nem os restos mortaes dos benemeritos deixára em paz no seu rico jazigo subterraneo!

A irmandade de Santa Cruz era obrigada a mandar celebrar mais de nove mil missas annualmente.

COLLEGIO DE S. PAULO

D. Frei Bartholomeu dos Martyres mandou construir a egreja e edificio d'este collegio, com o fim de fundar n'elle um convento de Frades Dominicos, a cuja Ordem Religiosa pertencia.

Quando porém a obra se aproximava da conclusão, (1560) appareceram em Braga alguns Padres da Companhia de Jezus, a quem o Arcebispo quiz obsequiar offerecendo-lhe o novo convento para n'elle pernoitarem visto terem de seguir para Coimbra no dia immediato.

O Prelado Primaz, assim como o povo da cidade, affeiçoando-se cordealmente a estes Padres,

conseguiu que elles ficassem em Braga, e offereceu-lhes então o convento e egreja que destinava para a sua Ordem.

N'esse mesmo anno de 1560, fez o Arcebispo contracto com S. Francisco de Borja, commissario geral da Companhia de Jesus, para a fundação do Collegio; dando o dito Arcebispo ao padre Ignacio de Azevedo, primeiro Reitor, a 30 de Agosto do referido anno, a egreja de Santa Maria de Vimieiro com todos os seus fructos, reservando todavia para si a jurisdição do respectivo Couto.

Não viu o Cabido com bons olhos as bases do referido contracto; e principiou a manifestar-se contra o Prelado que o estabelecêra, sendo necessario que o Cardeal Infante D. Henrique, e a Rainha regente D. Catharina, avó de D. Sebastião, escrevessem ao Deão de Braga D. Diogo Figueira, e ao Cabido, dizendo-lhes estimarem se desse consentimento ao contracto, que D. Frei Bartholomeu dos Martyres tinha estabelecido com os Padres da Companhia, fazendo-lhe apenas algumas alterações.

Obrigaram-se então os Padres a não consentir que houvesse sermões no Collegio nas manhãs em que os houvesse na Sé, salvo se assim parecesse ao Arcebispo ou a quem seu cargo tivesse, excepto no dia do seu Orago e no primeiro de Janeiro; e obrigaram-se mais perpetuamente a não levarem esmolas, nem cousa alguma, por missas, confissões, prègações, enterros, mortuorios, trin-

tarios, offertas, e outras cousas similhantes, deixando tudo livre á cleresia.

O cabido não concordou ainda; porque via de qualquer modo affectados os seus interesses: e decorridos 6 annos, (1566), realisando-se em Braga o Concilio Provincial sob a presidencia do Arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, protestou o Cabido contra o voto que a seu respeito tivesse o mesmo Arcebispo, em vista de lhe ser suspeito: e apresentou as suas razões para isso, que eram entre outras as seguintes:

Que elle dito Arcebispo dera ao Collegio dos Padres da Companhia os estudos da cidade com as egrejas a elles unidas, e a ermida de S. Paulo sita na parochia de S. Thiago da Cividade, em prejuizo das Mezas Arcebispal e Capitular.

Que o mesmo Arcebispo mandára fazer um novo Aljube, e n'elle uma casa sem janella e quasi sem luz, a qual se chamava *casa para os conegos,* não obstante dizer o Concilio Tridentino, que os conegos nas prisões fossem tratados muito differentemente, etc.

Por fim todas essas difficuldades se removeram; e os filhos de Santo Ignacio alli estiveram, até que a lei de 3 de Setembro de 1759 os expulsára do reino.

Quizeram ainda, em 1738, alguns clerigos da cidade oppôr-se á concessão especial que os Padres da Companhia tinham para ensinar estudantes; porém El-Rei D. João v ordenou que os oppoentes fossem prezos até pagarem 10$000 reis

para as obras do Bom Jesus do Monte, e que o advogado que assignára os artigos da questão fosse suspenso por 5 annos, pagando da prisão 50$000 reis.

El-Rei D. José doou ás freiras Franciscanas de Monsão e Valença o edificio devoluto, as quaes o occuparam desde 17 de Julho de 1769 até á tarde de 11 de Novembro de 1784, em que por ordem de Dona Maria I foram distribuidas pelos conventos da Conceição e Remedios; passando a ser occupado em 20 de Janeiro do anno immediato, em conformidade com os desejos da mesma Augusta Rainha, por 10 religiosas Ursulinas, cujo instituto teve origem na cidade de Breschia (Italia) em 1537, dando-lh'a Angela Merici.

N'este convento fundaram as Ursulinas o seu instituto em Braga, que logo principiára a ter grande frequencia de educandas.

Em 1876, achando-se reduzido o convento a duas unicas freiras, tentou o Arcebispo D. João Chrisostomo a remoção d'ellas para o do Salvador, a fim de dar principio a obras no edificio, que de ha muito destinava applicar a Seminario Archidiocesano.

Uma das religiosas, D. Thereza Peregrina, protestou violentamente contra a mudança, affirmando que findaria alli os dias da vida.

Em vista d'isto, o Prelado teve de esperar que soasse a hora derradeira d'aquellas existencias feminis, ou que o tempo as fizesse demover do seu proposito.

*

Por morte da renitente, em 1878, foi mudada para o dito convento do Salvador a religiosa supervivente D. Rita de Cassia, mandando-lhe o Arcebispo todos os mezes 12$000 reis em dinheiro.

A morte d'esta senhora quasi coincidia com a transferencia do Seminario de S. Pedro, effectuada em Outubro de 1880 pelo modo seguinte:

Nos dias 10, 11 e 12, houve na egreja exercicios preparatorios, a que concorreram centenares de fieis, orando durante esses dias Monsenhor João Rebello Cardoso de Menezes, cunhado do sr. conde de Margaride (Guimarães).

No dia 13 benzeu-se a nova casa, ficando exposta depois á visita do publico; e no dia 14 tendo celebrado missa o Arcebispo ás 9 horas, no amplo templo, partiu em direcção ao antigo Seminario do Campo da Vinha para d'alli acompanhar a procissão, em que se encorporaram mais de 600 padres.

Pela 1 hora da tarde de 4 de Março de 1883, depois de celebrado com um solemne *Te Deum* o feliz anniversario do Summo Pontifice Leão XIII; estando presente o Arcebispo, o Vice-Reitor Monsenhor Rebello de Menezes (mais tarde Arcebispo de Larissa), o pessoal dos corpos docente e administrativo, e os alumnos da casa; plantou o Arcebispo no primeiro claustro uma laranjeira, que tinha semeado em 1877 na sua Quinta de Cabanas nos suburbios da cidade, para que ficasse servindo de memoria nos seculos futuros, e attestasse ás gerações vindouras o anno em que foram acaba-

dos os ultimos trabalhos da parte d'este Seminario já construido.

Enterrou-se junto á laranjeira uma pequena caixa de madeira, contendo um frasco de vidro, e dentro d'este uma lamina de cobre com a inscripção seguinte:

O EX.MO SNR. D. JOÃO CHRISOSTOMO D'AMORIM PESSOA ARCEBISPO PRIMAZ E SENHOR DE BRAGA, OPTIMO RES TAVRADOR E REFORMADOR D'ESTA CAZA (SEMINARIO) PLANTOV AQVI VMA LARANJEIRA NO ANNO DE 1883.

Communicava o edificio com as casas que havia até junto da ermida de S. Paulo, pelo interior da *torre forte*, cujas paredes têm exactamente 2 metros e 60 centimetros de grossura!

Estas casas foram demolidas, bem como a arruinada capella; e vendido o terreno adjunto por 1:200$000 reis a João de Paiva, Fernando Castiço, e Padre João Manuel Fernandes d'Almeida.

A porta da entrada para o edificio estava na extremidade do mesmo, proximo ao cunhal da egreja, com um alpendre na frente.

A que dá agora para o Campo de S. Thiago foi aberta expressamente para entrada do Seminario, tendo no alto o seguinte lettreiro:

NEMO
HUC INTRET NI-
SI A DEO VOCATUS
TANQUAM
AARON

No arco da capella mór do vasto templo acha-se gravado o seguinte:

IHS (with cross above)

VIRGA TVA ET BACVLVS TVVS

Junto ao anteparo está uma sepultura sobre a qual se lê muito a custo o seguinte:

S
DO RD.º MANOEL
LVIS DE AZEVEDO
ARCIPRESTE Q̃ FOI
DA S.TA SE DE BRAGA
....
....
....

* * *

SEMINARIO ARCHIDIOCESANO

Fundou-o D. Frei Bartholomeu dos Martyres no Campo da Vinha, hoje Campo de D. Luiz I, demolindo para esse fim umas moradas de casas que comprára: e cuidou logo da construcção da obra, apenas chegára a Braga em regresso do Concilio de Trento, no sabbado da Paixão em

1564, querendo começar assim por dar execução aos seus sagrados Decretos.

Fez o Arcebispo a taxa para a contribuição em relação ás obras a razão de 2 por 110 de todas as rendas ecclesiasticas da archidiocese, com excepção das commendas de Malta como dispensadas d'isso no Breve Pontificio, que tambem alliviava egualmente o Cabido Primaz. Mas ficou este Cabido a pagar 20$000 reis annuaes, por composição que fizera com o mesmo Arcebispo em 1575, obrigando-se o Seminario a receber e sustentar os 6 moços que na Cathedral serviam o côro, dando-lhes todavia a fabrica da Sé as beccas vermelhas.

Nas notas do tabellião Manoel de Lemos estão as escripturas da venda das casas, que foram demolidas para a fundação do Seminario, sendo lavradas em 1572 aos 5, 7 e 8 de Fevereiro e aos 10 de Março.

Em Outubro do mesmo anno, se bem que a obra lineada no anno anterior não estivesse concluida ainda, recebeu no entanto alguns collegiaes: e foi seu primeiro Reitor o Dominicano Frei João de Leiria.

Em 1659, a Rainha D. Luiza, regente do Reino na menoridade de D. Affonso VI, escreveu ao Cabido pedindo-lhe que recolhesse a Braga as freiras de S. Bento de Monsão, e as distribuisse pelos Conventos da sua Ordem, ou lhes assistisse com esmolas dos rendimentos da Mitra; mas o Cabido respondeu que não podia annuir, e a Rai-

nha escreve-lhe novamente, ordenando-lhe que desse a cada uma, por uma só vez, 10$000 reis, e ao Convento 50$000 reis cada mez, em quanto se não resolvesse o que mais conviria fazer.

O Cabido por fim, ao cabo de poucas semanas, fez conduzir para a cidade 62 freiras; e a Rainha, muito penhorada, agradece-lhe a resolução que tomára, ordenando ao mesmo tempo que, para seu sustento, lhe desse o que fosse necessario da Mitra, pois havia mandado ao Almoxarife de Ponte do Lima que lhes pagasse os 310$000 reis que ellas tinham de juro no mesmo Almoxarifado.

Um anno depois (em 1660) advertiu ao Cabido que desse a cada uma, todos os annos, para sua subsistencia no Seminario, 20$000 reis; e se os Mosteiros do Salvador e dos Remedios quizessem recolhel-as, se lhes fizessem dormitorios.

Pela segunda vez estiveram n'este Seminario desde Janeiro de 1704 a 8 de Julho de 1713, partindo n'este dia para o seu novo Convento de Barcellos.

Para os actos do culto havia no Seminario simplesmente uma capella interior.

Sobre a porta de entrada estava a inscripção seguinte, existente actualmente no Campo das Carvalheiras, onde ha uma valiosa collecção de lapides romanas, e algumas d'ellas de consideravel valor epigraphico:

D. FR. BARTHOLOME' Á MARTYRIB'. ARCHP'. BRAC. HISPANIAR. PRIMAS. ORDINIS. PRÆDIC: EX DECRETO. CŌCILII TRI. SVB PAPA PIO IIII ANO DÑI. 1563. VLT°. CELEBRATI. SEMINARIV̄. HOC EX QVO. BONIS. TVM MORIB. TVM DISCIPLINIS. INFORMATI. SACERDOTES. PARŒCIIS. PRÆFVTVRI. PRONERENTVR. EX ÆDIFICARI. IVSSIT ID QVE. DIVO. PETRo APOSTOLo DICATVM. VOLVIT. ANNO. SALVTIS. NOSTRÆ. 1572.

No logar do Fojacal, junto ao Hospital de S. Marcos, esteve a parochia de S. Clemente, que era beneficio simples, e comprehendia todo o lado sul até proximo do convento da Conceição.

Pertencia tudo á egreja de S. Victor, com a de Santa Susana, no tempo do Arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres.

Era possuido este beneficio por Gaspar Carvalho, de Guimarães, que renunciou nas mãos do Prelado, julgando-o vago para ser unido com todos os seus dizimos perpetuamente ao Seminario Archidiocesano.

Esta annexação effectuou-se em 22 de Novembro de 1572 por Simão Freire, escrivão da Camara.

Com o decorrer dos tempos desappareceu de tal modo esta egreja de S. Clemente, que não existe d'ella o menor indicio.

Porta de S. Thiago

O lettreiro que damos em copia, e se acha gravado n'uma pedra quadrada com ornatos no arco da Porta de S. Thiago, chamada tambem Porta do Collegio, reproduziu-se com differença de datas, nas varias Portas da cidade.

E' o seguinte:

LOVVADO SEIA O SAN
TISSIMO SACRAMENTO
E A IMMACVLADA CON
SEISÃO DA VIRGEM
NOSSA. SRA. CONCE
BIDA. SEM PECADO
ORIGINAL 1715

Esta porta foi mandada abrir pelos Padres Jesuitas do Collegio, (de que tomára o nome usual); por isso que era antes a entrada pelo arco que se fechára, da torre e muros da cidade, sobre a qual torre os mesmos Padres formaram o campanario da sua egreja, e collocaram o relogio publico do Collegio.

Eram essas Portas, além d'esta, as seguintes:

A Porta Nova, ainda hoje existente, e a principal das mais modernas.

Abriu-a o Arcebispo D. Diogo de Sousa, em 1512.

Tinha ao lado a inscripção seguinte; cuja pedra se empregára no calcetamento da rua!!:

HANC PORTAM, FONTEM, AC VIAM
FECIT DD. DIDACVS DE SOVSA,
ARCHIEPISCOPVS PRIMAS.

Demolida annos depois a capellinha da Senhora da Boa-Nova, fez-se de novo esta Porta em 1778, com magestoso aspecto, a expensas unicas d'El-Rei D. José; e por a camara d'então a considerar como obra real, e não municipal, por isso mandára collocar n'ella as quinas patrias, e não o brazão da cidade.

Mais tarde no entanto a mesma camara passou de seculares a ecclesiasticas estas armas reaes, mandando pôr sobre ellas um chapeo archiepiscopal, e cercal-as d'um cordão e borlas de prelado, tudo em attenção respeitosa para com o Serenissimo Arcebispo D. Gaspar de Bragança, filho natural d'El-Rei D. João v, e prelado primaz entre 1756 e 1789.

A Porta de S. Francisco, demolida actualmente.

A Porta de Santo Antonio, proxima da capella do mesmo Santo, hoje egualmente demolida.

A Porta do Souto, alargada e alteada por ordem de D. Gaspar de Bragança, demolida.

A Porta de São João, denominada em tempos remotos *Porta Oriental*, reedificada e alargada em 1512 pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa, ao abrir a Rua Nova de S. João, e mandada demolir em 1867 pela camara municipal.

A Porta de São Bento, que fechava a cidade pelo lado do Campo de S. Sebastião, egualmente demolida.

A Porta da Senhora da Ajuda, chamada tambem Porta de Maximinos, demolida.

A Porta do Postigo de S. Sebastião, egualmente demolida, e por onde até fins do seculo XVI, e principios do seculo XVII, seguia de Braga para Guimarães a estrada publica, dirigindo-se d'aqui pelo Monte de Penas, procurando a ponte de S. João no rio Ave, passando primeiro por Esporões e Brito.

Seguia os mesmos principios a estrada publica de Braga para o Porto, apartando-se para passar o rio Ave na parte da Lagoncinha.

Estas portas da cidade eram geralmente flanqueadas de torreões ameiados, de que restam ainda alguns como padrões de memoria.

Tal é o torreão da Porta Nova, o do Campo de S. Sebastião, e o da Senhora da Torre.

Em 1796 existiam ainda as seis torres seguin-

tes: da Porta Nova, da Porta de São Francisco, das Carvalheiras, da Senhora da Torre, e as duas do Postigo de S. Sebastião.

A Camara d'então, dominada talvez por furia demolidora, pediu-as ao governo para calcetamento de ruas e feitura de chafarizes; mas o governo indeferiu a supplica incongruente do senado bracarense.

Apesar de extensa vamos offerecer ao leitor sensato a *impetração* camararia:

«Senhor:—A V. A. Real Representão o Juiz de Fora, Presidente, Vereadores e Procurador da Camara da cidade de Braga, que estando a mesma cidade na maior precisão de reedificar quasi todas as calçadas do seu continente e arrabaldes, encanar e augmentar os aquedutos publicos, não tem os supplicantes os meios necessarios por serem muito diminutas as rendas da mesma camara que se absorbem quasi todas na creação dos engeitados, que são na mesma cidade particular inspecção da mesma camara, em cujo ramo se dispende annualmente o melhor de cinco mil cruzados; no entanto ha na mesma cidade não pequenos restos de antiguidades, como são as Torres e Muros, que edificaram os Barbaros, a conservação de cujos monumentos não interessa por modo algum, o que tanto reconheceu V. A. Real que já se dignou applicar uma das ditas Torres ao ex.^mo^ e Reverend.^mo^ Arcebispo para a construcção e augmento da casa de recreio e convalescença dos

meninos Orfãos do Collegio de S. Caetano por elle mesmo instituido; outra Torre para o Cabido da Santa Sé Primaz reedificar a sua casa capitular, e d'outra finalmente cujo terreno se mandou aforar a Gaspar da Costa Vilhena Coutinho, da mesma cidade, se dignou V. A. Real applicar a pedra para as obras publicas, reduzido a effeito e posto em execução o respectivo demolimento, calcularão os Recorrentes que a sobredita applicação não corresponde ás necessidades publicas, e que sobrepujando estas, faz-se indispensavel para occorrer ás mesmas, que se lhe applique o restante que é umas tantas Torres ainda que mediocres, e algumas d'ellas já escondidas ao aspecto publico entre as casas dos moradores circumvisinhos, e outra maior denominada de N.ª S.ª da Ajuda, muro com as portas correspondentes, e mais alguns monumentos de antiguidade em cuja conservação não interessa o Publico, e cujos materiaes são necessarios para acudir ás mesmas necessidades publicas, acrescendo sobre estas mesmas necessidades o eminente perigo em que se acha particularmente a sobredita Torre denominada de N.ª S.ª da Ajuda que alem de ameaçar prompta ruina, faz um angulo que é uma facil embuscada e velhacouto de ladrões no coração da cidade de maneira que a maior parte dos moradores d'ella do crepusculo da noite por diante se receam de passar por aquelle sitio por não arriscar sua vida e fazenda de que já tem havido não poucos exemplos; alem de que para reparação das calçadas e aquedutos não deve

contar-se com a pedra da mesma Torre porque interessando egualmente o Publico na dissoloçam da dita emboscada e velhacouto, e em que fique a rua mais esbelta, e symmetrisada, faz-se indispensavel applicar o valor da pedra da dita Torre para comprar umas casas que junto a ella continuarão o dito angulo que necessariamente hão de desfazer-se.

Todas estas considerações se fazem dignas da efficaz contemplação de V. A. Real e que promove o augmento da Policia de uma nação civilisada da Europa qual é a Luzitania cujo Governo é confiado a V. A. Real pelo Omnipotente para nossa felicidade e de toda a nação.

O objecto, Senhor, que os recorrentes propoem não é novo nem opposto ás regras da critica porque a antiguidade de qualquer paiz verdadeiramente aonde se acha gravada *é nos Annaes da Historia e não nos edificios inuteis* (!!!) e acantonados, que os moradores do Paiz olhão com um certo despreso e os estrangeiros raras vezes examinam sem se remontar á sua origem, que decerto lhe será vedada em quanto não recorrerem ao subsidio da Historia.

Taes são os justos motivos porque nos continentes mais civilisados d'esta monarchia, em uns já não existem nem ao menos as reliquias d'estes monumentos da antiguidade, e em outros se trata da sua effectiva demolição, servindo por exemplo dos primeiros esta Côrte e a cidade do Porto a 2.ª cidade do Reino, e para exemplo dos

2.os a Villa de Guimarães nossa primeira capital que deu o Berço ao Senhor Rei D. Affonso Henriques, etc.».

* * *

Capella das Santissimas Chagas

A instituição d'esta capella, na egreja parochial de S. Thiago da Cividade, teve origem em 1597, sendo reformada em 1609.

O instituidor, o Dr. Pedro da Grãa, fidalgo da casa d'El-Rei D. João III, commendatario e administrador perpetuo do Mosteiro de Sancta Maria de Carvoeiro, da Ordem Benedictina, creou-lhe a 20 de Abril do primeiro anno uma Confraria.

Estava sujeito a este morgadio o legado da celebração semanal de 4 missas, na mesma capella, e 200 alqueires de pão para distribuir pelos pobres da cidade.

O quadro representando Christo na cruz é de correcção admiravel.

Tem ao fundo o seguinte:

HAVRIETIS AQVAS IN GAVDIO
DE FONTIB' SALVATOR

Na parede do lado da Epistola abriu-se um pequeno arco, onde se collocára um sarcophago de pedra com o epitaphio seguinte:

S.ª DE P.º DA GRÃA COMEN
DATARIO DO MOSTEIR DE
CARVºEIR. O QVAL MÃDOV
FAZER ESTA CAPELLA COM
OBRGAÇÃO DE MISSAS POR SVA
ALMA E DO ILL.mo SOR BPO
DOM BERNARDO. FA
LECEO AOS 19. DE FE
VEREIRO. DE 1602.

Nas *Memorias de Braga,* do fallecido commendador Senna Freitas, Tom. I pag. 115, dá-se a instituição da capella das Chagas em 1609, e o fallecimento do instituidor em 1605.

Estes lapsos de copia ficam por nós apontados, por ser fiel a inscripção que damos em zincographia.

Sobre o arco da capella está um escudo d'armas com o brazão dos Grãas, representando uma aguia estendida.

RUA DE D. FREI CAETANO BRANDÃO

N'esta nova rua da cidade, transformada da antiga rua Verde, uma das acanhadas do velho bairro das Travessas, ha no portal do jardim do palacete do sr. Conselheiro Jeronymo Pimentel, onde actualmente se acha estabelecida a Eschola Industrial, um antigo brazão nobiliario com legenda em orla.

Haviam sido collocadas estas armas na capella de S. Bartholomeu, que depois se transformára na de S. Gonçalo junto ao Recolhimento das Convertidas, no Campo de Sant'Anna, pelo seu fundador o Arcebispo D. Jorge da Costa (1448 a 1501), thio 10.º avô da esposa do mesmo ex.^mo^ conselheiro, e seu thio 11.º avô por esse facto.

D'estes conjuges illustres escreveu e publicou o sabio decano do Lyceu de Braga, Dr. Pereira Caldas, os COSTADOS, em opusculo que não pozera á venda, e que offerecera em dia d'annos ao sr. Conselheiro Pimentel.

Quando foi reedificada aquella capella, Duarte Mendes de Vasconcellos, 3.º avô da mesma ex.^ma^ senhora, fez conduzir aquelle brazão para a sua casa das Carvalheiras; e mandou-o collocar onde agora se vê.

Damos em seguida a legenda que circumda o alludido brazão, tal como lá se acha gravada. No

Livro da Sabedoria, cap. 10, v. 10, acha-se *deduxit* e não deducet:

DO PMT.S DAS ESPN GIORGE DA COSTA.
ARCEBPO SOR DE BRAGA A MADOV.
FAZ ESTA EGIA. ANO DE 1.5.

IVSTVM DEDVCET DOMINVS
PER VIAS RECTAS

*
* *

CAPELLA DE S. SEBASTIÃO

São concordes todos os historiadores, em attribuir ao senado Municipal a construcção da capella de S. Sebastião no Campo das Carvalheiras.

No que elles unicamente divergem, é na sua antiguidade.

Conjecturam uns que data de 1348, quando no reinado de D. Affonso IV se desenvolvêra em Portugal uma das pestes mais horriveis; e conjecturam outros, que só d'ahi por diante até o reinado de D. Manoel, citando para isso as tres maiores epidemias d'esse decurso d'annos.

O auctor das *Memorias* da referida capella, o dr. Manoel José da Silva Thadim, suppõe que

fosse quando findára a peste de 1505. E como se diz no *Livro Summario*, a fl. 133, que D. Diogo de Sousa a mandára ladrilhar, fazendo-lhe um alpendre com *novas* columnas e outros adereços, muito crivel é que ella já existisse no seculo xv.

O notabilissimo dr. João Affonso de Beja, conego da Sé Primaz, tendo 64 annos de edade, escolheu a sua sepultura junto ao altar mór da alludida capella, mandando-lhe collocar em cima uma grande pedra com a inscripção seguinte:

XPO OPTIMO MAXIMO
LAVS ET GLORIA
A DIVIS PATRONIS MEIS
BLASIO, LVCIA ET ANTONIO,
AVXILIVM SPERAT ANIMA
MEA
JOANNES ALFONCI POSTQ̄
VIXERAT ANNOS LXIIII
SIBI IPSI POSVIT
VALETE

Passados 11 annos, a 15 de Agosto de 1585, levantou-se essa pedra para guardar o seu cadaver. Contra as disposições do finado, enterraram-se na mesma sepultura alguns seus descendentes; sendo n'este numero, conforme o livro dos Obitos de S. João do Souto, a fls. 22, uma Catharina da Gama, fallecida a 4 de Setembro de 1706.

Como a velha capella ameaçasse ruina, mandou reedifical-a D. Rodrigo de Moura Telles, du-

rando esta obra desde 16 de Novembro de 1715 a 18 de Janeiro de 1717; e dispendeu com isto 2:200$000 reis.

Por essa occasião conservou-se a referida campa no seu logar primitivo, achando-se hoje com quasi todos os caracteres apagados, junto á soleira da porta principal, por isso que a antiga capella tinha o fundo ao nascente e ao poente a frontaria.



Meza do Campo das Carvalheiras

Parece-nos dever fazer parte d'este nosso trabalho a celebre meza das Carvalheiras, que em tempos afastados tanto preoccupára os archeologos.

N'um inedito dos principios do seculo XVII, a que o fallecido escriptor Camillo Castello Branco se refere na *Gazeta Litteraria*, do Porto, n.º 7; e de que é auctor um Chantre da Sé de Braga; descreve-se a montaria que em certos dias do anno costumavam fazer os bracarenses nas visinhanças da cidade, substituida pela corrida de porcos, quando *se esmoitaram os grandes matagaes, onde as feras se embrenhavam.*

A irmandade de S. João Baptista, fundada logo que D. Diogo de Sousa concluira a construcção da capella anterior á que hoje existe além

da ponte, e no proprio sitio d'ella, prestou-se ao custeamento das despezas com esta velha festança popular, concorrendo tambem com um *porco preto,* que um dos mordomos se encarregava de manter durante o anno.

«Acabado o festejo (diz o velho documento) vinham os cavalleiros á alamêda de S. Sebastião; e sobre uma pedra, que ainda hoje se conserva em forma de *meza,* a qual estava muito armada e cheia de cestinhas com as fructas d'aquelle tempo, repartia outro mordomo da confraria de S. João pelos cavalleiros as taes cestinhas, que elles levavam pela cidade, com muita galhofa, ás pessoas da sua obrigação».

«A ceremonia do porco (diz ainda o inedito), não sei ha que tempos acabou; porém a das cestas de fructa, ainda conheci gente que a viu; e haverá 100 annos, pouco mais ou menos, que toda se extinguiu».

Estes 100 annos devem contar-se, não em relação a hoje, mas á epocha do inedito alludido.

O Contador d'Argote, que não teve a guial-o este documento, attribuiu a origem d'esta *meza* a uma *Chancellaria Romana.*

E' que n'aquella epocha ainda entre nós não tinha a epigraphia romana a cultura esmerada, que para a esclarecer e explicar é mister consagrar-se-lhe. E d'ahi vem as muitas copias inexactas, e outras de todo impossiveis, que nas suas *Memorias do Arcebispado de Braga* se acham espalhadas.

N'uma das cartas noticiosas que o Bispo de Uranopolis, D. Luiz Alvares de Figueiredo, escrevêra ao mesmo Argote com data de 7 de Outubro de 1723, ácerca de documentos relativos á historia de Braga, diz-lhe assim, fallando da alludida *meza:*

«Seus caracteres, *com uns certos numeros que tinha,* estavam já muito gastados do tempo; pelo que no anno de 1625, mandando a camara d'esta cidade (Braga), fazer alli uma fonte, se mandaram avivar as lettras e mudar do plano da meza para a roda d'ella, na forma que se vê agora».

Na «Correspondencia do Norte» de 5.ª feira 31 de Maio de 1894, diz-se o seguinte, n'um artigo de transcripção de livros do Archivo da Camara:

«Felizmente ainda se conservam no archivo municipal as contas de receita e despeza da Camara, no anno de 1650, e n'ellas achei tres verbas relativas á *meza das Carvalheiras*».

«São as seguintes: «Dispendeu com jornaes e pedra para a calçada da entrada dos Biscainhos, e na *pedra Braga* de S. Sebastião, 12:060».

«Dispendeu com o Soares pedreiro, de *abrir as lettras* na Braga a S. Sebastião a 10 por lettra 300».

«Dispendeu na pedra que veio para a calçada que se fez ao redor da *pedra Braga* 2:670».

Tem seu interesse a transcripção exposta, mas pouco vale em relação ao escôpo essencial da pedra da *meza;* pois apenas revela o *dispendio*

com o desgraçado *avivamento de lettras*—verdadeiro delicto de lesa-antiguidade.

E' curiosa ainda assim, por deixar vêr que 25 annos depois do *avivamento* pedreiratico das lettras da *meza*, ainda certamente de novo se gastaram mais 300 reis com dislate egual ao de 1625, por não ser crivel que 25 annos estivesse por pagar o trabalho do primeiro avivamento!

Não honra no entanto nada a referida transcripção o senado bracarense de 1650.

A meza tem gravado nos quatro lados o seguinte:

BRACARA
AVGVSTA
FIDELIS
ET ANTIQUA

*
* *

DUAS INSCRIPÇÕES

Acham-se quebradas ambas, no Campo das Carvalheiras.

Pela sua leitura se conhece que eram de portas da cidade, mas apenas se descobre que a segunda pertenceu á de Maximinos em frente da Sé.

Eil-as:

RANC·PORTAM.FONTEM
AM.FECIT.DIDACVS.D S
ARCHIEPISCOPVS.A
CHARENSIS.ANNO

RANC.PORTAM.ET VIAM.QVAE A
MAIOREM.DVEIT.ECCLESIAM.FECIT.DI
DACVS.DE.SOVSA.ARCHIEPISCOPO
AC.DOMINVS.BRACARENSIS.HIS
PANIA>>PRIMAS.ANNO.DIII.
1572

* * *

HOTEL DO IGO

Tiveram os Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra um Hospicio seu, onde hoje se acha estabelecido o *Hotel do Igo,* no Largo das Carvalheiras.

Não podémos obter a data exacta da fundação d'esta casa religiosa, que foi propriedade particular do dr. José Teixeira d'Aguilar, primeiro Governador Civil do districto de Braga, depois da extincção das prefeituras.

O edificio de então limitava-se a 8 janellas de frente, a principiar na esquina da rua hoje denominada do Visconde de Pindella.

O portal era ligado ao hospicio por um muro, que foi mandado demolir para accrescentamento do *hotel*.

O mosteiro mais antigo de Conegos Regrantes de S. Agostinho, conhecidos ordinariamente com os nomes de Cruzios e Vicentes, foi o de S. Salvador de Moreira no concelho da Maia, cuja fundação data do anno 862.

O de S. Simão da Junqueira, o de Santa Maria de Landim, e o de S. Salvador de Paderne, todos tres no arcebispado de Braga, foram respectivamente fundados em 1072, 1096 e 1130.

Por baixo da cruz que encima o portal, tem um cordeiro, e em volta d'elle a inscripção seguinte:

EXORDIVM SVMPSIT ORDO CANONICVS
IN MONTE SION.
VIDI. SVPRA. MONTEM SION AGNVM
STANTEM

*
* *

Egreja Parochial de Maximinos

E' antiquissima esta parochia, sendo a mais antiga da cidade.

A egreja anterior á actual foi demolida no

tempo do Abbade Manoel José Leite, secretario do Infante Arcebispo D. Gaspar de Bragança.

A capear o muro do adro da egreja estão algumas pedras com inscripções, que pertenceram á demolida. N'uma d'ellas, apezar de cortada, ainda póde ser lido o seguinte:

.ESTA CAPELA MANDOV
FAZER O R^{DO} FR^{CO} PR^{A} DA CR
VS R^{TOR} Q FOI DE QVEIMA^{DA}
TEM DVAS MISAS SOM=
ANARIAS POR SVA TEN=
ÇAM COM SEPVLT^{A} P^{A} EL=
LE E SEUS ERDEIROS

Na parede interior da sacristia, acha-se tambem esta inscripção:

MEM^{A} DE BVLA PERPET
VA DE INDVLG^{CAS} CONCE
D^{AS} PELOS P^{AS} PAVLO 5. E CO
NF^{O} CLEM^{TE} 8. NO ANO DE
1604 E TEM INDVLG^{A} PLE
N^{A} NA ORA DA MORTE
ANNO DE 1722

Palacete dos Falcões

Sobre o portal do antigo palacete da familia bracarense, Falcões, situado no local da Madre de Deus, na parochia urbana de Maximinos, e hoje propriedade do Collegio dos Orfãos de S. Caetano, cuja fundação se deve ao caridoso Arcebispo D. Frei Caetano Brandão (1730 a 1805), acha-se a divisa seguinte:

SINE SANGVINI NON NISI VICTORIA

Tem depois o brazão respectivo, contendo em campo azul tres bordões de Santiago, de prata, com os nós de côr vermelha, sendo d'ouro os ferros.

O timbre é um falcão com um bordão no bico.

*
* *

CRUZEIRO DE S. JOÃO DA PONTE

A grande peste do seculo XVI, que durante 10 annos assolára Lisboa e seus arredores, alastrou-se terrivelmente por todo o reino; e princi-

piou a manifestar-se em Braga a 10 de Fevereiro de 1570, desenvolvendo-se rapidamente.

Os bracarenses refugiaram-se então pelas aldeias, apavorados com o espectaculo terrivel da mortandade.

O Arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, desde logo regressou a esta cidade apressadamente, vindo de Vianna, onde estava em visita pastoral; e entregou-se, com extraordinaria coragem, á missão de enfermeiro, e protector desvelado do seu rebanho afflicto. Por mais que El-Rei D. Sebastião, e o Cardeal Dom Henrique, instassem com elle para que abandonasse o Paço Episcopal, nada chegaram a conseguir. A caridade fazia-lhe esquecer todos os perigos. Proseguia d'um modo heroico n'esta missão que elle proprio se impôz.

Mandou construir na *devesa nova* dos Arcebispos um grande barracão de madeira, com todas as exigencias indispensaveis d'um hospital, e para logo entraram da primeira vez alli numerosos inficionados.

Cessando depois a epidemia, mandou o Arcebispo levantar um cruzeiro de pedra no sitio que servira de cemiterio ás victimas, conservando-se durante longo tempo o barracão, onde o povo acorria a venerar uma bella imagem de Christo na cruz, hoje existente no largo das Carvalheiras com a denominação de *Senhor da Saude.*

A inscripção que este cruzeiro tem na base, foi mandada gravar pela camara municipal, em

honra do Arcebispo. Eil-a aqui, embora assaz deteriorada pelo tempo:

SENDO ARCEBPO DE
BRAGA DŌ.F.BERTOLA
MEV DOS MARTIRES.
OVVE PESTE NESTA CI
DADE O ANO DE.1570 E
OS EMPEDIDOS FORĀTR
AZIDOS A ESTA DEVEZA.

Junto ao muro da Quinta do conde de S. Martinho, proximo á capella de S. Sebastião das Carvalheiras, acha-se a sepultura d'um individuo que falleceu por essa occasião. Diz assim a inscripção que n'ella ha:

AQVI IAZ
GREGORI
O GOMEZ
FALECEO
EM TEMPO
DE PESTE
A. X. DIAS
DE MAR
ÇO DO Ãº
NO. ºM. D̃,
·LXX.

A camara municipal, como representante do povo, prometteu em voto solemne, se a peste cessasse, ir «todos os annos em procissão á Capella de S. Sebastião das Carvalheiras, fazendo primeiro a volta á cidade com um rôlo de cera, da

medida exacta da sua circumferencia, e que havia de arder no templo, emquanto durasse a festa. (*Vilhena Barbosa,* ARCHIVO PITTORESCO, vol. 7, pag. 101).

* * *

FONTE DOS GALLOS

Acha-se esta fonte no sitio do mesmo nome, á margem esquerda do rio D'Este, outr'ora rio Aliste em documentos antigos.

Está proxima das aguas sulfureas, que actualmente se acham em exploração, para utilidade dos enfermos a quem são applicaveis.

Foi feita esta fonte a expensas do publico, em 1639. No alto d'ella se vê a legenda seguinte:

EXPENSIS PUBLICIS ANNO
1639

* * *

CAPELLA DE SANTA JUSTA

Ao fundo da rua dos Pellames, continuação da de S. Geraldo, e outr'ora rua do Infante, (ambas ellas) existe uma capella de architectura sim-

ples, mandada fazer por Gracia Martins, viuva de Rodrigo Ennes, no anno de 1618.

Acha-se sobre a porta a inscripção seguinte:

ESTA. CAP.ELA. MANDOV FAZER GRACIA. MZ
MOLHR. QVE. FIC.OV. D R.º ENES. O PERV. 1618. A.

* * *

CONVENTO DA CONCEIÇÃO

Quando o Infante D. Henrique, Arcebispo de Braga, mandou abrir a rua dos Pellames, que então e por esse facto se ficára chamando *rua do Infante,* construiram-se logo n'ella, d'um e d'outro lado, muitas casas de particulares.

O reverendo dr. Geraldo Gomes tambem alli comprou terreno, onde mandára edificar uma casa para elle.

Ao 37.º anno dos seus trabalhos como conego da Sé de Braga, lembrou-se de fundar um convento nas casas da sua morada.

Deu d'isto conhecimento a seu irmão, o reverendo dr. Francisco Gomes, que desde logo applaudira o plano, prestando-se a concorrer tambem com metade da despeza; e resolveram ambos destinal-o a freiras da Ordem da Conceição, por não

haver então em Portugal nenhum convento assim. Lançaram-lhe a primeira pedra em 1625; e 4 annos depois concluiu-se a obra, entrando logo n'elle as religiosas fundadoras.

Por escriptura de 13 de Janeiro de 1631, doaram os instituidores ao convento 26 moradas de casas contiguas, duas devezas proximas, 130 medidas de herdade, 20 de trigo, e uma pipa de vinho para celebração de missas.

Na capella-mór da egreja, que ficava então no extremo sul do convento, foram sepultados os drs. Francisco Gomes e Geraldo Gomes, gravando-se nas campas o seguinte:

S.ª
DO DOVTOR
FR.co GOMES.
FALECEO
A XX6 DE M
ARÇO DA ER
A DE. 1644
ANNOS

COBRE NOSS
A SENHORA
DA SE' DE BRA
GA AO DOVT
OR GERALDO
GOMES SEV C
ONEGO, E CAP
ITVLAR O QV
AL MANDOV E
CE F̄S̄ DENTRO E
FORA TVDO
O QUE VEDES
FALECEO O DO
VTOR GERA
L DO GOMES
AOS QVATRO
DOMES DE ABRIL
DE 1648 ANNOS

No côro de baixo, ao lado da Epistola, sepultou-se a primeira Abbadessa D. Martha de Santa Anna, como constava da inscripção seguinte:

AQVI ESTA SEPVLTA
DA MARTA DE SAN
TA ANNA PRIMEIRA
ABBADESSA QVE VE
YO APLANAR ESTA
GR̄N DE NOSSA SSNĀR
DA CONCEIÇĀO SĒ
DO Y ABBADESSA
DO REMEDIOS FC.º A 7
DAGOSTO DO ANNO
D 1632

De ha muito que esta egreja estava inutilisada; e foi demolida ultimamente para a construcção do edificio das officinas de tecelagem, devidas ao esforço e valimento do illustrado Governador Civil do districto, o ex.mo conselheiro José Novaes.

Sobre a porta principal lia-se a inscripção seguinte:

BRACHAREA HÆC VIRGO EST EIVS SVNT TEMPLA
GERALDO ILLA SVO SVMPTVS CONTVLIT ILLA ANIMOS

No anno de 1670 cedeu o Cabido ás religiosas o Campo de Urjaes, para o juntarem á sua cêrca, recebendo em troca o Campo das Travessas em S. Martinho de Dume.

D. João v recommendou ao Cabido, em 1731, que mandasse recolher ao mosteiro da Conceição a D. Maria, filha de José Soares de Sá.

No muro contiguo ao convento está cravada uma lapide com a inscripção seguinte:

A DOMINA TVRRIVM. FAC
TVM. ET EST MIRABILE.
ET. SIC NON EST. IN TOTA
SANCTIOR VRBE LOCVS.
ESTĀDO PRESETE Ē ROMA
O DOVTOR GERALDO GO
MES NATVRAL DESTA CIDA
DE NO ANNO D 1588. O PA
PA XISTO QVINTO D BOA
MEMORIA LHE DEV A CO
NESIA NESTA SEE QVE SER
VIO PESSOALMENTE 60
ANNOS E TODOS OS REN
DIMENTOS DELLA APLI
COV A ESTA OBRA. FALLE
CEO NO ANNO D 1648 D ABR.

Da egreja actual principiou a construcção em 1725; e concluiu-se 3 annos depois, como o indica a frontaria, onde se lê o seguinte:

17 DE AGOSTO DO ANNO
D 1728



PONTE DOS PELLAMES

Datava dos principios do seculo XVI a ponte sobre o rio D'Éste, ao fundo da rua dos Pellames, e que o tempo se encarregára de arruinar.

Construiu-se em logar d'ella, no anno de 1751, a hoje existente, á custa da camara. Consta do lettreiro gravado n'uma pedra, ao centro da mesma ponte, no lado do nascente.

Diz assim:

FOI FEITA
A CVSTA
DO CENA
DO ERA
1751 A

Reedificou-se passados 28 annos, como consta do documento seguinte, registrado no Livro das Provisões e Decretos a fl. 208:

«Sendonos presente a necessidade que ha de se reedificarem antes da entrada do inverno as pontes de Guimarães e Pelames, que se acham inteiramente arruinadas, ordenamos ao Dr. Ouvidor d'esta Nossa cidade, que junto com o sena-

do da camara d'ella, as faça reedificar na mesma fórma, que antecedentemente estavam, e com toda a segurança, no precizo termo de 4 mezes pelas rendas do concelho para o que se mandaram logo por em pregam estas obras, comvocando-se por editaes os Mestres que as quizerem tomar e as daram áquelles que melhor e por menos preço as fizerem com declaraçam que as não daram ambas a um mesmo Mestre para que não succeda retardar-se a sua construcção por este respeito e nos daram conta de quaesquer duvidas que aconteça haver sobre esta materia para as resolvermos, como nos parecer mais justo e conveniente. Braga, 17 de Julho de 1779.»

Na extremidade do norte, e para a parte do poente, ha uma fonte com a inscripção seguinte:

ESTA
FONTE FOI REFOR
MADA NO ANNO DE
1749 PELLA CAMA
RA DE BRAGA

Fica esta fonte junto ao muro das propriedades do ex.mo Boaventura José da Costa.

Dentro do portal da quinta, que lhe fica proxima, ha outra fonte com brazão, tendo no escudo em campo liso cinco meias luas, e por timbre um leão.

Existe ao lado direito um subterraneo muito amplo, onde se acolheram refugiadas, (conforme geralmente se conta), numerosas pessoas da cidade e suburbios, por occasião da invasão franceza em principios do seculo actual.



CAPELLA DE S. LOURENÇO DA ORDEM

A pouca distancia da cidade, e proximo da freguezia rural de S. Martinho de Dume, vê-se ainda em boa conservação a capellinha de S. Lourenço da Ordem.

Desconhece-se a epocha exacta da sua fundação; mas a porta de entrada, em estylo ogival simples, parece remontar ao seculo XII.

Ao lado d'esta porta ha, n'uma grande pedra, e em relêvo, o desenho exacto da antiga frontaria da Sé, com as suas duas torres acastelladas, recebendo luz apenas por duas pequenas janellas; pois tinha os sinos collocados interiormente, e achando-se ao centro a imagem da Virgem, na peanha da qual tem gravado o seguinte:

AM.ᴬ DASSCE DE BR.ᴬ

Segundo a tradicção, resavam alli os conegos da Sé em tempo de pestes.

Em 1708 fez-se o alpendre, que tem na frente o lettreiro seguinte:

A CVSTA DAS CONFRARIAS

Fóra da porta lateral está levantada ao alto uma pedra com a cruz grega na extremidade superior, em signal de ter sido sagrada esta capella; e na extremidade inferior uma estrella.

Ao centro gravaram-lhe o seguinte:

FOI ACHADA
NO CABIDO
DA CAPEL
LA NO ANO DE
1769

* * *

Convento de S. Fructuoso

Foi por este Santo Prelado, natural de Bierço nas Asturias, fundado em fins do seculo VII, para habitação de monges Benedictinos; e (segundo Frei Manoel de Monforte, chronista da Provincia da Piedade), no mesmo local em que já existia um velho templo dos Romanos, dedicado a Esculapio.

Lá se vê ainda o tumulo, d'onde o Arcebispo de Compostella, D. Diogo Gelmires, no tempo em que S. Geraldo occupava a cadeira primacial de Braga, roubára em ausencia d'elle os restos mortaes do Santo.

Depois de ter sido Quinta de recreio dos Prelados, deu D. Diogo de Sousa, em 1533, toda a propriedade aos religiosos Franciscanos da Provincia da Soledade, reconstruindo e ampliando a velha egreja e o respectivo convento, que foi sempre habitado por 36 religiosos.

A capella-mór, antiga, ainda se conserva do lado da Epistola, suspensa em elegantes columnas de marmore, n'uma disposição interessante.

Tem na parede, do lado do Evangelho, a inscripção seguinte:

DIDACVS.SOVSA.ARCHIEP?.HÃC.ECCLE
SIAM.ADIVO.FRVCTVOSO.ÃTEQVAM.
HISPANIA.AMAVRIS.EXPVGNARETVR.CÕ
DITÃ.CV̄.HEDIFICIIS.ADIACẼTIBVS.Ã SE.CÕS
TRVCTIS.IN.MONASTERIV̄.REDEGIT.AÑO.XPI.1533.
.XII.DIE MENSIS DECẼRIS.

A construcção da actual egreja principiou a 18 de Junho de 1728.

As cadeiras do côro, com 14 magnificos retratos de Arcebispos, em tella, pertenciam ao côro da Sé; e foram cedidas aos Religiosos em 1737.



Egreja Parochial de Lòmar

A' distancia de dois kilometros da cidade, fica a freguezia rural de S. Pedro de Lòmar, com egreja matriz sagrada, e d'origem antiquissima.

Ainda mostra vestigios sobejos da sua muita ancianidade, nas pedras que formam os degraus da torre; na pequena mas elegante pia baptismal; nos preciosos lavores que ladeiam a porta principal; nos quatro arcos exteriores do lado sul; e nas duas pedras embutidas no exterior da capella-mór, com desenhos em meio relêvo, representando, a primeira duas lebres, e a segunda um animal que se nos afigura mytologico.

A respeito das duas pedras ultimas, contam velhos moradores do logar, que se lhes pagava todos os annos uma pensão grande. Caso analogo se vê com as figuras do torreão sobranceiro á capella do Senhor Morto, adjuncta á egreja parochial de S. João do Souto.

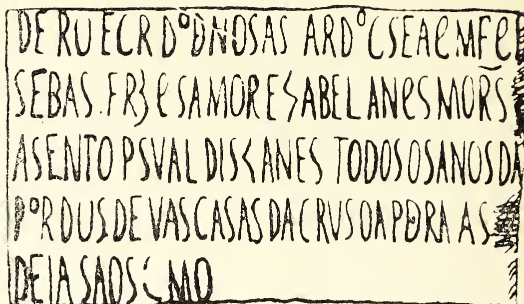
E' curiosa a cadeira abbacial, que se acha junto ao arco da capella-mór.

Tem no encosto, á direita, uma cruz; e á esquerda duas chaves sobrepostas; e mais abaixo, (tudo dourado):

LOMAR — 1720

Na parede do lado do Evangelho, proximo á porta da torre, ha uma pedra com inscripção muito difficil de copiar, por estar cheia de cal e de tinta, e a servir de sôco até meia altura.

Ainda assim damol-a como conseguimos copial-a:



Ha tambem na sacristia outra inscripção, que não podémos copiar, por ter cravado na mesma pedra um grande cofre de ferro: mas suppomos que se refere a uma instituição de missas.

A confraria do Santissimo Sacramento foi instituida em 1726, por iniciativa de Mathias Lou-

renço Ferreira, natural do logar do Souto Noval d'esta freguezia, e fallecido na Bahia a 2 de Maio do mesmo anno.

Deixou-lhe em testamento 200$000 reis com obrigação de 3 missas annualmente; e 700$000 reis com 2 missas semanarias, perpetuamente, uma aos domingos, e outra ás quintas-feiras, com mais 8 missas ainda.

Deixou tambem *um conto de reis* á Senhora do Rosario, para uma corôa «em que se cravassem algumas pedras inda que fossem falsas».

Em 1780, devido ao zelo dos seus administradores, tinha 1:997$000 reis de juros, 185$000 reis na fabrica, e 650$000 reis para obras.



BOM JESUS DO MONTE

Diz a tradicção que nos principios do seculo XV fôra levantada por desconhecido piedoso, no alto do monte Espinho, uma Cruz modesta que se tornára muito venerada do povo da cidade e suas visinhanças.

D'uma lapide, encimada pelas armas do Cardeal-Arcebispo D. Jorge da Costa, consta que fôra construida a primeira ermida no mesmo sitio da Cruz, pelo referido Antistite, em **1474**; mas convem notar que, desde **1467** a **1480**, a cadeira Primacial de Braga foi occupada por D. Luiz Pires.

Portanto, ou a lapide está errada, ou D. Jorge da Costa mandou proceder á construcção da capella 9 annos antes de ser eleito Arcebispo de Braga; pois o foi a primeira vez desde **1483** a **1488**, e a segunda desde **1501** a **1505**.

A lapide acha-se embutida na parede do primeiro patim, e tem a seguinte inscripção:

ARMAS DA 1.ª CAPELLA
QVE MANDOV EDIFICAR O
SENHOR D. JORGE DA COSTA, AR
CEBISPO DE BRAGA EM 1474; FORÃO
ENCONTRADAS NAS ESCAVAÇOES
DOS ALICERCES D'ESTA OBRA EM
1839: SENDO PRESIDENTE O ILL.MO
JOAQVIM DA MOTTA CAR
DOSO, ABBADE DE MAXIMINOS.

Do lado opposto, em logar correspondente, está outra, que allude á reedificação da ermida em **1522**, pelo Deão da Sé D. João da Guarda:

ESTA EGREIA : E CAPELA MÃ
DOV FASER O. PRETONOTAIRO
DÕ JOÃ : DA GVARDA : DA ISA
DE BRAGA : E LAMEGVO :
DO CÕSELHO : DE ELREI :
CONDE PALATINO POR SVA D
EVAÇA A XB. D DO MES : DE.
SETẼBR.º DO ANO : D IS ?? V

INDICA A REEDIFICA
ÇAO DA 2.ª CAPELLA EM
1522 QUE FOI ABOLIDA NO
TEMPO DE D. RODRIGO DE
MOURA E TELLES EM 1725
ANNO DE 1839

N'este primeiro patim ainda se conserva a sepultura do primeiro ermitão, com a inscripção seguinte:

A
SEPOLT
Q MANDOO
F3ER· P.º DO
ROSARIO.
PRIMEIR.º IR
MITAO.
1647

D'um e outro lado do portico encontram-se as lapides seguintes:

JERUSALEM SAN CTA RESTAURADA, E REEDIFICADA NO ANNO DE 1723	PELO ILLUSTRISSIMO SENHOR DOM RODRIGO DE MOURA E TELLES ARCEBISPO PRIMAZ

Desde 1629 a 1640 reedificou-se pela segunda vez a ermida, ampliando-se para receber dois altares lateraes.

A terceira e ultima reedificação principiou no 1.º de Junho de 1784 e concluiu-se a 20 de Setembro de 1811, como o indicam os lettreiros seguintes, existentes sobre as portas lateraes:

FOI POSTA A PRIMEIRA PEDRA DESTE TEMPLO NO 1.º DE JUNHO DE 1784	FOI POSTA A ULTIMA PED RA DESTE TEMPLO EM 20 DE SEPTEMBRO DE 1811

Na frontaria da egreja ha mais as lapides seguintes, que se referem—a da direita, ás indulgencias concedidas pelos Papas Pio VI e Pio IX, e a da esquerda—á consagração do templo, pelo Arcebispo D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, a Jesus Christo Crucificado, com as respectivas indulgencias:

S.S.P. PIUS VI
OMNIBUS CHRISTI FIDELIBUS ECCLOESIAM HANC DEVOTE VISITANTIBUS IN PERPETUUM
CONCESSIT: — INDULGENTIAM PLENARIAM IN DOMINICIS PALMARUM, RESURRECTIONIS, ET
PONTECOSTES, IN FESTIS ASCENSIONIS D.N.J.C., INVENTIONIS ET EXALTATIONIS S. CRUCIS,
CONCEPTIONIS, NATIVITATIS. ANNUNTIATIONIS, PURIFICATIONIS, ET ASSUMPTIONIS B.M.V.
A' I VESPERIS USQUE AD OCCASUM SOLIS DIERUM HUIUS MODI, PARITERQUE IN QUALIBET FE
RIA VI QUADRAGESSIMAE, ET SEMEL IN ANNO QUOCUMQUE DIE: — ITEM OMNES ET SINGU-
LAS INDULGENTIAS STATIONUM VIÆ CRUCIS VISITANTIBUS CAPELLAS HUIUS SANCTUARII.
S.S. D.N. PIUS P.P. IX
DIE II JULII MDCCCLVIII CONCESSIT AD DECENNIUM HANC ECCLŒSIAM VISIT.:— INDULGEN
TIA PLENARIAM IN FESTIS NATIVITATIS, EPIPHANIÆ, ET ASCENSIONIS D.N.I.C., S. IACOBI MAIORIS
ET DIE ANNIVERSARIO DEDICATIONIS IPSIUS ECLÆSIÆ A' I. VESPERIS USQUE AD OCCASUM SOLIS
DIERUM HUIUS MODI: INSUPER VII ANNOS, TOTIDEMQUE QUADRAGENAS QUALIBET ANNI FERIA
VI. OMNIA SUB CONDITIONIBUS IN INDULTIS EXPRESSIS

A.D. MDCCCLVII. DIE VERO X. MENSIS AUGUSTI EXCELLENTISSIMUS AC REVE-
RENDISSIMUS D.D. IOSEPHUS JOACHINUS DE AZEVEDO E MOURA, ARCHIEPISCOPUS
ET DOMINATOR BRACARÆ AUGUSTÆ, HISPANIARUM PRIMAS, HANC ECCLESIAM IN
HONOREM D.N. IESU CHRISTI CRUCIFIXI CONSECRAVIT. ATQUE IN EIUS ALTARI MAIO
RI HAS RELIQUIAS INCLUSIT: EX LIGNO SS. CRUCIS, DE COLUMNA FLAGELLATIONIS
EIUSDEM D.N., EX VELO B.V. MARIÆ, EX PALLIO SANCTI JOSEPHI SPONSI EIUSDEM
B.V., ET EX OSSIBUS SS. APOSTOLORUM PETRI, PAULI, ANDREÆ IACOBI MAIORIS THOMÆ
IACOBI MINORIS, BARTHOLOMÆI, MATHÆI, SIMONIS, THADÆI, MATHIÆ, ET BAR
NABÆ. XL ITEM DIES SINGULIS CHRISTI FIDELIBUS ECCLESIAM IPSAM DEVOTE VISI
TANTIBUS IN DIE ANNIVERSARIO HUIUS CONSECRATIONIS, QUI DOMINICA SECUNDA AU-
QUOTANNIS CELEBRABITUR, DE VERA INDULGENTIA, IN FORMA ECCLESIÆ CONSVETA, CONCESSIT

Ha ainda nas peanhas das estatuas, nas fontes e nas capellas, muitos versiculos da Escriptura Sagrada, que nós aqui ommittimos, para só darmos cabimento ás inscripções e lettreiros historicos.

A um canto do largo fronteiro á Egreja do Bom Jesus, acha-se uma pedra, que tem gravado um formoso soneto.

Foi achada esta pedra em 1844 entre outras

ao abandono atraz do templo, e allude a um *facto historico* acontecido na serra do Gerez.

Eil-o:

Passageiro! este chão que vez diante
Na encosta desse monte desabrido,
Dum castelhano foi que perseguido,
Aqui se recolheo co'a terna amante.

Quebrantando por elle a fé constante
Que havia ao esposo eterno promettido,
Trocou por ermo agreste e desprovido,
Sua cella mimosa e abundante.

A era em qu'isto foi vai inda perto;
Mas da choça que aos dois prestara abrigo,
Nem sequer um calhau se aponta ao certo.

Tudo o tempo varreu, levou comsigo;
E só da tradicção no livro incerto
Se encontra o caso que eu aqui te digo.

* * *

Sàmeiro

Ha trinta e tres annos que o Sàmeiro era um monte agreste e solitario, apenas recommendavel pelos seus largos horisontes.

Quando em Setembro de 1861 alli se dirigiram em passeio dois sacerdotes amigos, teve um d'elles, o P.e Martinho Antonio Pereira da Silva, a ideia d'elevar um monumento á Virgem, em memoria da definição dogmatica da sua immaculada Conceição por Pio IX, a 8 de Dezembro de 1854: e tanto se esforçou pela sua realisação, que a 11 de Maio, no anno seguinte, já era nomeada uma commissão para esse fim.

Esta commissão, aos 28 de Julho de 1863, obteve de D. Flaviana Claudina Rebello da Silva a cedencia de 40 metros quadrados de terreno, como consta d'uma escriptura publica na Nota n.º 51. Fls. 14, do tabellião Fortuna.

Lançou-se á terra a primeira pedra do monumento a 14 de Junho do referido anno; e principiaram as obras a 12 de Outubro de 1864.

A estatua da Virgem, que o estatuario portuense Emygdio Carlos Amatucci fizera, com 14 palmos d'alto, e pelo preço de 1:300$000 reis, collocou-se a 12 de Agosto de 1869; e foi derrubada por um raio a 9 de Janeiro de 1883.

Pouco depois, levantou-se no mesmo sitio a estatua agora existente, e que tem na base:

FEITA A EXPENSAS
DO BEMFEITOR
JOÃO ANTUNES GUIMARÃES

A capella, á distancia de 28 metros do monumento, tem 30 metros de comprido, com 19 de

largo: e foi-lhe lançada a primeira pedra a 31 de Agosto de 1873.

Tem no arco interior, do lado do Evangelho, uma lapide com a inscripção seguinte:

AOS 15 DIAS DO MEZ DE NOVEMBRO DO ANNO DE 1885
VISITOV A CAPELLA DO MONTE SAMEIRO
A PEREGRINAÇÃO NACIONAL
PROMOVIDA PELAS FILHAS DE MARIA DE LISBOA
E PRESIDIDA PELO EX.MO E R.MO SN.R ARCEBISPO DE MITYLENE
D. JOÃO REBELLO CARDOSO DE MENEZES
PARA AGRADECER Á VIRGEM SANTISSIMA PADROEIRA DE PORTUGAL
TER LIVRADO ESTES REINOS DO CHOLERA MORBUS ASIATICO
QUE ASSOLOU A HESPANHA
E PEDINDO Á IMMACULADA SENHORA A CONTINUAÇÃO DE SUA PROTECÇÃO.
OFFERECEU POR ESTA OCCASIÃO UM HARMONIUM PARA A CAPELLA.

A encantadora imagem da Conceição, em tamanho natural, e que se venera no altar-mór da capella, foi feita em Roma por Eugenio Maccagnani, no anno de 1876.

Na base lê-se-lhe o seguinte:

O SS. PADRE PAPA PIO IX
BENZEU ESTA IMAGEM
NO DIA 22 DE DEZEMBRO DE 1876.

A inexcedivel belleza d'esta imagem requer muito a approximação da vista dos apreciadores. A altura a que se encontra, não permitte de longe o exame da sua perfeição esculptural.

Anda em construcção a frontaria do templo, elegante no risco e formoso na execução.

A' margem esquerda da estrada, que do Bom Jesus se dirige ao local, vê-se uma lapide em fórma de marco, tendo gravada a inscripção seguinte:

AQUI
FALLECEU JO
AQUIM JOSE
LOUREIRO DE
S. PEDRO DE
MAXIMINOS
NO DIA 23 DE
FEVEREIRO DO AN
NO DE 1891
VINDO EM VE
SITA A' VIR
GEM DO
SAMEIRO

SAUDADE
P. N. A. M.

O bom do padre Martinho falleceu repentinamente, em Villa do Conde, a 7 de Abril do anno de 1875; e jaz sepultado no cemiterio publico de Braga, em jazigo feito a expensas dos seus amigos, com o seguinte epitaphio em marmore:

★

AQUI JAZ
O PADRE MARTINHO ANTONIO PEREIRA DA SILVA
EXAMINADOR PRO-SYNODAL
LENTE NO SEMINARIO DE S. PEDRO
E CALENDARISTA DO ARCEBISPADO PRIMAZ, ETC.
INICIADOR DO MONUMENTO
QUE SE ERIGIU NO MONTE SAMEIRO
PARA COMMEMORAR A DEFINIÇÃO DOGMATICA
DA IMMACULADA CONCEIÇÃO,
DA QUAL ERA FERVOROSO DEVOTO.
NASCEU EM BRAGA AOS 8 DE ABRIL DE 1812.
FALLECEU A 8 DE OUTUBRO DE 1875
FIEIS ORAE POR ELLE.

JAZIGO DE FAMILIA

*
* *

S. Gregorio do Monte

Dentro da área parochial de Maximinos, e no arrabalde da cidade, levanta-se um pequeno monte coroado por alvejante capellinha com a denominação de S. Gregorio Magno.

Do planalto em que ella assenta, gosa-se uma excellente vista em todas as direcções.

Alli se faz annualmente uma romaria muito concorrida.

E' de suppor, que a primitiva capella datasse

de tempos muito remotos. Não nos foi porém possivel encontrar documentos anteriores ao anno de 1669.

Em 1755 reconstruiu-se; e a madeira velha foi vendida (2 carros) por 960 reis, a Manuel Correia, da Cruz de Pedra (extremo da cidade).

Oito annos depois, concluiu-se a pintura e o douramento.

A capella tem na frente algumas oliveiras, e já em 1764 as havia; pois n'esse anno produziram quatro alqueires de azeitonas, que se venderam por 380 reis.

Na primeira pagina dos Estatutos, approvados pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, em 1723, diz-se entre outras cousas:

«Tendo pois este bemaventurado Santo tantos templos, quantos são os corações de seus devotos, de quem elle desterra as agonias, como o Zephiro do ceo as nuvens, para respirar a vida sem estorvos, só hua unica capella tem ao presente n'este Reino, que fóra dos muros d'esta cidade se ergue n'um monte, etc.».

N'este anno era juiz da confraria o conego Estevão Falcão Cotta, signatario do seguinte documento, que vimos, com data de 3 de janeiro:

«Visto o pedido da ilustre meza do milagrozo Dr. da Igreija S. Gregorio Magno ei por bem seder oterreno em çircumferençia da capela servindo de marcação a crus da confraria onde prençepia os clamores ia lem desta marcação mais huma vara em volta por fora da crus em terreno que

pertençe ao montado da quinta do falcão, com a condição de todo omato do terreno que dou para veneração do mesmo milagroso Santo; omato sera roçado pelos meus cazeiros ido feturo para as percizões da nossa quinta; com toda a devoção mandamos passar este decumento que para Gloria do mesmo milagroso Santo vamos a signar mandado por mim».

Ao lado norte da capella, ergue-se um singelo cruzeiro, (entre outros que da cidade fizeram conduzir para alli), tendo na base o seguinte:

FOI FEITO
A CUSTA DA
CONFR.A DE
S. GR.O NO AN
NO DE 1752

A meza de 1738 poz termo ao antigo costume de se alugar o sino da capella por 240 reis, *para os louvores de Deos em solemnidades estranhàs, e fóra d'ella.*

* * *

MOSTEIRO DE TIBÃES

Quando em 1776 se organisára regularmente o Archivo d'este Mosteiro, já não existiam os Titulos mais antigos.

O tempo encarregou-se de consumir alguns; mas o maior numero desappareceu, como acontecêra nos demais Conventos durante a administração dos Commendatarios, o que teve principio no anno de 1400: pois tendo estes os seus procuradores e feitores, para a cobrança e arrecadação das rendas, entregavam-lhes os titulos de patrimonio do Mosteiro; e estes, por negligencia, não mais cuidavam em os fazer recolher ao cartorio.

João Trullo, no Livro 1.º das suas *Obras*, classifica assim a administração dos Commendatarios:

«Hi Commendatarii sunt, qui Monasteria relaxarunt, labescerunt, et corruperunt».

Passando este Mosteiro a ser governado por Prelados triennaes, o mal aggravou-se d'um modo espantoso.

Ainda assim, sabe-se por uma lapide encontrada no local, que fôra fundado em 562, n'um edificio acanhado, dedicando-se a S. Martinho Turonense.

O rei suevo Ariamiro, chamado Miro abbreviadamente, e successor de Theodomiro, enriqueceu-o com propriedades de grandissimo valor: pois era soberano religioso e piedoso, a ponto de convocar em Braga, como sua côrte que era, um Concilio especial para reforma d'abusos.

D. Payo Guterres da Silva reedificou este mosteiro no anno de 1080; e o Conde D. Henrique, com sua esposa D. Thereza, doaram-lhe o

Couto de Tibães aos 8 das Kalendas de Abril (25 de Março) da era de 1148 (anno de 1110).

Seu filho D. Affonso Henriques doou ao mesmo Mosteiro, na era de 1178 (anno de 1140) o Couto de Santa Maria da Estella; e Pelagio Soares vendeu-lhe por 4 maravediz, em 1189 (anno de 1154), tudo o que possuia na villa de Palmeira (quinta rural).

Em 1199 (anno de 1161) tambem Mendo Bofino lhe vendêra por 25 maravediz as suas propriedades no logar da Estella.

Por permuta com Joanne Annes, apresentou este Mosteiro, na egreja de Santo Adrião de Padim, a Pedro Mendes, no anno de Christo de 1293.

Querendo D. Diniz, em 1334, privilegiar os moradores d'este Couto, isentou-os de irem ao seu serviço e *mandamento*, (como todos os do seu reino eram obrigados), *maiormente onde elle ia com seu proprio corpo*, exceptuando os que tivessem herdades fóra do dito Couto.

Por uma Bulla do Papa João XXIII, datada de 1415, confirmou-se em D. Abbade de Tibães a Frei Soeiro, monge professo que era no Mosteiro de Santo Thyrso, tendo sido eleito pelo Prior Claustral Fernando Pedro, juntamente com os demais Religiosos.

Em 1443 era Abbade D. Martinho Affonso, reputado por um sabio da epocha.

Estando El-Rei D. Affonso V em Evora, no anno de 1444, isentou do trabalho os morado-

res d'este Couto, em relação ás obras de barbacans da cidade de Braga; tendo n'isso attenção aos seus privilegios, e a pagarem annualmente 36 soldos brancos para as ditas obras.

El-Rei D. Manuel deu-lhe Foral em 4 de Setembro de 1517 (1), em vista do que se acha em Francisco Nunes Franklin, na sua *Memoria para servir d'indice dos Foraes do reino e seus dominios*, pag. 147.

D. Sebastião estabeleceu concordia e transacção com os Religiosos de Tibães, largando e demittindo de si o direito de padroado em apresentar Commendatarios nos Mosteiros Benedictinos d'este reino; e demittiu-o com todas as suas rendas, fóros, direitos, jurisdições, egrejas, e tudo o que legitimamente lhes pertencia, do mesmo modo que elle e os seus antecessores estavam de posse; com a condição de lhe darem annualmente *cinco mil cento e cincoenta cruzados*, que eram *cinco partes* das doze em que foram avaloadas as Mezas Abbaciaes dos oito mosteiros, no anno de 1578.

E D. Filippe II da Hespanha e I de Portugal, confirmou este contracto em 1582, no Dom Abbadeçado de Frei Placido de Villalobos, natural de Lisboa, que já havia governado o Mosteiro por ordem do Cardeal D. Henrique, desde 1565 até 22 de Julho de 1569.

Os Prelados de Tibães usavam mitra e cruz

(1) Livro dos Foraes Novos do Minho, fl. 113, col. 1.ª

peitoral; e tinham o titulo de D. Abbade Geral, por ser alli a Séde de toda a Ordem.

Eram tambem Capitães-Móres, e Senhores do Couto, com outras mais regalias.

A egreja e o convento soffreram tres *reedificações*, até principios do seculo XVI, depois da edificação de 562: sendo em 1080 a primeira d'essas tres.

O templo actual, todo de abobada de pedra, e com duas torres elegantes, concluiu-se em 1661, durando as obras 33 annos, conforme o indica a inscripção existente no arco do côro, do lado do Evangelho.

Deu-lhe principio o Padre Mestre D. Frei Leão de S. Thomaz, natural de Coimbra; e deu-lhe fim o seu 11.º successor D. Frei Vicente Rangel.

Eis a inscripção alludida:

PRINCIPIOVSSE. ESTE TEM
PLO. NO ANNO. DE. 1628.
ACABOVSSE. NO ANNO. DE
.1661.

Ao centro da capella-mór, vê-se a seguinte curiosa sepultura em que estão guardados os restos mortaes do D. Abbade Geral Frei Mancio da Cruz, natural de Braga, eleito em 1620, e fallecido a 3 de Maio de 1621, quando estava em oração na sacristia preparando-se para a celebração da missa.

Foi sepultado no claustro, onde se conservára até 29 de Abril de 1752, em que o seu successor D. Frei João Baptista, natural de Rio Covo, e eleito em 1748, lhe trasladára os ossos para o logar em que hoje estão, collocando-lhe a inscripção seguinte:

TRANSTULIT. HUC
CINERES MANCI.
BAPTISTA JOANNES;
DOCTRINA HI SI-
MILES; INTEGRI-
TATE PARES.

ILLE CAPUT MERU-
IT SEMEL ESSE,
BIS ORDINIS ISTE;
ILLE PROBUS, SA-
PIENS, DOCTOR
ET. ISTE, PIUS.

IURE IGITUR SAPI-
ENS CINERES SAPI-
ENTIS HONORAT,
QUAQUE POTEST
TANTUM SUSCITAT
ISTE VIRUM.
OB. MAI III
AN. DOM. MDCXXI
TRANSL.
XXIX. APRIL.
AN. MDCCLII.

Sobre a porta de entrada para o côro lê-se:

TERRIBILIS EST LOCUS ISTE; VERE, HIC DOMUS DEI EST, ET PORTA CÆLI. GEN. 28.

O convento é ligado no centro por um passadiço de pedra, tendo lá uma fonte com um cordeiro a jorrar agua pela bocca, e por sobre elle, n'uma larga fita, a inscripção seguinte:

AD FONTEM QUICUMQUE SITIS AC CEDE BENIGNUM.
HAUD HÆC UNDA NOCET: DE FLUIT UNDE VIDE.

Sobre a porta da sacristia, cuja construcção se deve ao D. Abbade Geral Frei João Osorio, natural da freguezia de São Payo d'Oliveira, eleito em 1680, e fallecido a 30 de Junho de 1683, existe uma inscripção em que o referido D. Abbade affirma ser aquella a ultima obra que alli mandára fazer.

Eis aqui essa inscripção:

HIC OPERUM FINIS, MAGNARŪ METAQ̄ RERŪ
OZORII; MAGNA FABRICA DIGNA VIRO.

Sobre a porta do Noviciado acha-se esta curiosissima inscripção:

HIC LOCUS, ODIT, AMAT, PUNIT, CONSERVAT, HONORAT

NEQUTIĀ, PACĒ, CRIMINA, JURA, PROBOS.

NOVITIORŪ DOMUS.

As palavras ligadas verticalmente com ⁝ devem lêr-se ordenadamente desde a 1.ª linha para a 2.ª.

No alto do frontespicio da egreja, está uma pedra quadrangular com uma inscripção gravada, que recorda o anno em que fôra concluida, (dois annos antes de toda a obra da egreja).

Este Frei Vicente foi eleito Geral em 1657, e reeleito em 1659: era natural do Porto.

Eis a inscripção alludida:

F. VICENTE RAN

GEL 2.ª V̄S̄ GERAL

ANN. 1659.

No anno de 1753 o D. Abbade Geral Frei José de S. Domingos, que no seculo se chamára Domingos de Paiva Chaves, nascido em S. Pedro do Sul no anno de 1690, accrescentou a capella-mór da egreja; e morreu como conventual n'este Mosteiro, ás 7 horas da manhã d'um sabbado, 6 de Dezembro de 1760.

Sobre o primeiro patamar da escada da portaria está pendente um grande quadro, que muitissimo se recommenda pela sua curiosidade historica, chamado *Arvore da familia Benedictina.*

Contêm na orla as *armas* de todas as nações do mundo, onde se estabeleceram conventos d'aquella Ordem.

Tirou-se uma copia d'este *grande quadro* para S. Bento de Lisboa.

No anno de 1621 foi eleito D. Abbade Geral Frei Martinho da Apresentação, nascido em Guimarães a 28 de Outubro de 1561.

Recebeu no baptismo o nome de Simão, que depois mudára para o de Martinho em honra do Padroeiro de Tibães, onde vestira a cogula monachal a 21 de Novembro de 1586: e era filho de Lourenço Golias de Guimaroens, senhor da nobre casa das Lameiras, em Guimarães.

Tendo sido nomeado Abbade do convento de Paço de Sousa, encontrou na respectiva egreja uma sepultura simples em que se guardavam os ossos de D. Egas Moniz com os de sua mulher e filhos; e trasladou-os solemnemente para um tumulo que elle collocára n'um arco da capella-mór, do lado do Evangelho.

Falleceu a 4 de Abril de 1631, sendo sepultado na egreja do convento de Pombeiro.

Em 1663, foi tambem eleito D. Abbade Geral o illustre religioso Frei Damaso da Silva (no seculo Miguel da Silva), natural de Guimarães, filho de Paulo de Freitas e Anna d'Azevedo.

Falleceu a 29 de Abril de 1672, no Mosteiro de Santo Thyrso, onde jaz sepultado.

D. Frei Jeronymo de Santiago, a terceira vez eleito Geral em 1672, reedificou n'esse mesmo

anno a galeria do primeiro claustro; e a isso se refere o lettreiro seguinte, gravado sobre a arcaria do nascente:

3.ª VES REEDIF. ANNO 1672

E' tambem obra sua o amplo pateo, que dá para a Portaria e egreja com largo escadorio; e a conclusão das duas torres em que mandára collocar os dois sinos maiores.

Além d'outros melhoramentos, fez á sua custa a capella do Santo Christo, onde jazem sepultados os seus restos mortaes.

O dormitorio novo, em que dormiam os Geraes, foi mandado fazer em 1686 pelo D. Abbade Frei Vicente dos Santos.

A casa da Livraria e a dos Capitulos Geraes, mandou-as fazer em 1699 o D. Abbade Frei Pedro da Ascenção, nascido em Braga no mez de Abril de 1653.

A capella de S. Bento, nos jardins da cêrca; e o grande escadorio que a ella conduz; assim como as suas curiosas fontes, tudo foi mandado fazer em 1725, pelo D. Abbade Frei Paulo da Assumpção.

O primeiro D. Abbade Geral, que usára o habito Prelaticio, foi D. Frei Manuel dos Serafins, cuja honra obteve por Breve de 5 de Abril de 1732.

O côro da capella-mór faz parte dos melhora-

mentos que realisára na egreja, em 1758, o D. Abbade Frei Francisco de S. José.

Pelas 10 horas da manhã d'uma quarta-feira 11 de Julho findo, manifestou-se junto ao primeiro claustro do convento um pavoroso incendio, que reduziu a cinzas uma parte importante do edificio, até proximo á sacristia.

Tudo desappareceria de prompto, se os soccorros se fazem esperar pouco mais.

O governo de Sua Magestade concorreu com 500$000 reis para a sua restauração.



SANTA MARIA DE MIRE

No Campo denominado do *Vigario*, pertencente á Quinta do Assento, na visinha freguezia rural de Mire, um pouco além dos *Doze Apostolos*, (pois chamam assim a uma duzia de corpulentos sobreiros que se agrupam á margem direita da estrada!), existiu outr'ora a primitiva egreja parochial de Mire, cuja fundação é tradiccionalmente attribuida a Theodomiro, rei dos Suevos, nos annos de 560; se é que não é ao seu successor Ariamiro, chamado usualmente Mire, nos annos de 570, por isso que reina grande incerteza na historia d'estes antigos reis, de que fôra côrte memoravel a nossa cidade de Braga (1).

(1) *Fr. Paulo Iañes*, Era y Fechos de España, L. II, C. XXVII.

O Arcebispo D. Frei Aleixo de Menezes, por Alvará de 6 de Novembro de 1614, uniu e incorporou esta freguezia ao Mosteiro de Tibães; e foi então que se mandou demolir a antiquissima egreja Matriz, que estava ameaçando ruina, ficando desde logo, para todos os effeitos, estabelecida a parochia no referido convento.

Os Religiosos Benedictinos obrigaram-se, por essa occasião, a mandar compor os caminhos vicinaes, para que os parochianos podessem commodamente concorrer ás missas, confissões, e demais actos do culto.

Passados dois annos, fez construir o D. Abbade Geral de Tibães, Frei Antonio dos Reis, (prelado pela 1.ª vez em 1614, e pela 2.ª vez em 1623, e pela 3.ª vez em 1632), a actual capella-egreja de Santa Maria de Mire, com seu alpendre, tudo d'um gosto simplissimo, a uns 200 metros de distancia da extincta egreja.

Mandou então gravar na padieira da porta a inscripção seguinte:

ORS.AD P.F.ANTo.DOS REIS.DÕ.ABBE̅ GERAL.DA ORDE.S.BETo
EN PORTVGAL.MANDOV.FASER.ESTA.ERMIDA.POR SVA
DEVAÇAM.ANNO.DOMINI.1616.

Onze annos depois, foi tambem gravada, no lado direito da mesma porta, uma quadra em

verso octo-syllabo, embora a esmo distribuida em seis linhas, estando na segunda *a vozes* em logar de *a vós:*

TODO MVNDO EM IE
RAL A VOZES RAIN
HA ESCOLHIDA DIG
AM. 9VE SOIS COMSE
BIDA SEM PECAD
OVRIGINAL 1627.

Por apresentação de Gonçalo Gomes, Abbade do Mosteiro de Tibães, foi confirmado João Martins em Reitor da egreja de Mire, na era de 1310 (anno de 1272).

Por fallecimento do Abbade Pedro de Sousa Faria, no anno de 1558, tomou posse da dita egreja de Mire, ás 2 horas da madrugada, o Mosteiro de Tibães.

Simão de Faria impetrou da Santa Sé renuncia d'esta egreja, obtendo-a em 1558; e como pretendesse ter direito d'apresentação, fez-se-lhe um contracto de obrigação, no mesmo anno, da pensão annual de 15$000 reis, imposta sobre os fructos da egreja.

O Arcebispo D. Balthazar Limpo (1550 a 1558), n'um Alvará escripto em pergaminho, reuniu, no sobredito anno, a dita egreja ao mesmo mosteiro de Tibães, repondo-a na fórma em que estava antes do Commendatario, que em seu tempo a desannexára.

FIM

INDEX

	Pag.
Insignia Fidelis & Antiquæ Bracaræ	1
Sé Cathedral	10
Conde D. Henrique	17
Infante D. Affonso	19
Capella de S. Pedro de Rates	20
Capella do Senhor da Piedade	23
Paço Archiepiscopal	24
Arcebispo S. Geraldo	28
Arcebispo D. Gonçalo Pereira	32
Arcebispo D. Lourenço	35
Arcebispo D. Diogo de Sousa	37
Arcebispo D. Frei Aleixo de Menezes	41
Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles	43
Rua de S. João do Souto	45
Egreja Parochial de S. João do Souto	47
Capella da Senhora da Conceição	57
Capella da Senhora da Abbadia	63
Castello da Cidade	64
Egreja dos Terceiros	68
Casa da Portagem	70
Fonte da Cárcova	72
Capella de Santa Anna	72
Capella de Santo Antonio	73
Convento do Populo	75
Fonte de S. Thiago	77
Capella do Senhor das Ancias	78
Convento do Salvador	78
Recolhimento da Caridade	80

	Pag.
Convento do Carmo	81
Egreja de S. Vicente	84
Capella de Guadelupe	87
Capella d'Infias	87
Fonte da Rua do Areal	91
Marco da Rua de Santa Margarida	92
Egreja Parochial de S. Victor	93
Egreja da Senhora-a-Branca	95
Asylo da Infancia Desvalida—D. Pedro V	96
Recolhimento das Convertidas	97
Convento dos Remedios	98
Fonte dos Granginhos	101
Hospital de S. Marcos	102
Egreja de Santa Cruz	110
Collegio de S. Paulo	112
Seminario Archidiocesano	118
Porta de S. Thiago	122
Capella das Santissimas Chagas	128
Rua de D. Frei Caetano Brandão	130
Capella de S. Sebastião	131
Meza do Campo das Carvalheiras	133
Duas Inscripções	136
Hotel do Igo	137
Egreja Parochial de Maximinos	138
Palacete dos Falcões	140
Cruzeiro de S. João da Ponte	140
Fonte dos Gallos	143
Capella de Santa Justa	143
Convento da Conceição	144
Ponte dos Pellames	148
Capella de S. Lourenço da Ordem	150
Convento de S. Fructuoso	151
Egreja Parochial de Lòmar	153
Bom Jesus do Monte	155
Sàmeiro	160
S. Gregorio do Monte	164
Mosteiro de Tibães	166
Santa Maria de Mire	176

